


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA M. TRAUTWEIN

DEPENDÊNCIAS MORFOSSINTÁTICAS ENTRE NÚCLEOS VERBAIS EM
SEQUÊNCIA E A DUPLA REALIZAÇÃO DO SUJEITO: AUXILIARES COMO
VERBOS DE CONTROLE

CURITIBA
Abril 2013.




Dr. Maximiliano Guimarães Miranda


Dr. Marcus Vinícius da Silva Lunguinho

Dr. Marcus Vinícius da Silva Lunguinho


Mariana Medeiros Trautwein



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

PARECER

Defesa de dissertação da mestranda MARIANA MEDEIROS TRAUTWEIN para obtenção do título de **Mestre em Letras**.

Os abaixo assinados MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA, MARCUS VINÍCIUS DA SILVA LUNGUINHO e ROBERLEI ALVES BERTUCCI arguiram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a dissertação:

“DEPENDÊNCIAS MORFOSSINTÁTICAS ENTRE NÚCLEOS VERBAIS EM SEQUÊNCIA E A DUPLA REALIZAÇÃO DO SUJEITO: AUXILIARES COMO VERBO DE CONTROLE”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Mestre em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
MAXIMILIANO GUIMARÃES MIRANDA		APROVADA
MARCUS VINÍCIUS DA S. LUNGUINHO		APROVADA
ROBERLEI ALVES BERTUCCI		APROVADA

Curitiba, 24 de abril de 2013

Prof.ª Dr.ª Teresa Cristina Wachowicz
Coordenadora

Dep. de Letras e Artes, Mod. 1
Univ. Federal do Paraná
Prof. DR. PAULO ALVES SOARES
Rua Coronel João Antônio, 400 - Jd. 1º
51160-970 - Curitiba - PR - Brasil

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIANA M. TRAUTWEIN

DEPENDÊNCIAS MORFOSSINTÁTICAS ENTRE NÚCLEOS VERBAIS EM
SEQUÊNCIA E A DUPLA REALIZAÇÃO DO SUJEITO: AUXILIARES COMO
VERBOS DE CONTROLE

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Guimarães

CURITIBA
Abril 2013.

Catálogo na publicação
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Trautwein, Mariana Medeiros

Dependências morfosintáticas entre núcleos verbais em sequência e a
dupla realização do sujeito : auxiliares como verbo de controle / Mariana
Medeiros Trautwein – Curitiba, 2013.

158 f.

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Guimarães
Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

1. Língua portuguesa - Verbos. 2. Língua portuguesa – Gramática.
I. Título.

CDD 469.5

Agradecimentos

Ao meu orientador Prof. Dr. Maximiliano Guimarães, pela oportunidade, confiança, dedicação e paciência. Agradeço o envolvimento com o trabalho e os valiosos ensinamentos.

Aos membros da banca examinadora, Marcus Lunguinho e Roberlei Alves Bertucci, pela atenção, pelos comentários e sugestões.

À Prof.^a Dr.^a Cilene Rodrigues, por participar da banca de qualificação, pela atenção e pelos comentários.

Aos professores da Pós-Graduação em Linguística que contribuíram durante esta jornada, especialmente à Prof.^a Dr.^a Maria José Foltran por todo o apoio.

À Prof.^a Dr.^a Patricia Rodrigues, pelo apoio e motivação desde a época da Graduação na PUC-PR.

Ao secretário Odair, pela atenção e presteza.

Aos queridos amigos e colegas do curso, pela convivência, discussões e risadas.

Agradeço especialmente a Andrea Knöpfle, Livy Real, Marcos Carreira e Andressa D'Ávila.

Ao CNPQ, pelo apoio financeiro.

À minha família, pela presença de sempre, e, sobretudo, pelo amor e apoio incondicionais.

Resumo

Esta dissertação de mestrado tem por objetivo avançar na compreensão dos verbos auxiliares do Português Brasileiro, ampliando as descrições e refinando as análises de seu comportamento. O próprio estatuto categorial dos verbos auxiliares será revisto com base em (i) dependências morfossintáticas e possibilidades de combinação em estruturas sequências de múltiplos auxiliares; e (ii) estruturas com dupla realização do sujeito, uma delas aparentando ser um pronome resumptivo.

Com base nas propostas de Chomsky (1957), Ross (1969), Lasnik (2000), Hornstein (2001, e trabalhos subsequentes) e Guimarães e Mendes (2013), propomos uma análise para dados como (1-3), paralelamente revendo algumas posições já sedimentadas sobre os verbos auxiliares do Português Brasileiro.

- (1)
 - a. O João_i vai ELE_i consertar o carro, já que ninguém se mexe.
 - b. Não sei por que ela_{i/j} está preocupada, Maria_i é ELA_i a linda do grupo.
 - c. Maria_i está ELA_i preparando a festa já que ninguém se manifestou.
 - d. João_i está ELE_i sendo o mal educado aqui, não o Carlos.

- (2)
 - a. Maria está ELA indo ficar chorando no ombro do Pedro, e não vice-versa.
 - b. Maria está indo ELA ficar chorando no ombro de Pedro, e não vice-versa.
 - c. Maria está indo ficar ELA chorando no ombro de Pedro, e não vice-versa.
 - d. *Maria está ELA indo ELA ficar chorando no ombro do Pedro, e não vice-versa.
 - e. *Maria está indo ELA ficar ELA chorando no ombro de Pedro, e não vice-versa.
 - f. *Maria está ELA indo ELA ficar ELA chorando no ombro de Pedro, e não vice-versa.

- (3)
 - a. O meninos querem ELES lavar o carro depois que ELES arrumarem a casa.
 - b. Os meninos parecem ELES estar conversando enquanto ELES estudam.

Os dados acima apontam que existe a possibilidade de “pronúnciação” de uma cópia baixa do sujeito que passa por processo de pseudo-pronominalização nos

sintagmas com os verbos auxiliares, desde que esse elemento esteja focalizado – por isso a notação em maiúsculas – e obrigatoriamente co-referencial ao sujeito.

Essa possibilidade de que verbos auxiliares licenciam estruturas de controle em que essa cópia baixa passa por um fenômeno de pseudo-pronominalização para ser pronunciada como anáfora associada com foco levanta diversas questões que são o cerne deste trabalho:

- (i) existindo uma posição *Spec* nos sintagmas nucleados por auxiliares, este seria de passagem obrigatória para os DPs sujeitos?;
- (ii) tendo que estar obrigatoriamente em foco essa cópia pseudo-pronominalizada, qual a informação focalizada, já que auxiliares são tradicionalmente considerados verbos não atribuidores de papel temático a um argumento externo?;
- (iii) os verbos auxiliares atribuiriam, então, algo como um papel temático, ou um papel *quasi*-temático, que possa servir de informação focalizada?;
- (iv) se esses verbos possuírem posição de argumento externo e atribuírem um papel temático ou *quasi*-temático, não seriam eles mais parecidos com os verbos plenos como defendeu Ross (1969)?;
- (v) nessa perspectiva, poderíamos, então, tratar os auxiliares como verbos de controle, dada a similaridade de seus comportamentos?

Abstract

This Master's Thesis aims at advancing our understanding of the behavior of auxiliary verbs in Brazilian Portuguese, expanding the descriptions and fine tuning the analysis of their behavior. The categorial status of auxiliary verbs itself will be revised based on (i) morphosyntactic dependencies and combination possibilities in sequences of multiple auxiliaries; and (ii) structures with two instances of the subject being pronounced, one of them in the form of an apparent resumptive pronoun.

Based on the proposals of Chomsky (1957), Ross (1969), Lasnik (2000), Hornstein (2001 and subsequent work) and Guimarães and Mendes (2013), we propose a new analysis the data suchlike (1-3). In parallel we review some well established positions about the behavior and description of auxiliary verbs in Brazilian Portuguese.

- (1)
 - a. O João_i vai ELE_i consertar o carro, já que ninguém se mexe.
 - b. Não sei por que ela_{i/j} está preocupada, Maria_i é ELA_i a linda do grupo.
 - c. Maria_i está ELA_i preparando a festa já que ninguém se manifestou.
 - d. João_i está ELE_i sendo o mal educado aqui, não o Carlos.
- (2)
 - a. Maria está ELA indo ficar chorando no ombro do Pedro, e não vice-versa.
 - b. Maria está indo ELA ficar chorando no ombro de Pedro, e não vice-versa.
 - c. Maria está indo ficar ELA chorando no ombro de Pedro, e não vice-versa.
 - d. *Maria está ELA indo ELA ficar chorando no ombro do Pedro, e não vice-versa.
 - e. *Maria está indo ELA ficar ELA chorando no ombro de Pedro, e não vice-versa.
 - f. *Maria está ELA indo ELA ficar ELA chorando no ombro de Pedro, e não vice-versa.
- (3)
 - a. O meninos querem ELES lavar o carro depois que ELES arrumarem a casa.
 - b. Os meninos parecem ELES estar conversando enquanto ELES estudam.

The data above indicate that there is a possibility of pronunciation of a lower copy of the subject that undergoes the process of what we call "pseudo-

pronominalization" in sentences with auxiliary verbs, wherein there is the restriction that this element that suffers pseudo-pronominalization must be focalized (that's why we use the notation with capitals notation), and co-referential with the subject.

The possibility that auxiliary verbs license control structures in which a low copy undergoes pseudo-pronominalization and is pronounced as an anaphora associated with focus raises several questions that are the core of this study:

- (i) since there is a Spec position in the AuxP, would the subject DP necessarily have to 'stop by' this position on its way to its final position?;
- (ii) given that the lower copy of the subject must be focalized to be pronounced, there ought to be some information being focalized; then what would that semantic information be, since auxiliaries are known for not assigning any thematic information to their argument?;
- (iii) would auxiliary verbs, then, assign something like a theta-role, or a *quasi*-theta-role, to serve as the focalized information?;
- (iv) if these verbs have an external argument position and assign a theta-role or a quasi-theta-role, wouldn't they be more like lexical verbs as defended by Ross (1969)?;
- (v) in this perspective, could we treat auxiliaries as control verbs, given the similarity of their behavior?

Sumário

Introdução	1
Capítulo I	
UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ESTUDOS DOS AUXILIARES EM PB	5
1.1. Uma contextualização dos estudos sobre auxiliares em PB.....	5
1.2 Auxiliares e ambientes sintáticos.....	7
1.3 Auxiliares: diferentes realizações do mesmo verbo?.....	10
1.4 Alguns outros estudos e a questão do ordenamento.....	14
1.5 Delimitando o foco da análise.....	17
Capítulo II.....	
DESCREVENDO O COMPORTAMENTO DOS AUXILIARES NO PB	21
2.1 A análise seminal de Chomsky (1957) em <i>Syntactic Structures</i>	22
2.2 As relações de dependência morfossintática no PB.....	26
2.3 Uma descrição individual.....	30
2.3.1 Metodologia para a compilação e análise da base empírica.....	31
2.3.2 Descrição individual do comportamento de cada auxiliar com dados da base empírica construída	34
2.3.2.1 SER.....	34
2.3.2.1.1 Quando único auxiliar da sequência	34
2.3.2.1.2 Na sequência de dois auxiliares.....	36
2.3.2.1.3 Na sequência de três auxiliares.....	37
2.3.2.2 ESTAR	39
2.3.2.2.1 Quando único auxiliar da sequência	39
2.3.2.2.2 Na sequência de dois auxiliares.....	40
2.3.2.2.3 Na sequência de três auxiliares.....	43
2.3.2.3 PERMANECER	46
2.3.2.3.1 Quando único auxiliar da sequência	46
2.3.2.3.2 Na sequência de dois auxiliares.....	47
2.3.2.3.3 Na sequência de três auxiliares.....	48
2.3.2.4 CONTINUAR	49
2.3.2.4.1 Quando único auxiliar da sequência	49
2.3.2.4.2 Na sequência de dois auxiliares.....	50
2.3.2.4.3 Na sequência de três auxiliares.....	51
2.3.2.5 ANDAR.....	52
2.3.2.5.1 Quando único auxiliar da sequência	52
2.3.2.5.2 Na sequência de dois auxiliares.....	53
2.3.2.5.3 Na sequência de três auxiliares.....	54
2.3.2.6 FICAR.....	56
2.3.2.6.1 Quando único auxiliar da sequência	56
2.3.2.6.2 Na sequência de dois auxiliares.....	57
2.3.2.6.3 Na sequência de três auxiliares.....	58
2.3.2.7 PARECER.....	59
2.3.2.7.1 Quando único auxiliar da sequência	59
2.3.2.7.2 Na sequência de dois auxiliares.....	60
2.3.2.7.3 Na sequência de três auxiliares.....	61
2.3.2.8 IR.....	63
2.3.2.8.1 Quando único auxiliar da sequência	63
2.3.2.8.2 Na sequência de dois auxiliares.....	63

2.3.2.8.3 Na sequência de três auxiliares.....	65
2.3.2.9 TER.....	67
2.3.2.9.1 Quando único auxiliar da sequência	67
2.3.2.9.2 Na sequência de dois auxiliares.....	68
2.3.2.9.3 Na sequência de três auxiliares.....	69
2.3.2.10 COMPARANDO AS CARACTERÍSTICAS DE SELEÇÃO DOS AUXILIARES	70
Capítulo III	
UMA NOVA VISÃO PARA O ESTATUTO DOS AUXILIARES: AUXILIARES COMO	
VERBOS DE CONTROLE.....	72
3.1 Syntactic Structures Revisited (Lasnik 2000).....	74
3.2 A proposta de Ross (1969).....	78
3.3 Motivação empírica	82
3.4 A “pronúnciação” de cópias nas estruturas auxiliares.....	96
3.4.1 Nas sentenças com apenas um auxiliar	96
3.4.2 Nas sentenças com mais auxiliares	100
3.4.3 A “pronúnciação” de mais de uma cópia simultaneamente	103
3.5 Uma proposta de análise	111
Considerações Finais.....	126
Referências Bibliográficas	128
Apêndice.....	133

INTRODUÇÃO

O objeto de investigação dessa dissertação, conduzida no âmbito da Teoria da Gramática Gerativo-Transformacional (Chomsky 1957, 1965, 1986, 1995), é o comportamento dos verbos auxiliares do Português Brasileiro. Os verbos auxiliares são conhecidos por se combinarem com uma forma não finita de um outro verbo para exprimir diferentes informações concernentes a tempo, modo, aspecto e voz. Queremos, porém, examinar a possibilidade de dar um tratamento unificado para esses verbos, englobando na nossa análise a predicação com as construções de *Small Clauses* como em “A Maria é/está/ficou/anda feliz”.

O interesse por esses verbos surgiu de experiências em sala de aula do Ensino Fundamental I, situação em que se constatou uma grande dificuldade de as crianças reconhecerem e classificarem os verbos auxiliares como tais, visto que não há critérios claros que ajudem a criança a identificá-los como verbos. Partindo dessa dificuldade, buscamos, na literatura linguística, ferramentas para essa identificação. Observamos, porém, que não há uma proposta que nos permita classificá-los de forma coerente e precisa tanto em relação à questão categorial, quanto em relação a suas características de seleção.

Devido a essa falta de consenso quanto à caracterização dos auxiliares, buscou-se encontrar, por meio da observação do comportamento dos auxiliares em seus possíveis ambientes sintáticos e de suas relações entre si, uma proposta de análise que tratasse de forma unificada esses verbos. Para tanto, sentimos a necessidade de fazer esse percurso “começando do começo”, partindo das observações e generalizações clássicas que, direta ou indiretamente, nortearam praticamente todos os trabalhos sobre auxiliares subsequentes, ainda que essa origem histórica não seja explicitamente reconhecida em alguns casos. Aqui, retomamos esse ponto de origem e partimos dele, com base em Chomsky (1957), Ross (1969) e Lasnik (2000) – esse último, uma releitura contemporânea do primeiro.

Assim, estabelecemos as seguintes questões para esta pesquisa:

1. O que são verbos auxiliares e quais suas propriedades?
2. Quais relações de predicação os verbos auxiliares podem estabelecer?

3. Quais as relações eles podem estabelecer entre si?
4. É possível dar um tratamento unificado para os verbos selecionados?

Muitos autores já trabalharam com alguma forma de descrição dos auxiliares em Português Brasileiro, doravante PB. Lunguinho (2005) faz uma ampla retomada de autores que tratam, direta ou indiretamente, da ordenação dos auxiliares, entre eles Lobato (1975), Perini (1976) e Pimenta-Bueno (1983). Apesar de muitos desses estudos não tratarem especificamente da ordenação de auxiliares nem de seu comportamento em detalhes, essas observações iniciais são de fundamental importância para o conhecimento que temos do sistema de auxiliares do PB e estarão incorporadas, em maior ou menor grau, à descrição e à análise aqui apresentadas.

O que já parece ter sido observado há algum tempo é que existiriam “subclasses” ou tipos de auxiliares distintos. Isso se daria devido ao tratamento que as gramáticas tradicionais dão aos verbos que classificam como auxiliares mesmo sem uma definição precisa da classe ou especificação da natureza dos verbos que fariam parte dela, como explica Lobato (1975:27):

(...) sob o rótulo de verbo auxiliar, tanto as gramáticas escolares quanto os trabalhos mais recentes classificam um número divergente de unidades: trata-se, ora de um sistema fechado de número variável de elementos nunca coincidentes, ora de um sistema aberto de número ilimitado de elementos

Este trabalho apresentará três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. No Capítulo I apresentaremos um panorama geral dos estudos sobre auxiliares no âmbito da Gramática Tradicional, dos estudos descritivos sobre o PB e das investigações científicas no quadro Gerativista¹. Com base nesses estudos, o que se pretende mostrar é a falta de uniformidade no tratamento da auxiliaridade, seja na concepção de quais são os auxiliares ou de quais são suas propriedades (problemas que são duas faces da mesma moeda). Neste capítulo também apresentamos os verbos auxiliares escolhidos para a descrição e análise nesta dissertação e os motivos que levaram a esse recorte. Especificamente, os verbos auxiliares sob investigação nesta pesquisa são: *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *continuar*, *andar*, *parecer*, *ir* e *ter*

¹ As referências à Teoria Gerativa, estão tratando da Teoria Gerativo-Transformacional de Chomsky (1957, 1965, 1986, 1995 entre outros).

No Capítulo II, será apresentado o estudo seminal sobre estrutura e ordenamento de auxiliares que Chomsky (1957) propôs em seu clássico livro *Syntactic Structures*, trabalho que não apenas revolucionou os estudos sobre morfossintaxe verbal, como também, e, sobretudo, impulsionou o desenvolvimento de toda uma nova abordagem teórica, introduzindo o conceito de Transformações Sintáticas.² Esse estudo clássico servirá de base para a descrição detalhada que se seguirá sobre as relações que os auxiliares investigados nesta dissertação mantêm entre si. Essa descrição contempla um grande número de dados e pretende demonstrar quais são as características de seleção dos auxiliares examinados.

O Capítulo III apresentará resenhas dos estudos de Lasnik (2000) e Ross (1969) que servirão de base para a proposta de análise que apresentaremos para dados do tipo “O João está ELE³ chorando e não o Claudio”, em há a presença de algo que, à primeira vista, parece ser um pronome resumptivo retomando um NP/DP c-comandante dentro do mesmo domínio sentencial. Em primeiro lugar, tomando-se *está* como um auxiliar numa estrutura monoclausal (sem subordinação), não é claro, em princípio, qual posição estrutural estaria disponível para ser ocupada por esse suposto pronome resumptivo. Em segundo lugar, a correferência obrigatória desse suposto pronome *ELE* com o sujeito *O João* violaria o Princípio B da Teoria de Ligação (Chomsky 1981). Trataremos esses casos como instâncias de “pseudo-pronominalização de cópias baixas focalizadas”. Baseando-nos em estudos de controle (Guimarães e Mendes 2012, 2013), e seguindo a *Teoria de Controle por Movimento* (Hornstein 1999, 2001; Boeckx & Hornstein 2003, 2004, 2006; Hornstein e Polinski 2010; Boeckx, Hornstein e Nunes 2010) na *Teoria de Movimento por Cópias* (Chomsky 1995; Hornstein 1995, 2001; Nunes 1995, 1999, 2001 2004; Corver e Nunes 2007) tentamos demonstrar que dados como esse nos levam a acreditar que verbos auxiliares são, na realidade, verbos de traço [+Aux] – ideia que nos remete à proposta de Ross (1969) – que constituem o núcleo de projeção AuxP

² A rigor, o “marco zero” da Teoria Gerativo-Transformacional não é *Syntactic Structures* (Chomsky 1957), mas *The Logical Structure of Linguistic Theory* (Chomsky 1955), que só viria a ser publicado em 1975. Seguiremos considerando Chomsky (1957) como a pedra fundamental dos estudos de morfossintaxe verbal não apenas por razões de facilidade de exposição. É fato que o impacto de Chomsky (1957) sobre as pesquisas linguísticas em geral foi bem maior que aquele exercido por Chomsky (1955), mesmo após sua publicação em 1975. Além disso, Chomsky (1957) incorpora e organiza a essência das idéias de Chomsky (1955), apresentando-as de forma muito mais clara, de tal modo que podemos tomar *Syntactic Structures* como nosso “marco zero” para os propósitos desta dissertação.

³ A marcação em maiúsculas indica incidência de foco.

(uma subvariante categorial de VP), cujo especificador seria uma posição EPP (preenchida pelo pseudo-pronome no exemplo citado acima). Além disso, contrariamente à tradição, afirmaremos que os auxiliares atribuem algo como um papel temático, um papel *quasi*-theta ao sujeito da sentença. Seguindo essa análise, esses verbos se envolvem em relações de subordinação e, além de introduzir noções aspectuais, são verbos independentes que licenciam estruturas de controle.

Como já dissemos, este trabalho procura testar a possibilidade de uniformidade de tratamento de verbos tratados como auxiliares. Procuraremos levar essa proposta ao limite. Na conclusão, apresentaremos nossas principais considerações sobre a análise empreendida aqui.

CAPÍTULO I

UMA CONTEXTUALIZAÇÃO DOS ESTUDOS DOS AUXILIARES EM PB

Este capítulo apresenta um panorama dos estudos sobre auxiliares, buscando observar a falta de consistência nos critérios que estabelecem a noção de auxiliaridade, fato este já observado por vários autores. Nosso principal objetivo aqui é estabelecer alguns parâmetros que guiarão nossa análise. Para tanto, vamos discutir a questão dos ambientes sintáticos, das propriedades que pretendemos observar e, a partir daí, delimitar que verbos serão o objeto de nossa análise.

1.1. Uma contextualização dos estudos sobre auxiliares em PB

A presente dissertação tem como objeto de pesquisa os verbos classificados como auxiliares pela tradição gramatical do Português do Brasil (doravante PB), verbos esses com estudo já bastante destacado na tradição gramatical. Dentre os primeiros trabalhos significativos sobre o tema em PB, podemos citar Tavares de Macedo (1972), Pontes (1973), Lobato (1975, 1986), Perini (1976) e, mais recentemente, Lunguinho (2005, 2011). Os estudos partem de caracterizações e critérios próprios de cada autor, chegando a diferentes resultados.

A nossa proposta aqui, como já dissemos, é testar possibilidade de levar ao limite uma análise unificada dessa grupo de verbos, tanto nas questões categoriais quanto em relação a suas características de predicação. Dessa forma escolhemos em nosso recorte, os verbos auxiliares *ser*, *estar*, *permanecer*, *continuar*, *andar*, *ficar*, *parecer*, *ter* e *ir*. Apesar de alguns desses verbos não aceitarem auxiliar uma predicação de *Small Clause*⁴ (doravante, SC), ainda assim decidimos por englobar os

⁴ O termo *Small Clause* (mini-orção) foi introduzido na linguística por Williams (1975), mas somente com a tese de Stowell (1981) é que ele ganhou sentido específico. Existe um grande debate sobre a legitimidade da existência de uma estrutura SC, visto que essa não seria licenciada nos modelos formais. Neste estudo, recorreremos à análise de Moro (2000) que trata as SC como pontos de simetria da derivação, uma solução inusitada e muito interessante que admite dois tipos de SC: as SC complemento de verbos denominados por Moro de Believe-Type verbs; e as Bare SC, que seriam complemento de 'be'. O autor reformula a proposta de Kayne(1994) de que o LCA – Axioma de Correspondência Linear – seja válido para todos os níveis de representação, mas realça que existiriam pontos de simetria que não desrespeitariam LCA, pois este seria exigência apenas em PF (sistema articulatório-perceptual (Chomsky, 1995)). (...)

verbos que são considerados auxiliares pela grande maioria dos estudos: *ir e ter*. Dessa forma, o que tentamos fazer é unificar o grupo dos auxiliares, demonstrando as distinções em seus critérios de seleção e não utilizar esses critérios de seleção como critérios para a própria auxiliaridade. Em primeira instância, *parecer* não faria parte do grupo, porém, após vasta observação de seu comportamento sozinho ou em combinação com os outros verbos aqui tidos como auxiliares, verificou-se que seus critérios de seleção têm muito em comum com os dos outros verbos, apesar de uma possibilidade de uso diferenciada em sentenças como “Parece que a Maria está feliz”. Essas sentenças serão observadas em maior detalhe no Capítulo III.

Acreditamos que um ensaio desse tipo, ainda não apresentado até o momento, poderá nos levar a ver a questão da auxiliaridade sob um novo ponto de vista. A falta de unidade nos estudos feitos até aqui foi o que gerou os questionamentos que motivaram esta dissertação.

Essa falta de consenso se manifesta inclusive na classificação de quais seriam os verbos que pertencem à classe dos auxiliares. Na tradição gramatical, os verbos chamados auxiliares englobariam uma série de subgrupos de propriedades nebulosas e de difícil compreensão. Na tradição da gramática normativa, os verbos auxiliares contariam, entre outros, com:

- auxiliares como *ser, ter, ir parecer*;
- aspectuais como *acabar de, começar a*;
- causativos como *mandar, deixar*;
- volitivos como *desejar, querer*;
- modais como *dever, poder*;

Rocha Lima (1986), ao tratar de verbos auxiliares, fala em “tempos compostos”, em que uma das formas nominais (infinitivo, gerúndio, particípio) é acompanhada de outro verbo, chamado *auxiliar*. Mas, ao citar exemplos, vai além dos tempos compostos. Afirmar que “São numerosos os *auxiliares* em Português: *querer* (quero sair), *estar* (estou escrevendo), *ficar* (fiquei a contemplá-la), *ir* (a tarde ia morrendo), etc. ...” (p.118).

(...)Para resolver a situação dos pontos de simetria antes de PF, Moro recorre ao movimento, e afirma ainda, que a motivação dos movimentos seria a eliminação destes pontos de simetria para que a estrutura possa ser linearizada em PF. Assim, em sua análise das estruturas SC, o movimento salvaria a estrutura, pois o vestígio não fica visível em PF.

Cunha & Cintra (1985) afirmam que os conjuntos formados de um verbo auxiliar com um verbo principal se chamam locuções verbais e, já na sequência, citam os exemplos: “Os auxiliares de uso mais frequente são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.” (p. 383). Um pouco mais adiante (p. 385), dizem que, além desses, “[O]utros há que podem funcionar como auxiliares. Estão neste caso os verbos *ir*, *vir*, *andar*, *ficar*, *acabar*, e mais alguns que se ligam ao infinitivo do verbo principal para expressar matizes de tempo ou para marcar certos aspectos do desenvolvimento da ação”. Nem Rocha Lima, nem Cunha & Cintra se preocupam em discutir as propriedades que tornam um verbo auxiliar.

Outros trabalhos de nível descritivo listam quais seriam os auxiliares e suas características, sem muita unidade ou critérios bem definidos. Para Perini (2010), os auxiliares são verbos de transparência valencial, isto é, um verbo de predicação transparente, visto que é o verbo principal que se apresenta como o predador da sentença. Perini classifica como auxiliares *ter*, *ir* e *estar*, chamando-os de formadores de “tempos compostos”. Contrariando as expectativas, o autor não inclui *ser* neste grupo, visto que faz referência às passivas de *ter* e exclui as com *ser* do capítulo. É interessante notar que apesar de o autor afirmar que *estar* é auxiliar de valência transparente no capítulo 24 da obra, ao analisar *ser* e *estar* no capítulo 4, esses verbos são caracterizados como de “valência muito complexa”.

Além desses auxiliares, Perini faz referência aos modais, considerando essa classe numerosa e heterogênea. Diz que também seriam verbos de transparência valencial. Essa classe englobaria os diversos verbos também considerados auxiliares pela tradição normativa como os preposicionados *começar a*, *acabar de*, *continuar a*, *dever* (no sentido de é provável). Não há menção a diversos verbos como *ficar*, *permanecer*, *continuar*, *andar* e *parecer*, que são frequentemente mencionados ao se falar de auxiliaridade. Não há também uma relação de quais os critérios sintáticos ou semânticos para que ocorra auxiliaridade.

1.2 Auxiliares e ambientes sintáticos

Ilari e Basso (2008), ao questionarem o que seria um verbo auxiliar, afirmam que uma resposta clássica seria a de que estes verbos desempenhariam “função gramatical” e afirmam:

“No que diz respeito à definição dos verbos auxiliares, os linguistas do português dispõem hoje de vários testes desse tipo: tipicamente distribucionais em sua natureza, esses testes dão conta de uma intuição que é muito forte para o falante nativo, a saber, que o verbo auxiliar não entra na sentença como um ‘segundo verbo’; ou, em outras palavras, eles dão conta da intuição de que o verbo auxiliar sempre se combina com um verbo de sentido pleno formando uma unidade que, do ponto de vista sintático, equivale a um verbo ‘simples’”. (p.178)

O que já parece ter sido observado há algum tempo é que existiriam “subclasses” ou tipos de auxiliares distintos. Essa observação partiria do tratamento que as gramáticas tradicionais dão a essa classe de auxiliaridade, tratamento no qual se inclui um grande número de verbos sem uma definição explícita da classe ou um esclarecimento da natureza desses verbos, como explica Lobato (1975):

(...) sob o rótulo de verbo auxiliar, tanto as gramáticas escolares quanto os trabalhos mais recentes classificam um número divergente de unidades: trata-se, ora de um sistema fechado de número variável de elementos nunca coincidentes, ora de um sistema aberto de número ilimitado de elementos. O problema do inventário dos auxiliares não é o único que surge após uma análise desse processo. Revendo o assunto, a linguística moderna se dá conta de sua complexidade e observa que a multiplicidade de critérios de que dispõe o linguista está na base das divergências entre as diferentes análises. (p. 27)

Pontes (1973) tratou especificamente da diversidade de critérios para classificação de verbos auxiliares, chamando a atenção para a falta de definição rigorosa e para a mudança de nomenclatura ao se nomear a expressão “aux + verbo”. Observa que as classificações são baseadas mais em critérios semânticos, o que cria uma contradição. Diz-se que o auxiliar é um verbo que na **locução verbal** perde seu significado próprio, que é um verbo secundário, cujo papel é apenas auxiliar o verbo principal na formação da conjugação composta, servindo para indicar tempo ou aspecto. Se é assim, não poderíamos segundo o autor, ao mesmo tempo, classificá-lo com base num significado que ele não tem. Pontes aponta, também, a dificuldade em se distinguir **tempos compostos**, **conjugações perifrásticas** e **locuções verbais**. A autora resume a posição de diferentes gramáticos que afirmam serem as locuções verbais diferentes dos tempos compostos: estes fariam parte da conjugação – como o pretérito perfeito composto – enquanto aquelas seriam formadas por outras sequências

verbais. Há ainda, segundo a autora, quem identifique como locução verbal qualquer sequência que funcione como um verbo simples. Por outro lado, há os que identificam locuções verbais com conjugações perifrásticas. O estudo de Pontes mostra, portanto, que não há consistência também nessa denominação.

Cabe questionar ainda o que são esses verbos quando estão em relação com SCs. Pela definição acima, podemos entender que os auxiliares são elementos exclusivamente pré-verbais, levando ao entendimento de que, quando em outro ambiente sintático, esses mesmo verbos não seriam auxiliares.

Ilari & Basso (2008) ainda afirmam, ao listar algumas das condições distribucionais desses verbos:

“(vii) por fim, para que possamos reconhecer o verbo como um autêntico auxiliar, é preciso que ele apareça numa posição altamente previsível, possivelmente em um ambiente sintático bem caracterizado e fixo. Uma das consequências disso é que não serão tratados como auxiliares, mas como verbos independentes, todos os verbos sujeitos a operações de deslocamento, alçamento, etc. que os afastem daquilo que poderia ser caracterizado como uma sintaxe mais fixa...”(p. 179)

É por esse último critério que os autores diferenciam auxiliares como *dever* de *parecer*. O primeiro seria um auxiliar por sempre se encontrar no mesmo ambiente sintático. Já *parecer*, apesar de apresentar comportamento similar ao de *dever* em mesmo ambiente sintático, por possuir outra possibilidade estrutural, deixa de ser considerado auxiliar. Abaixo, os exemplos utilizados por Ilari e Basso (2008, p.179):

- (1) a. O gás parece ter-se acumulado no porão.
b. Parece que o gás se acumulou no porão.
- (2) a. O gás deve ter-se acumulado no porão.
b. *Deve que o gás se acumulou no porão.

Para os autores, existe também uma grande lista de verbos auxiliares, na qual não consta o verbo aqui considerado auxiliar, *parecer*. O motivo para os autores não considerarem *parecer* um auxiliar foi deixado claro, porém nesta pesquisa optou-se pela sua inclusão devido ao seu comportamento semelhante ao dos outros auxiliares

quando nos ambientes sintáticos propícios, especialmente em ambiente de predicação SC.

1.3 Auxiliares: diferentes realizações do mesmo verbo?

Também é interessante notar que ao relacionar as necessidades morfossintáticas que cada verbo auxiliar exige do elemento verbal seguinte, os autores acima citados listam *permanecer* com duas possibilidades: “permanecer V-ndo” e “permanecer V-do”. A primeira refere-se a sentenças como “O João permanece chorando”. A segunda refere-se a sentenças em que *permanecer* não serve de auxiliar a um outro verbo, combinando-se com uma SC, como em “O João permanece cansado”. Apesar de não apresentarem o dado, apenas a característica, se essa se aplica a *permanecer* deve também se aplicar aos outros verbos como *ser*, *estar*, *ficar*, *continuar*, *andar*, que também aparecem nesse mesmo ambiente sintático.

Mesmo no âmbito dos estudos mais teórico-analíticos, há divergências quanto a quais seriam os verbos auxiliares. Muitos estudos consideram o amplo grupo da tradição normativa, mas outros estudos, como o de Wachowicz (2007), numa perspectiva mais semântica, e o de Lunguinho (2011), de um ponto de vista sintático, restringem os auxiliares a um grupo menor de verbos. Para Wachowicz (2007), os auxiliares seriam *ser* – *ir* – *ter*. Para Lunguinho (2011), o verbo *estar* também faz parte do grupo mais restrito de auxiliares por ser uma morfologização da derivação de *ser* quando relacionado a uma preposição interna. Para a formulação desse grupo menor, os autores contaram com diferentes recursos para refinar as propriedades de auxiliaridade e assim restringir o grupo retirando a maior parte dos verbos comumente associados aos auxiliares.

Lunguinho (2011), tendo como quadro teórico embasador o *Programa Minimalista* (Chomsky, 1995, 2000, 2001), lista as três principais propriedades dos verbos auxiliares. Eles seriam verbos do tipo [+V -N], isto é, verbos com propriedades verbais, não atribuidores de papel temático por não apresentarem conteúdo lexical/descritivo, compondo um mesmo domínio oracional com o verbo lexical. Porém o autor ressalva que “as propriedades elencadas acima, apesar de necessárias, não são suficientes para definir os verbos auxiliares” (p. 16), principalmente por não serem capazes de diferenciar um auxiliar de um copulativo em sentenças como “A Maria está chorando” e “A Maria está bonita”. Para dar conta

dessa distinção, Lunguinho (2011) acrescenta às propriedades dos auxiliares o caráter não valorado do traço V (i.e. a (sub)especificação [*uV*]), que forçaria o verbo a “se concatenar sempre com um constituinte que seja uma projeção verbal ou contenha uma projeção verbal” (p. 17).

Dessa forma, o autor reduz os verbos capazes de estabelecer relações de auxiliabilidade a *ir*, *ter*, *ser* e *estar*, sendo que o último entra na lista por se tratar de uma morfologização de *ser* combinado com uma preposição interna “invisível” seguindo uma corrente da literatura que considera que o verbo *estar*⁵ apresenta uma construção sintática complexa. Autores como Schmitt (2005), Avelar (2009), Gallego & Uriagereka (2009) e Zagana (2010) adotam essa perspectiva. Grosso modo, esses trabalhos propõem que há uma partícula ou um traço preposicional que, em certas situações, causa a transformação de *ser* para a forma *estar*.

O que podemos observar é que grande parte dos autores que trabalharam com auxiliabilidade antes desses estudos de Lunguinho (2005, 2011) postulavam diferenças entre, por exemplo, o auxiliar *estar*, a cópula *estar* e o locativo ou possessivo *estar* (cf. Avelar 2004, para uma discussão); algo como a distinção, nunca clara, que a Gramática Normativa faz entre verbos auxiliares e verbos de ligação. Também é importante notar que, ao falar de cópulas nos ambientes de SC, apenas *ser* e *estar* são considerados cópulas pela maioria dos autores que faz essa distinção, entre eles Lunguinho, apesar de outros verbos aqui apresentados exercerem a mesma função no mesmo ambiente com mudanças apenas aspectuais. *Ir* e *ter* não apresentam essa semelhança, já que não podem estar neste ambiente.

- (3)
- a. Maria é bonita.
 - b. Maria está bonita.
 - c. Maria ficou bonita.
 - d. Maria permanece bonita.
 - e. Maria continua bonita.
 - f. Maria anda bonita ultimamente.
 - g. Maria parece bonita.

⁵ Não se referindo necessariamente ao auxiliar *estar* que recebe outro verbo no gerúndio, visto que Avelar (2004), por exemplo, lida com um modelo semelhante ao tratar de *estar* em seus usos locativos e possessivos e não em relação de auxiliabilidade com um verbo principal.

h. *Maria vai bonita⁶.

i. *Maria tem bonita.

Foi esse tipo de sentença que motivou as nossas primeiras reflexões sobre esses verbos. No início, apenas contemplando o ambiente sintático de SC, tais verbos eram tidos como inacusativos, isto é, verbos que, segundo a Teoria de Princípios de Parâmetros (Chomsky 1981, 1986; Chomsky e Lasnik 1993), não possuem argumento externo, tomando a SC como seu argumento interno e único. Porém constatou-se que esses verbos além de atuarem de forma semelhante em ambiente de SC também o fazem quando agindo como auxiliares, precedendo um verbo lexical.

- (4)
- a. Maria foi vista por Claudio.
 - b. Maria está chorando.
 - c. Maria ficou chorando.
 - d. Maria permaneceu chorando.
 - e. Maria continua chorando.
 - f. Maria anda chorando ultimamente.
 - g. Maria parece chorar.
 - h. Maria vai chorar.
 - i. Maria tem chorado muito.

Fica claro que há propriedades distintas entre alguns destes verbos, como a forma nominal exigida por eles para o verbo lexical que os segue e o fato de *ser* só aceitar o papel de “auxiliar” de outro verbo em passivas, porém há também muitas semelhanças. Por isso escolheu-se trabalhar com esse grupo de verbos que chamaremos aqui sim de auxiliares, sem fazer distinção entre seus usos em (3) e (4). O grupo de verbos escolhidos como escopo desta pesquisa também conta com *ir* e *ter*, que não aceitam estar em predicação SC.

O que também podemos reparar é que enquanto os trabalhos de Tavares de Macedo (1972), Lobato (1975, 1986) e Perini (1976, 2010) usam um viés mais descritivo para tratar dos auxiliares, Lunguinho (2005, 2011) e Avelar (2004, 2009) já tomam como teoria embasadora o Programa Minimalista de Chomsky (1995, 2000,

⁶ Esclarecemos que não se trata do contexto de Maria ir a algum lugar bonita.

2001). Aqui, pretende-se buscar esse embasamento, resgatando trabalhos bem anteriores da Teoria Gerativa de Chomsky, os quais, embora defasados quanto a certos detalhes técnicos, trazem a essência do que veio a se consolidar posteriormente como mecânica básica de transformações, especialmente de movimento de núcleo verbal e de morfologia flexional verbal.

Chomsky (1957) foi um dos primeiros, senão o primeiro, a analisar em detalhe e profundidade o comportamento dos auxiliares *be* e *have* do inglês, assim como dos modais, mostrando que há uma ordem fixa entre esses termos e propondo uma transformação, *Affix Hopping*, para dar conta das dependências morfossintáticas desencadeadas por esses verbos. Neste primeiro sistema de Chomsky teríamos algo como (5), em que C seria um símbolo de concordância (algo, a grosso modo, equivalente ao Infl da GB, cf. Chomsky 1981), M representaria os modais e os elementos de natureza verbal HAVE e BE⁷ que apresentam o auxiliar e o afixo exigido por ele. O conjunto de regras sintagmáticas relevantes para a construção do domínio verbal nesse modelo seriam as seguintes (dentre as quais, a últimas é a mais importante para a nossa discussão).

- (5) a. VP → Verb (NP)
 b. Verb → Aux V
 c. Aux → C M (have + en) (be + ing)

Lasnik (2000) vem rever as generalizações feitas por Chomsky (1957) e propor uma forma mais contemporânea de conceber essas relações, baseada na Teoria X-Barra e no *Head Movement Constraint* (Travis 1984), porém mantendo a essência das ideias originais de Chomsky.

Outra proposta que na época não foi bem aceita e que, apesar de citada por alguns autores, não é muito referenciada em trabalhos atuais é a de Ross (1969), que objetiva a integração dos auxiliares no grande grupo dos verbos lexicais, ou verbos plenos. Para o autor, a diferença funcional entre esses verbos se dá por um sistema de traços⁸, os verbos “auxiliares” seriam V’s com um traço [+Aux], enquanto os verbos

⁷ Usamos HAVE e BE, em maiúsculas, como atalho notacional para (have-en) e (be-ing), respectivamente.

⁸ Lembro que Ross (1969) seguia uma linha dissidente da Gramática Gerativo-Transformacional, por isso sua análise não previa movimentos de elementos verbais equivalentes ao *Affix Hopping* de Chomsky (1957).

plenos teriam o traço [-Aux]. No seu sistema, os verbos de traço [+Aux] tomariam como complemento novas sentenças.

Esses estudos que servirão de base inicial para a análise dos auxiliares serão apresentados com mais detalhes ao longo desta dissertação.

1.4 Alguns outros estudos e a questão do ordenamento

Muitos autores já trabalharam com alguma forma de descrição dos auxiliares em PB. Lunguinho (2005) faz uma ampla retomada de autores que tratam, direta ou indiretamente, da ordenação dos auxiliares entre eles Lobato (1975), Perini (1976) e Pimenta-Bueno (1983) entre outros. Apesar de muitos desses estudos não focarem especificamente na ordenação de auxiliares nem em descrever seu comportamento em detalhes, essas observações iniciais são de fundamental importância para o conhecimento que temos do sistema de auxiliares do PB e serão apresentadas e discutidas rapidamente a seguir.

Ao pensarmos no ordenamento dos verbos auxiliares em PB, muitas questões já foram levantadas, principalmente sobre a ordenação de verbos de diferentes grupos, apesar de nunca se definir exatamente quais sejam esses grupos. Tavares de Macedo (1972, p.47) levantou que em PB há a ordem fixa entre os verbos *ir-ter-estar* e que a inversão desta ordem causaria uma “implausibilidade semântica”:

- (6) a. O João ia ter estado cantando.
- b. *João tinha ido estar cantando.
- c. *João tinha estado indo cantar.
- d. *João ia estar tendo cantado.

Os exemplos (6b), (6c) e (6d) não seriam possíveis por apresentarem uma “interrupção da continuidade pela anterioridade” visto que *ter-do* indica anterioridade e *estar-ndo*, continuidade.

Lobato (1986) apresenta uma proposta de análise dos auxiliares em que adota a proposta do complexo verbal de Emonds (1978). Na sua proposta, para captar a diferença entre auxiliares e verbos principais, a autora faz uso dos traços [+/- V, +/-

Aux]⁹. Segundo Lobato, verbos auxiliares como *ter* e *estar* seriam marcados no Léxico com os seguintes traços:

- (7) a. *estar*: [+V, +Aux] / [__ V']
 b. *ter*: [+V, +Aux] / [__ V']

Já a relação entre o verbo auxiliar e a forma do verbo que imediatamente o segue é dada por meio de regras morfofonológicas do componente Forma Fonética (PF) cujas formas são dadas abaixo:

- (8) a. $V \rightarrow V\text{-DO} / \textit{ter} \text{ __}$
 b. $V \rightarrow V\text{-NDO} / \textit{estar} \text{ __}$
 c. $V \rightarrow V\text{-DO} / \text{SN}_i \textit{ser} \text{ __ } v_i$ ¹⁰

Com essas regras, geram-se as formas morfossintáticas corretas para os verbos que imediatamente seguem os auxiliares: o verbo que imediatamente segue o auxiliar *ter* receberá a forma de particípio passado, o que imediatamente segue *estar* receberá a forma de gerúndio e o que imediatamente seguir o auxiliar de voz passiva receberá a forma de particípio passado. Ao listar as regras em (8), Lobato já percebe como as exigências morfossintáticas que os auxiliares apresentam são uma de suas características particulares mais marcantes.

Lobato (1975) apresenta uma proposta de critérios de auxiliaridade do português e, ao citar a questão da ordenação desses itens, faz algumas observações com relação aos modais. A autora afirma que a distinção entre os sentidos de *dever* e *poder* se dá na sua posição dentro do enunciado. Quando não precedidos mas seguidos de outro modal indicam possibilidade (*poder*) e probabilidade (*dever*).

- (9) a. Posso dever ir.
 b. Posso ter devido ir, mas...
 c. Maria deve ter podido estar cansada.

⁹ Essa notação vem do modelo de Emonds (1978) que a usa para tratar de alçamento no inglês e no francês. A classificação [+Aux] remonta a Ross (1969) como será apresentado no Capítulo II.

¹⁰ Trata-se do vestígio do NP objeto de V.

Quando precedidos por outros auxiliares indicam capacidade (*poder*) e necessidade (*dever*).

- (10) a. Devo estar podendo cantar.
b. Maria pode ter devido cantar.

Para a autora, quando *dever* e *poder* não são precedidos ou seguidos de outro auxiliar, esses verbos serão ambíguos.

Perini (1976) mostra que o constituinte Auxiliar (Aux) no PB comportaria três elementos básicos: *ter* + *-do*, *estar* + *-ndo* e *ir* + *-r*. Esses elementos básicos não podem aparecer em qualquer ordem, sendo *ir* + *-r* – *ter* + *-do* – *estar* + *-ndo* a única ordenação possível quando esses três auxiliares co-ocorrem. O autor novamente endossa a importante característica da imposição da forma morfológica às partículas verbais que sucedem os auxiliares.

Em sua obra mais recente, Perini (2010) confirma suas afirmações anteriores dando um pouco mais de clareza no que consideraria as propriedades das construções com auxiliar. Primeiramente, o autor caracteriza como auxiliares, verbos de transparência valencial, isto é, verbos que apresentam predicação transparente já que esses se associam a verbos principais, que são valenciados, e seguem as características de predicação desses verbos, não impondo requisitos de predicação próprios. O grupo de auxiliares contaria com *ter*, *ir* e *estar* e um grupo de *modais*, que contaria com outros verbos considerados auxiliares pela tradição gramatical como os preposicionados *começar a*, *terminar de* além de *dever* no sentido de probabilidade.

É importante ressaltar que o autor não demonstra a diferença entre os auxiliares e os modais que fariam parte do grupo dos auxiliares e que o verbo *ser* não é citado ao falar de auxiliaridade, o que é extremamente incomum. Além disso, há uma certa contradição na discussão da valência de *estar* visto que, anteriormente na obra, o autor afirma que a valência de *ser* e *estar* é muito complexa e não transparente.

Ao relacionar as propriedades das construções com auxiliar, apresenta apenas uma distinção entre auxiliares e modais afirmando que “um auxiliar (não modal) acrescenta ao verbo principal um ingrediente semântico que não é previsível a partir

de seu significado quando tomado separadamente. Já os modais têm significado constante em seu uso como auxiliar ou como verbo principal”, utilizando *andar* como exemplo de auxiliar (verbo não incluído na subseção dos auxiliares apresentada).

Parece-nos que, para o autor, os modais seriam os verbos que podem se auxiliarizar quando unidos a preposição como em: Maria (aux) começou a trabalhar; Maria começou o trabalho; ou verbos que podem ter dupla predicação como é o caso de *dever* com interpretação de probabilidade ou obrigatoriedade, em que apenas a primeira caracteriza uso auxiliar.

Novamente podemos perceber que não fica claro o que são auxiliares e quais são os verbos pertencentes a esse grupo, modais ou não modais. O autor também não apresenta observações quanto a possibilidades de combinações entre os auxiliares que não sejam *ir*, *ter*, *estar* ou as características desses em ambiente de *Small Clause*.

Longo (1991) acrescenta à ordenação de Perini o verbo *ser* ao fim da sequência, especificando que a ordenação deve seguir Aux (tempo) – Aux (aspecto) – Aux (voz), o que permitiria a geração de sentenças como “Quando você chegar, a costela já vai ter estado sendo assada há duas horas”. A autora também cita uma operação chamada *bloqueio*¹¹ que restringiria a repetição em sequência do mesmo auxiliar, porém em seguida já ressalta que esse mecanismo não opera de forma rígida, visto que há possibilidades de o mesmo auxiliar ser utilizado em sequência como em “João acabou de acabar a faculdade” e, como demonstraremos adiante no capítulo, “Maria sempre parece parecer cansada na frente de João”.

Podemos observar que esses estudos anteriores, apesar de apresentarem primeiras reflexões e descrições de extrema importância, não nos permitem postular a existência de uma classe definida, com propriedades unificadas e coerentes que nos apresente uma caracterização da auxiliaridade como já assumido anteriormente.

1.5 Delimitando o foco da análise

Como discutido anteriormente, os verbos que estarão no foco da discussão desta dissertação são *ser*, *estar*, *permanecer*, *continuar*, *andar*, *ficar*, *parecer*, *ir* e *ter*. Essa delimitação dos verbos foi feita, pois esses possuem um ou mais dos

¹¹ Termo emprestado do trabalho de Aronoff (1977).

comportamentos em comum e podem ser: (i) auxiliares para SC; (ii) auxiliares para VP; (iii) “auxiliares para auxiliares” como será demonstrado no Capítulo II.

Os questionamentos que norteiam esta pesquisa são:

1. Quais são as características e propriedades dos verbos auxiliares?
2. Assumindo a existência de uma classe de auxiliares, os verbos pertencentes a ela se comportam de forma homogênea ou podem ser subdivididos em grupos de comportamentos semelhantes?
3. Quais as relações que podem existir entre os próprios verbos auxiliares?
4. Quais suas possibilidades de combinação e quais as restrições impostas por esses verbos quanto a sua “complementação”.

Para que essas reflexões possam ser feitas, faz-se necessária uma descrição detalhada do comportamento dos auxiliares individualmente, como subgrupos e como classe categorial. Visto que o objetivo principal do estudo aqui apresentado é fazer uma descrição mais detalhada do comportamento dos verbos auxiliares individualmente e poder traçar paradigmas e parâmetros para sua análise, foi estruturado um conjunto de sentenças que continha os auxiliares em ambiente sintático de precedência imediata de uma SC ou de um VP. Essas sentenças pretendiam englobar as possíveis combinações dos verbos auxiliares escolhidos quando usados sozinhos ou em combinação com outro auxiliar da listagem que continha os 9 auxiliares que aqui serão descritos. Devido ao grande número de combinações possíveis, optou-se pela restrição da análise às sentenças com o número máximo de três auxiliares em sequência, podendo esses serem repetidos na combinação.

Após a compilação dos dados, as sentenças foram analisadas quanto à sua aceitação pelos falantes do PB. As sentenças que geraram maior estranheza, principalmente as de combinações de três auxiliares – presumivelmente por não serem frequentes na língua – foram apresentadas a falantes nativos do PB de diversas formas, em conversas informais, em textos escritos, em perguntas diretas, e com base em suas reações, creditaram-se os julgamentos de gramaticalidade/aceitabilidade. Essa observação foi realizada informalmente, especialmente em conversas do dia-a-dia, por isso não há registros formais ou quantitativos desses julgamentos.

Com todas as sentenças devidamente classificadas quanto à aceitabilidade, o próximo passo foi a análise das condições sintáticas que esses verbos impõem em seu uso. Para tal análise foram observados os critérios: 1. Possibilidades de predicação; 2. Possibilidades de precedência; 3. Possibilidades de sucessão; 4. Condições de dependência morfossintática.

Por exemplo, o verbo *ser* nos exemplos em (11) pode se combinar com uma SC como em (11)a, pode também estar em passivas com verbos não auxiliares (11)b. Quando em sequência, pode ser precedido pelos outros auxiliares (11)c, d, e, mas não pode precedê-los; o que restringe seu posicionamento na sequência à última posição (11)f, g. O verbo *ser* também exige que o verbo seguinte esteja na forma nominal de particípio, caso observado nas passivas (11)h, i.

- (11)
- a. Maria é bonita.
 - b. Maria foi vista na praia ontem.
 - c. Maria está sendo muito querida ultimamente.
 - d. Maria parece ser muito querida.
 - e. Maria pode ser estranha, mas é querida.
 - f. *Maria é/foi estado cansada.
 - g. *Maria é/foi continuado o trabalho.
 - h. Maria foi encontrada na biblioteca.
 - i. *Maria foi encontrando/encontrar na biblioteca¹².

Observando os exemplos em (12), podemos ver que *estar* tem um comportamento mais permissivo que o de *ser*. Ele permite a predicação com SC e com VP's na forma nominal de gerúndio, pode auxiliar outros auxiliares, assim como ser “auxiliado” por eles sem muitas restrições sintáticas.

- (12)
- a. Maria está bonita.
 - b. Maria parece estar muito querida ultimamente.
 - c. ?Maria continua estando muito querida.
 - d. Maria pode estar estranha, mas é querida.
 - e. Maria está parecendo cansada.

¹² Reiterando que a sentença é ruim se “foi” for a forma passada de *ser*, mas, se tratar da forma passada de *ir*, a sentença fica boa.

- f. Maria está continuando o trabalho.
- g. Maria está chorando.
- h. *Maria está chorado/chorar.

A maioria dos outros verbos em foco deste estudo comportam-se de forma muito similar a *estar*. Observemos que *parecer* que é um dos verbos que apresenta características mais distintas:

- (13)
- a. Maria parece bonita.
 - b. Maria parece gostar de dançar.
 - c. Maria está parecendo muito querida ultimamente.
 - d. Maria continua parecendo muito querida.
 - e. Maria pode parecer estranha, mas é querida.
 - f. Maria parece estar cansada.
 - g. Maria parece continuar o trabalho.
 - h. Maria parece ser outra pessoa.
 - i. *Maria parece sendo/sido outra pessoa.
 - j. Parece que Maria está cansada.

Com exceção da exigência morfossintática de infinito de *parecer*, *ser* exige particípio e *estar*, *ficar*, *continuar*, *permanecer* e *andar* exigem gerúndio. No dado em (8)j em que *parecer* ocorre em um ambiente sintático singular diante dos outros verbos, podemos observar que seu comportamento é muito similar ao de *estar*. Novamente reiteramos que é por esse motivo pelo qual *parecer* foi integrado ao grupo dos verbos investigados neste estudo.

É a partir de dados como os de (11), (12) e (13) que pretendemos diagnosticar, no Capítulo II, as semelhanças e singularidades entre os comportamentos desses verbos. Feito isso, poderemos, no Capítulo III, propor uma possibilidade de análise que trata o verbo auxiliar também como verbo de controle que licencia realização de múltiplas cópias do sujeito.

CAPÍTULO II

DESCREVENDO O COMPORTAMENTO DOS AUXILIARES NO PB

Como apresentado no Capítulo I, apesar de não haver consenso sobre quais são os verbos auxiliares e quais as suas propriedades, optamos aqui por analisar o grupo de verbos que, em geral, são classificados como tal e que se comportam de maneira semelhante entre si e, como observado ao longo da pesquisa, semelhante também ao comportamento dos verbos de controle.

Neste capítulo apresentaremos uma descrição de alguns comportamentos singulares dos verbos auxiliares aqui analisados (*ser, estar, ficar, permanecer, continuar, andar, parecer, ir, ter*) e principalmente das relações que esses mantêm entre si. Neste capítulo, pretende-se também fazer a apresentação dos dados e destacar algumas intuições e observações importantes sobre os comportamentos que serão demonstrados¹³.

Iniciaremos este Capítulo apresentando uma breve resenha da parte relevante de Chomsky (1957), obra fundacional na descrição e análise da morfossintaxe verbal do inglês (incluindo importantes questões de auxiliaridade) e que serviu de base para a compreensão da morfossintaxe verbal em diversas línguas. Apesar de reconhecidamente já estar um tanto defasada após os avanços técnicos da *Teoria de Princípios e Parâmetros* (Chomsky 1981, 1986; Chomsky & Lasnik 1993) e do *Programa Minimalista* (Chomsky 1995, 2000, 2001), seus *insights* analíticos e seu caráter unificador, como veremos a seguir, fazem com que essa análise clássica constitua uma ferramenta metalinguística bastante eficaz para nortear a descrição que será apresentada ao longo deste Capítulo, que versa sobre as relações de auxiliaridade e de dependência morfológica entre os verbos objeto desta pesquisa.

¹³ Retiramos da análise os conhecidos auxiliares pronominalizados por *se*, como *tornar-se*, esses dados tornariam nossa base empírica extensa demais para que nossa tarefa fosse exequível. Deixamos para trabalho posterior a análise desses verbos.

2.1 A análise seminal de Chomsky (1957) em *Syntactic Structures*

Antes de nos atermos especificamente à análise de Chomsky (1957) para o sistema verbal do inglês, comecemos observando alguns dados do PB que nos fornecem observações iniciais para guiar a exposição que se seguirá.

Quando observamos as sentenças com auxiliares do PB, podemos fazer algumas generalizações iniciais sobre o comportamento de tais elementos verbais. Primeiramente, sabe-se que o primeiro auxiliar (seja ele o único de uma sequência de auxiliares, ou não) é o elemento que porta as marcas morfológicas de tempo e modo semanticamente relacionadas ao predador principal, que expressa a ação ou o estado da proposição. O interessante é que o auxiliar (seja ele o primeiro da sequência ou não) é o que determina a morfologia do elemento verbal seguinte (seja este um auxiliar ou um verbo principal).

- (1)
- a. João está feliz.
 - b. João está cantando.
 - c. João tem cantado muito.
 - d. João vai cantar.
 - e. João vai estar cantando.

Os exemplos em (1) nos mostram que diferentes auxiliares impõem diferentes marcas morfológicas específicas ao elemento verbal imediatamente seguinte da combinação. Essa exigência se dá de forma cruzada, pois o morfema imposto pelo primeiro auxiliar acopla-se ao segundo auxiliar, que, por sua vez, impõe o morfema que se acopla ao terceiro elemento verbal da sequência, e assim por diante, tal como em (2):

- (2)
- a. João vai *est-*  *-r cant-* *-ndo*.

Esse tipo de generalização e análise remonta a um dos trabalhos fundacionais da Gramática Gerativa. Utilizaremos essa mecânica como ferramenta metalinguística para descrever e, posteriormente, analisar o comportamento dos auxiliares que constituem o objeto desta investigação.

Em *Syntactic Structures*, Chomsky (1957) propõe um novo modelo de estrutura sintática que envolve *transformações*, já que apenas regras sintagmáticas, *phrase structure rules* (doravante, *PS-rules*), não seriam suficientes para descrever diversos fenômenos da língua. Um de seus argumentos para esse novo modelo foi o comportamento do sistema de auxiliares do inglês, para o qual o autor propôs uma *PS-rule*¹⁴ e uma transformação principal¹⁵, o *Affix Hopping*.

O autor afirma que o estudo dos verbos auxiliares é de muita importância no desenvolvimento da gramática do Inglês, por isso ele faz uma série de generalizações sobre o possível comportamento dos auxiliares. Primeiramente ele observa que dentro do nóculo *Verb* (que, naquela análise, funcionava como o núcleo de VP¹⁶) deve haver uma estrutura auxiliar (que, segundo sua análise, estaria toda “empacotada” sob o nóculo não terminal *Aux*, imediatamente precedendo o verbo principal V. Na regra sintagmática de expansão de *Aux*, há uma sequência fixa de símbolos, sendo a maioria deles opcionais. Essa sequência começa por C, que corresponderia à marca obrigatória de tempo/modo e de concordância (com o NP sujeito). Seguindo imediatamente C pode-se ter a inserção de um modal (M) ou já a inserção dos auxiliares HAVE e BE. Essa forma de representação dos auxiliares em maiúsculas é uma forma reduzida de apresentação do auxiliar com sua exigência morfossintática, sendo que HAVE representa (*have* + *en*) e BE representa (*be* + *ing*). Nesses casos, ocorre dependência cruzada, isto é, o morfema exigido pelo auxiliar vai ser acoplado ao verbo seguinte (auxiliar ou não) por meio da transformação *Affix Hopping*. Para capturar essas generalizações, Chomsky formula a sua gramática com as seguintes regras sintagmáticas:¹⁷

- (3) a. $VP \rightarrow \text{Verb (NP)}$
- b. $\text{Verb} \rightarrow \text{Aux} + V$

¹⁴ A rigor, o formalismo de Chomsky (1957) envolve três *PS-rules* interdependentes para o sistema de auxiliares (cf. (3)a, (3)b e (3)c, abaixo). Entretanto, pode-se dizer que todas as restrições de ordem e todas as exigências morfológicas estão codificadas em apenas uma delas (cf. (3)c, abaixo).

¹⁵ Chomsky apresenta diversas transformações que se aplicam ao sistema de auxiliares: *Tnot* para a negação, *Tq* para as estruturas com Subject-Aux Inversion e *TA* para as estruturas de Affirmation entre outras. Essas transformações são opcionais diferente de *Affix Hopping* que é obrigatória.

¹⁶ Pode-se dizer que o núcleo do VP seria o próprio V, sendo Verb uma espécie de “projeção intermediária” de V, porém, de natureza diferente da projeções intermediárias da Teoria X-Barra que viria a ser desenvolvida muito posteriormente.

¹⁷ Posteriormente, Chomsky (1965) viria a fazer uma distinção entre as regras do tipo (3a,b,c) – *PS-rules* – e regras do tipo (3d,e) – *Lexical Insertion rules*. Tal distinção ainda não era feita no modelo de 1957.

c. $Aux \rightarrow C (M) (have + en) (be + ing) (be + en^{18})$

d. $V \rightarrow hit, take, walk, read...$

e. $M \rightarrow will, can, may, shall, must$

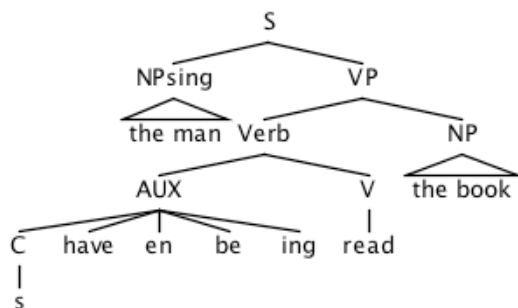
Sobre C e o *Affix Hopping* descreve:

- (4) a. $C \{-s \text{ in the context } NP_{sing}; \emptyset \text{ in the context } NP_{pl} - past\}$
 b. Let Af stand for any of the affixes *past*, S , \emptyset , *en*, *ing*. Let v stand for any M or V , or *have* or *be* (i.e. for any non-affix in the phrase *Verb*). Then: $Af + v \rightarrow v + Af \#$, where $\#$ is interpreted as word boundary.
 c. Replace $+$ by $\#^{19}$ except in the context $v - Af$. Insert $\#$ initially and finally.

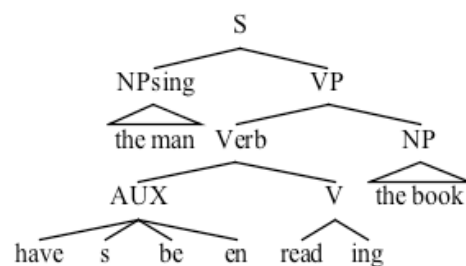
As regras apresentadas em (3) podem ser ilustradas pictograficamente nas estruturas em (5).

(5)

a)



b)



As ilustrações arbóreas acima nos mostram que $-s$ é o morfema de concordância que é acoplado ao primeiro elemento verbal da sentença (seja ele auxiliar ou não). No caso ilustrado em (5), tal elemento é *have*, que traz consigo o morfema $-en$ e o “transmite”, por meio de *Affix Hopping*, para o elemento verbal seguinte *be*, o qual, por sua vez, traz consigo o morfema $-ing$ e o transmite, via *Affix*

¹⁸ Quando há duas instâncias de *be*, a segunda recebe exigência morfosintática diferente como em ‘*Mary’s behavior has been beeing seen by everybody*’.

¹⁹ Em nota explica que em uma teoria de gramática mais detalhada, poder-se-ia interpretar $\#$ como um operador de concatenação no nível das palavras, enquanto $+$ é o operador no nível de *phrase structure*.

Hopping, para o verbo não auxiliar *read*, que originalmente não traz consigo nenhum morfema a ser transmitido adiante. Vejamos a aplicação destas regras no passo-a-passo da derivação da sentença.

(6) *the + man + Verb + the + book*

the + man + Aux + V + the + book (3(b))

the + man + Aux + read + the + book

the + man + C + have + en + be + ing + read + the + book (1(c))

the + man + s + have + en + be + ing + read # the + book (4(a))

the + man + have + s # be + en # read + ing # the + book (2(b)) 3x²⁰

#the # man # have + s # be + en # read + ing # the # book # (2(c))

A transformação *Affix Hopping* somente permite derivações semelhantes a (6), não causando sobreposição.²¹

Em linhas gerais, ao tratar do sistema de auxiliares em Inglês, Chomsky conclui que: (i) os auxiliares são opcionais na língua;²² (ii) existe uma ordem fixa, determinada pela PS-rule (3c), segundo a qual os auxiliares, quando usados, devem sempre preceder o verbo principal, na sequência (modal)>(HAVE)>(BE)>V; (iii) existe dependência morfossintática cruzada, em que o auxiliar determina a forma morfológica do próximo verbo: traz consigo do léxico o morfema que vai ser acoplado ao verbo que o sucede (auxiliar ou não) por meio da transformação *Affix Hopping*; (iv) há a aplicação de *Do-Support*²³ em algumas estruturas da língua.

²⁰ A regra de *Affix Hopping* é repetida três vezes.

²¹ Lasnik (2000, p. 37, 45 e 47) faz uma releitura de *Syntactic Structures* detalhando melhor as generalizações feitas por Chomsky na obra. Entre elas, as mais relevantes para os nossos propósitos são:

a) (106) “When a sentence contains a modal auxiliary (M), it is always the first thing after the subject”.

b) (107) “When HAVE and BE cooccur, BE immediately follows HAVE”.

O que essas duas generalizações nos afirmam é que em casos com três auxiliares em inglês, a única relação possível seria M HAVE BE. As próximas generalizações tratam das exigências morfossintáticas cruzadas de cada verbo:

c) (133) “Whatever ‘verblike thing’ is the first in a sentence, it will appear in the “present” or “past form”.

d) (142) “Whenever HAVE occurs, the very next “verblike thing” appears in the “perfect form”.

e) (144) “Whenever a modal occurs, the very next ‘verblike thing’ appears in the “bare form”.

f) (146) “Whenever BE occurs, the very next ‘verblike thing’ appears in the “progressive form”.

²² A PS-rule que os introduz (3c) é obrigatória, mas ela codifica por meio dos parênteses a opcionalidade dos auxiliares.

²³ Propõe a regra $\# Af \rightarrow \# do + Af$ para que, quando não houver auxiliar para receber uma transformação, como a negação, haja a inserção de *do*.

Apesar de todas as mudanças advindas da Teoria X-Barra (Stowell 1981, e trabalhos subsequentes) e da *Bare Phrase Structure* (Chomsky 1995, Capítulo 4), a essência da análise pioneira de Chomsky (1957) ainda se mantem, podendo as *PS-rules* em (3) acima ser traduzidas para formalismos mais contemporâneos. O mesmo pode ser dito acerca do *Affix Hopping*. Desde o trabalho de Travis (1984), tornou-se consensual, no âmbito da Teoria de Princípios e Parâmetros, que as raízes verbais é que se moveriam para a esquerda, acoplando-se aos afixos, num mecanismo inverso ao proposto por Chomsky. O verbo se moveria para o núcleo funcional mais próximo à esquerda, o qual, por sua vez, se moveria para o mais próximo à esquerda, etc. O núcleo funcional equivalente ao C de Chomsky (1957) seria o Infl, núcleo de InflP.²⁴ Desse modo, ainda encontramos as relações de dependência morfossintática cruzada. Além disso, as generalizações de *Syntactic Structures* ainda se mantêm no que diz respeito à relação travadas entre os modais, BE e HAVE.

É com base nessas generalizações de ordenamento e de dependências morfossintáticas que faremos a descrição dos principais auxiliares do PB na sequência.

2.2 As relações de dependência morfossintática no PB

As relações entre palavras em que uma altera a forma morfológica da outra são regidas por regras sintáticas e são chamadas de relações de dependência morfossintática. É o caso das relações que se estabelecem entre verbos auxiliares e as formas nominais que eles exigem.

As dependências morfossintáticas se dão nos diversos níveis da sentença e são chamadas pela Gramática Tradicional de regência podendo ocorrer no âmbito nominal ou verbal. Vários mecanismos foram criados para tentar descrever e explicar esse fenômeno morfossintático. O primeiro autor a reconhecer o caráter cruzado das dependências morfossintáticas e a propor um formalismo para isso, foi o próprio Chomsky em *Syntactic Structures*, de 1957. Como apresentado inicialmente,

²⁴ Não confundir esse C (=Concord) de Chomsky (1957) com o C (=Complementizer) do modelo de Princípios e Parâmetros.

Chomsky propõe uma regra transformacional, *Affix Hopping*, para que as dependências possam ser respeitadas durante a derivação.

Outros autores, como Pullum and Wilson (1977), defendem a proposta de Ross (1969)²⁵ de que auxiliares não seriam uma categoria distinta da categoria verbo. Eles seriam gerados exatamente como os verbos não auxiliares (ou verbos plenos), constituindo núcleos de VP, em estruturas com múltiplos VPs, relacionados uns aos outros via subordinação. Nessa perspectiva, dependência morfossintática é tratada como regência: uma palavra rege as características morfofonológicas de seu constituinte sucessor. Essa proposta, e como essa regência ocorreria, serão apresentadas no Capítulo III.

Há também quem defenda que as dependências morfossintáticas seriam o reflexo de relações de caso. Baker (1988) caracteriza essa relação de forma a alguns verbos modais e auxiliares serem atribuidores de caso e das formas nominais que podem receber, ou não, certo tipo de caso.

Há também o trabalho de Lobato (1986), citado no capítulo anterior, que defende regras morfofonológicas aplicáveis no componente PF. Seriam essas regras as responsáveis pela “mudança” de forma do verbo que segue o auxiliar. Lunguinho (2006), utilizando manipulação de traços dos itens lexicais, defende “que a dependência que os verbos auxiliares impõem aos seus complementos é o reflexo da interação dos traços dos próprios auxiliares com os traços dos seus complementos” (2006, p. 458). O autor propõe que as formas nominais do verbo têm traços de Modo e Aspecto e que são os verbos auxiliares que selecionam seu complemento por seus traços de Modo e Aspecto. Nessa percepção, as dependências morfossintáticas seriam a interação entre traços dos verbos auxiliares e traços das formas nominais que imediatamente os seguem (infinitivo, gerúndio e particípio), como (7) demonstra:

- (7)
- a. A menina *está* comendo/*comida/*comido/*comer uma maçã..
 - b. A menina *tinha* comido/ *comida/ *comendo/ *comer uma maçã.
 - c. A menina *vai* comer/ *comido/ *comida/ *comendo uma maçã.
 - d. A maçã *foi* comida/ *comido/ *comer/ *comendo pela menina.

²⁵ A análise de Ross (1969) será apresentada em maiores detalhes no Capítulo III.

Pode-se generalizar os padrões de seleção morfossintática dos auxiliares aqui analisados, e que serão exemplificados ao longo do capítulo, da seguinte forma:

- (8) a. *ser* (na passiva) → forma nominal de particípio
 b. *estar* → forma nominal de gerúndio
 c. *ficar, permanecer, continuar, andar* → forma nominal de gerúndio
 d. *parecer* → forma nominal de infinitivo
 e. *ir, poder, dever* → forma nominal de infinitivo
 f. *ter* → forma nominal de particípio

Baseando-se na descrição de Chomsky (1957), podemos mapear essas relações em (9).

- (9) Aux → C (Modal + _r) (*ser/ter* + _do) (*estar/ ficar/ permanecer/ continuar/ andar* + _ndo) (*parecer/ ir/* + _r²⁶)

Nessa visão de seleção de traços, Lunguinho (2006) defende que auxiliares têm certos traços de Modo e Aspecto e suas formas nominais teriam também traços que poderiam ser selecionados ou não pelos traços dos auxiliares.

O traço de Aspecto seria tratado como descrição do tempo interno de cada estado de coisas sem ter que fazer referência à enunciação. Haveria o aspecto perfectivo e imperfectivo: o primeiro trata-se de intervalo temporal completo e limitado, não há necessidade de se dividir temporalmente do evento; o segundo faz referência às diversas fases do evento.

O traço de Modo refere-se à maneira “de atualização do evento descrito no mundo real” fazendo com que haja eventos *realis*, isto é um evento factual, e os eventos *irrealis*, eventos não factuais.

Quando se refere aos traços das formas nominais específicas, Lunguinho defende (2006 apud Cunha & Cintra (2001: 483), p. 465):

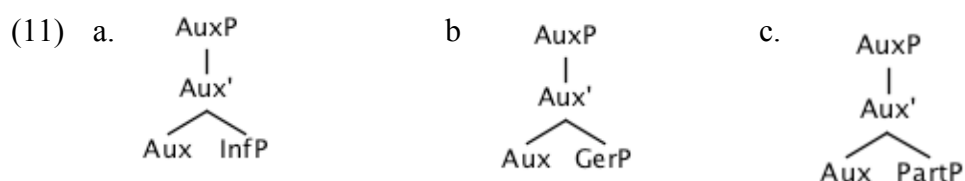
- (10) a. *Infinitivo* exprime o processo verbal em potência; exprime ideia de ação.

²⁶ Esse exemplo tem como objetivo apenas ilustrar as relações entre os auxiliares e as formas nominais por eles exigidas. Não se busca demonstrar aqui a questão de ordenamento entre esses grupos. Essa questão será abordada durante a descrição do comportamento desses auxiliares.

- b. *Gerúndio* exprime o processo verbal em curso.
 c. *Particípio* apresenta o resultado do processo verbal.

Utilizando como base autores como Pontes (1972), Almeida (1983), Câmara Jr (1970) e Wachowicz (2003), Lunguinho (2006) propõe que o infinitivo possui traço *irrealis* de modo e traço aspectual imperfectivo, descrevendo-o como “processo em potência”; o *particípio* e o *gerúndio* portariam traços *realis* de modo, porém seriam diferentes em seus traços aspectuais sendo o do *particípio* perfectivo e o do *gerúndio* imperfectivo.

Corso (2002) propõe que um auxiliar é também um inacusativo que c-seleciona um XP único encabeçado por um núcleo funcional que seleciona um VP, i.e., os núcleos funcionais (Inf), (Ger) e (Part) encabeçam o XP complemento dos auxiliares:



Pimenta Bueno (1983) apresentou uma análise de traços para *ir*, *ter* e *estar* atestando que o primeiro teria a especificação de traços [+AUX, - perfectivo]; o segundo seria [+AUX, + perfectivo]; e o último seria [+AUX, +durativo]; querendo dizer que *ir* denota uma ação não completada, mas possível de ser; *ter* denota uma ação completada; e *estar* denota uma situação em andamento.

As dependências morfossintáticas dos verbos auxiliares apresentam duas características principais: c-comando e localidade. Primeiramente, o auxiliar c-comandante influencia na forma do verbo c-comandado, seja ele auxiliar ou não. Além disso, tal relação de c-comando precisa ser imediata. Ou seja, entre um auxiliar c-comandante X e um verbo c-comandado Y que recebe sua morfologia de X, não pode haver nenhum elemento verbal Z, tal que X c-comande Z, e Z c-comande Y.

É importante ressaltar que, na próxima seção, ao tratarmos das possíveis seleções dos verbos auxiliares em questão, estaremos fazendo referência às dependências morfossintáticas que cada verbo impõe à sentença não-finita tomada como seu complemento. Tendo isso em mente, sentenças como “Maria está cansada”

aparecerão, porém queremos deixar claro que não consideraremos que esse constituinte “cansada” projete um constituinte PartP, e sim que faça parte do constituinte adjetival da SC [Maria cansada]. Acredita-se nisso, por duas razões. Primeiramente esse tipo de constituinte com morfologia aparentemente participial apresenta a mesma distribuição de adjetivos canônicos como “feliz” (“A menina feliz saiu”, “A menina cansada saiu”). Além disso, se essa morfologia aparentemente participial fosse oriunda de um núcleo T não finito, seria de se esperar que todo esse suposto constituinte PartP tivesse a mesma distribuição de TPs não finitos em geral (infinitivos ou gerundivos), podendo conter dentro de si outros constituintes verbais, sobretudo outros auxiliares, que por sua vez imporiam alguma restrição morfológica ao próximo verbo, dando assim continuidade à sequência. Contrariamente a isso, o que se observa é que sempre que esse tipo de morfologia participial aparece, ela está no final da sequência de dependências morfossintáticas verbais, jamais induzindo recursividade, como fazem os constituintes gerundivos e infinitivos. Talvez esse pseudoparticípio seja uma reanálise de algo que originalmente foi genuinamente morfologia de particípio num estágio anterior da língua. No entanto, dadas as razões acima, tudo indica que, sincronicamente, esses pseudoparticípios são parte integrante de adjetivos, constituindo assim o predador da SC. Desta forma, o único auxiliar dos aqui listados, que pode ter uma predicação de PartP seria *ser* nas passivas.

2.3 Uma descrição individual

Nesta seção poderemos observar o comportamento de cada um dos verbos auxiliares escolhidos como escopo desta pesquisa. Será apresentada a metodologia para a compilação da base empírica, onde detalhamos a criação das sentenças, além de uma estrutura simplificada das combinações de verbos auxiliares nas sentenças e uma descrição individual do comportamento de cada auxiliar com base no *corpus*.

2.3.1 Metodologia para a compilação e análise da base empírica

As sentenças analisadas foram criadas especificamente para esta pesquisa e foi utilizada uma combinação matemática para cobrir todos os possíveis arranjos entre os verbos e suas estruturas de predicação. Os verbos auxiliares ocorrem em duas estruturas de predicação: com complemento SC ou como auxiliar de outra estrutura VP. Normalmente os estudos de auxiliaridade tratam das relações apenas de predicação VP, justamente por tratarem de verbos que “auxiliam” outras estruturas verbais. Porém, neste trabalho, buscou-se uma unificação dessas duas possibilidades, pois não se acredita que existam diferenças significativas entre o comportamento destes verbos quando em predicação SC. Ross, ao unificar a classe dos auxiliares com a classe dos verbos em geral, propôs que um verbo com o traço [+Auxiliar] recebe como complemento uma sentença subordinada (cujo nóculo raiz S seria imediatamente dominado por um abstrato NP irmão do verbo). Não poderia ser esta uma unificação entre as possíveis predicções dos auxiliares? Poderíamos contemplar a possibilidade de um complemento verbal ou nominal ou de uma estrutura VP ou uma estrutura SC, apesar de esta última não ser uma noção conhecida na época?

Considerando, então, essas duas possibilidades de predicação, produziram-se sentenças que contemplassem cada auxiliar nesses dois ambientes e em duas situações: sentenças com somente um auxiliar; sentenças com um auxiliar associado a mais um auxiliar ou mais dois auxiliares.

- (12) a. Maria está feliz.
b. Maria está chorando.
- (13) a. Maria está sendo feliz.
b. Maria parece estar chorando.
- (14) a. Maria está parecendo ser feliz.
b. Maria continua parecendo estar chorando.

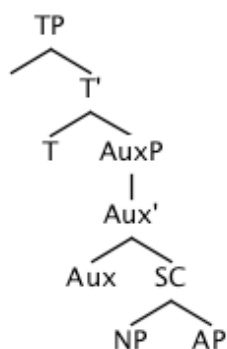
Combinaram-se os auxiliares em todas as posições e ordens possíveis dentro das estruturas com no máximo três auxiliares, formando sentenças como as descritas anteriormente. Sendo assim, considerando a possível repetição dos nove verbos (*ser*,

estar, ficar, permanecer, continuar, andar, parecer, ir, ter) em cada posição da combinação máxima de três auxiliares aqui analisada, foram criados três conjuntos, um com cada grupo de sentenças com a mesma quantidade de auxiliares.

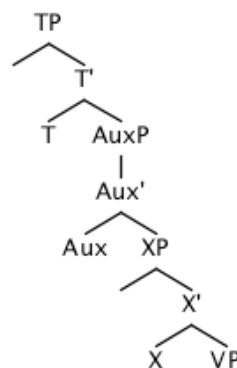
O primeiro conjunto conta com sentenças de apenas uma estrutura auxiliar (AuxP) que pode selecionar uma SC ou um XP, i.e., um InfP, GerP, PartP, de uma estrutura VP.²⁷ Voltemos ao exemplo em (12) com suas possibilidades estruturais em (15):

- (12) a. Maria está feliz.
b. Maria está chorando.

(15) a.



b.

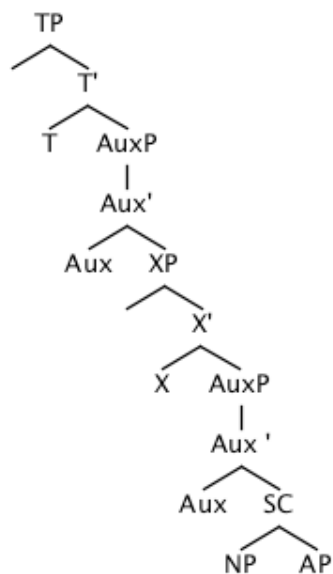


Já o exemplo (13) nos remete a sentenças com duas estruturas auxiliares:

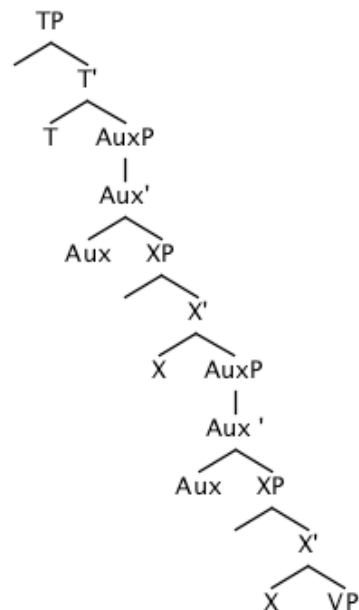
- (13) a. Maria está sendo feliz.
b. Maria parece estar chorando.

²⁷ Vale salientar que InfP, GerP, PartP seriam subtipos de um TP não-finito. Portanto, o que chamamos genericamente de XP aqui é, a rigor, um TP não-finito, cuja especificação exata (InfP, GerP, PartP) varia em cada caso.

(16) a.



b.

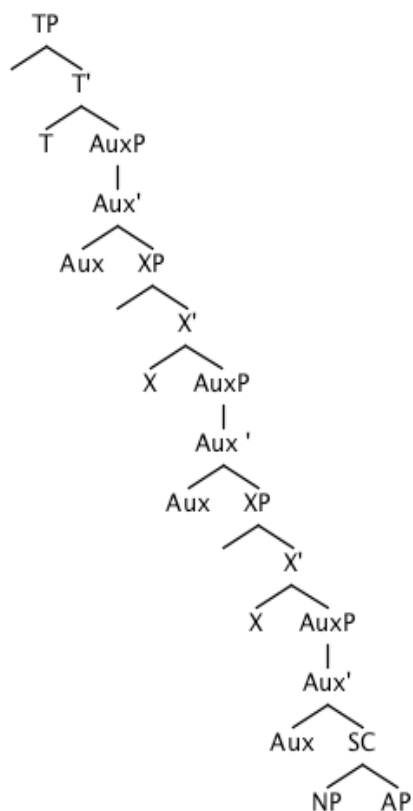


A relação entre três estruturas auxiliares é exemplificada em (14) e tem suas estruturas em (17):

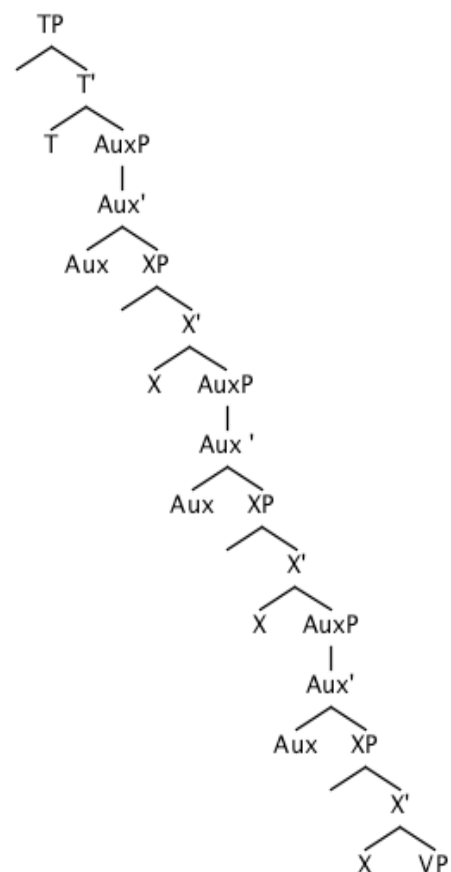
(14) a. Maria está parecendo ser feliz.

b. Maria continua parecendo estar chorando.

(17) a.



b.



Para observar o comportamento dos verbos em questão nas sentenças, sozinhos ou quando combinados com outros auxiliares, os seguintes critérios foram aplicados: possível localização do verbo na sequência de auxiliares combinados, possibilidades de precedência, possibilidades de sucessão, possibilidades de repetição de um mesmo verbo na sequência e aceitação de predicadores verbais ou nominais.

Todas as sentenças foram testadas com pelo menos 6 informantes leigos em questões linguísticas. Não foram utilizados os mesmos informantes para todas as sentenças visto que o volume era muito grande e o julgamento passaria a ser automático devido ao cansaço. As sentenças mais duvidosas, especialmente as que combinam três auxiliares, foram testadas com mais pessoas para evitarmos falso julgamento por uma margem muito pequena de informantes, já que não foi possível, por questões de tempo, ter um grupo maior. As sentenças que eram bem aceitas por mais de 50% dos informantes (pelo menos 4) foram consideradas boas e as sentenças bem aceitas por mais de 30% e menos de 50% dos informantes (pelo menos 2 ou 3) foram consideradas duvidosas.

2.3.2 Descrição individual do comportamento de cada auxiliar de acordo com os dados da base empírica construída

2.3.2.1 SER

2.3.2.1.1 Quando único auxiliar da sequência

O auxiliar *ser* aceita predicação de traço [+nominal]. Isso quer dizer que o auxiliar *ser* pode existir em contexto em que seu predador se apresente como um nome, um adjetivo ou uma forma verbal nominalizada (forma de particípio).

- (18) a. Maria foi/é/será criança.
b. Maria foi/é/será uma mulher.
c. Maria foi/é/será bonita/feliz.
d. Maria era/é/será animada.

Assim, o auxiliar *ser* pode ser combinado a *Small Clauses* como “A Maria (é) feliz”, “O João (é) um gênio” e pode formar passivas quando servir de auxiliar a uma forma de particípio em passivas como em “O livro foi escrito por Carlos”.

Ser pode se associar a outras formas verbais, em passivas, desde que essas sigam a exigência morfossintática que restringe a forma do elemento verbal sucessor, como observado em (19):

- (19)
- a. A escola foi pintada
 - b. O garoto foi visto pelos colegas
 - c. O trabalho é/será feito pela prefeitura.
 - d. *A escola foi/será pintando.
 - e. *O garoto foi vistando pelos colegas
 - f. * O trabalho será fazendo pela Prefeitura.
 - g. *A escola foi pintar.
 - h. *O garoto foi vistar/ver pelos colegas
 - i. * O trabalho será fazer pela Prefeitura.

Como dito anteriormente, as dependências morfossintáticas exigidas por cada auxiliar não são sempre as mesmas. *Ser* exige que seu sucessor esteja em uma forma nominal de particípio.

Pensando rapidamente no assunto, podem aparecer dúvidas quanto às características de dependência morfossintática de *ser* em sentenças como “A Maria foi estudando durante as férias”, porém, lembramos que, nessas sentenças, o que temos é o auxiliar *ir* no passado, que é fonologicamente idêntica à forma passada de *ser*. Sabemos que se trata- de *ir*, pois se tentarmos colocar a sentença no futuro de *ser*, não teremos sucesso: “*A Maria será estudando durante as férias”. Já com *ir* podemos ter “A Maria vai/ia/foi estudando durante as férias”. Também podemos perceber que o auxiliar *ir*²⁸ nesse tipo de sequência verbal traz uma ideia de movimento, apresentando assim a “ação” em estágios, além de exigir, para esta interpretação, que seu sucessor verbal esteja na formal [+nominal] de gerúndio.

²⁸ Será apresentado em maiores detalhes na sequência.

2.3.2.1.2 Na sequência de dois auxiliares

Quando *ser* é combinado com outro auxiliar na sentença, seu comportamento é mais restritivo. *Ser* pode estar em relação com outros auxiliares desde que o precedam.

- (20) a. Maria está sendo boba.
b. *Maria é/foi estado/estando boba.
- (21) a. Maria continua sendo boba.
b. *Maria é/foi continuada/continuando boba.
- (22) a. Maria tem sido boba.
b. *Maria é/foi tida/tendo boba²⁹.
- (23) a. Maria parece ser boba.
b. Maria é parecida com ...

Como observado nos exemplos acima, *ser* não pode estar em posição anterior a outro auxiliar. Sendo assim, *ser* só pode “auxiliar” um V se a sentença for uma passiva e não pode “auxiliar” uma outra estrutura auxiliar. Quando *ser* está em posição final da sequência de auxiliares, ele pode estar em relação com a maioria dos outros auxiliares como *estar*, *permanecer*, *continuar*, *ter* e recebe a forma nominal exigida pelo auxiliar precedente:

- (24) a. Maria está sendo uma boba.
b. Maria permanece sendo boba.
c. Maria continua/anda sendo boba.
d. Maria tem sido boba.
e. Maria parece ser boba.
f. Maria vai ser boba sempre.

²⁹ Durante a pesquisa do dado “Maria é tida como boba” surgiu como uma possível sentença no sentido de “Maria é vista como boba”.

- g. Maria fica sendo boba.
- h. Maria anda sendo boba.
- i. Maria foi/vai sendo boba e...

Também é importante notar que a combinação de *ser* com si mesmo acaba não sendo possível, principalmente por *ser* não poder agir como “auxiliar” de um auxiliar e, possivelmente, por relações aspectuais.

- (25) a. *Maria é/foi sida irritada.

2.3.2.1.3 Na sequência de três auxiliares

As características e exigências de *ser* em uma sequência de três auxiliares não se distinguem daquelas da sequência de dois auxiliares. Sendo assim, *ser* pode ocupar apenas a posição final da sequência, seja ela de dois, três ou quatro auxiliares, seguido de um elemento verbal + nominal (ou um NP parte de uma SC ou uma forma verbal/adjetival de particípio).

- (26) a. Maria parece estar sendo boba/controlada por Paulo.
 b. *Maria é parecida estar boba/controlada por Paulo.
 c. *Maria parece ser estado boba/controlada por Paulo.
- (27) a. Maria continua parecendo ser controlada por Paulo.
 b. *Maria continua sendo parecida controlada por Paulo.
 c. *Maria é/foi continuada parecida controlada por Paulo.
- (28) a. *Maria está continuando sendo controlada por Paulo.
 b. *Maria está sendo continuando controlada por Paulo.
 c. *Maria é/foi estado continuando controlada por Paulo.

A impossibilidade de (26, 27, 28)b. e c. se dá pela existência do duplo-gerúndio³⁰. Não se pode afirmar que esta restrição ocorre em todos os aspectos verbais da língua, porém no que diz respeito a estruturas com auxiliares que analisamos, o duplo gerúndio e o duplo particípio tornam a sentença, no mínimo, de difícil aceitação, senão impossível.

Observando o comportamento de *ser* podemos esboçar uma generalização: *Ser* pode ser encontrado em ambientes sintáticos de SC e passivas. Pode relacionar-se com outras estruturas auxiliares apenas sucedendo-as. Quando em passivas, *ser* exige que o elemento verbal [+nominal] que o suceda esteja no particípio. Além disso, *ser* deve ser sempre a última forma verbal da sequência de auxiliares e não pode “auxiliar” um auxiliar.

$$(29) [TP^{31} [AuxP \textit{ ser} \left\{ \begin{array}{l} SC \\ [PartP [VP]] \end{array} \right\}]]$$

(30)

SER	
Estruturas selecionadas por <i>ser</i>	<i>Small Clauses</i> e PartP's (passivas)
Pode ser precedido por	<i>Estar, permanecer, continuar, parecer, ter, ?ficar, ?andar, ?ir</i>
Pode ser sucedido por:	Formas nominais de particípio – nas passivas – NP's e AP's
Posição da sequência de auxiliares	Deve estar em posição final da sequência de auxiliares.
Exigência morfossintática	Forma nominal de particípio

³⁰ Consideramos como duplo gerúndio ou duplo particípio uma instância de duas ou mais formas nominais de gerúndio/particípio seguidas uma da outra sem nenhum outro constituinte entre elas. Acreditamos se tratar de característica dos auxiliares, pois sentenças com um auxiliar no gerúndio e um verbo não auxiliar no gerúndio parecem ser possíveis, como em “Continuando trabalhando desse jeito, você vai ter um troço!”. Esse tipo de relação entre auxiliar e não auxiliar no gerúndio não será analisada nesse estudo e o exemplo acima foi fornecido pelo membro da banca de defesa Marcus Lunguinho.

³¹ Usamos a notação TP como uma generalização das possíveis estruturas funcionais que possam manipular a morfologia temporal do verbo: um TP finito (passado, presente, futuro), um InfP, um GerP ou um PartP dependendo do núcleo que seleciona esse TP.

2.3.2.2 ESTAR

2.3.2.2.1 Quando único auxiliar da sequência

O auxiliar *estar* aceita predicação verbal e nominal/adjetival. Isso quer dizer que o verbo *estar* pode existir com um predicator que se apresente como um nome, um adjetivo, em uma SC, ou uma forma verbal nominalizada (forma de gerúndio). Diferente de *ser*, *estar* permite predicação verbal ou relação com outros auxiliares na forma grundiva.

- (31) a. Maria está cansada.
 b. Maria está uma princesa.
 c. Maria está estudando.
 d. *Maria está estudada/estudar.

É comum em PB usarmos a forma auxiliar + V_(ger) para expressar ações no presente. O uso apenas do verbo principal no presente, em geral, acaba sendo interpretado como ação habitual.

- (32) a. Maria está chorando.
 b. Maria chora (com frequência/todos os dias).

Outras diferenças que podemos observar entre os verbos conhecidos como cópulas é a incapacidade de *estar* entrar em relação, assim como de outros auxiliares, com certos adjetivos ou nomes que denotam características mais permanentes.

- (33) a. *Maria está criança³².
 b. ?Maria está uma mulher³³.
 c. Maria está bonita/feliz.

³² É interessante notar que quando com um advérbio de intensidade essa sentença torna-se aceitável: *Maria está muito criança*. Isso pode acontecer, pois com o advérbio “muito” a condição “criança” passa a ser mais passageira. Agradeço à Profa. Dra Cilene Rodrigues por esta observação.

³³ Exemplo aceito como comparação: “Ela era uma criança, mas agora está uma mulher”. Esse tipo de uso de *estar* com adjetivos de características mais permanentes vem se tornando mais comum em sentenças como “Maria está loira/ Maria está baixa”.

d. Maria está animada.

Assim, o auxiliar *estar* pode ser combinado a *Small Clauses* como “A Maria (está) feliz” e a GerPs como em “A Maria está chorando”³⁴.

2.3.2.2.2 Na sequência de dois auxiliares

Quando *estar* é combinado com outro auxiliar na sentença, seu comportamento é menos restritivo que o de *ser*. *Estar* pode ocupar qualquer uma das posições da sequência de auxiliares com poucas restrições de combinação:

- (34) a. *Maria é/foi estada boba.
 b. Maria está sendo boba.
 c. *Maria é/foi estado chorando.
 d. Maria está sendo vista por João.
- (35) a. ?Maria fica estando cansada com frequência³⁵.
 b. Maria está ficando cansada.
 c. *Maria fica estando estudando.
 d. *Maria está ficando estudando³⁶.
- (36) a. ?Maria permanece estando cansada³⁷.
 b. Maria está permanecendo cansada.
 c. *Maria permanece estando chorando.

³⁴ Na qualificação, foi levantada a questão do verbo *passar*, que, quando em contexto de “passar o momento” ou “estar”, comporta-se basicamente da mesma forma que *estar*, apesar de não poder ter um NP complemento. Agradeço à Profa. Dra Cilene Rodrigues por mais essa observação.

a. A Maria passa bem.
 b. A Maria passa doente.
 c. *A Maria passa uma mulher.
 d. A Maria passa cantando.

³⁵ No contexto de que Maria está sempre cansada, assim ela fica nesse estado, de estar cansada, com frequência. Trata-se de uma sentença pouquíssimo aceita, porém, nesse contexto, alguns informantes a consideraram boa.

³⁶ Quando *ficar* é interpretado como referência a um local, a sentença se torna boa: *Maria está ficando (aqui) estudando até tarde todas as noites*. Exemplo dado pelo membro da Banca Marcos Lunguinho.

³⁷ No contexto de que Maria está sempre cansada, assim ela permanece nesse estado, de estar cansada, com frequência. Esta sentença também foi pouco aceita, sendo preferível a mesma sentença com o auxiliar *continuar* em (37)a.

- d. *Maria está permanecendo chorando.
- (37) a. ?Maria continua estando cansada³⁸.
 b. Maria está continuando cansada.
 c. *Maria continua estando chorando.
 d. *Maria está continuando chorando.
- (38) a. ?Maria anda estando cansada.
 b. ?Maria está andando cansada ultimamente.
 c. *Maria anda estando chorando.
 d. *Maria está andando chorando³⁹.
- (39) a. Maria parece estar boba.
 b. Maria está parecendo boba.
 c. Maria parece estar chorando.
 d. Maria está parecendo chorar.
- (40) a. Maria vai estar cansada amanhã.
 b. *Maria está indo cansada amanhã.
 c. Maria vai estar chorando amanhã.
 d. Maria está indo chorar.
- (41) a. Maria tem estado cansada ultimamente.
 b. *Maria está tendo cansada.
 c. ?Maria tem estado chorando muito.
 d. *Maria está tendo chorado muito.

Em cada um dos exemplos acima podemos observar a combinação de *estar* com um outro auxiliar, tanto no ambiente sintático de SC, quanto com um VP

³⁸ No contexto de que Maria está sempre cansada, assim ela continua nesse estado, de estar cansada, com frequência.

³⁹ Seria possível se esse *andar* expressasse outra entrada lexical no sentido de *caminhar*: Maria está caminhando chorando. Este mesmo caso ocorre nas outras sentenças que apresentam duplo gerúndio com *andar*, nas sequências de dois auxiliares, ou de três se *andar* for o último da sequência como em: Maria parece estar andando chorando.

complemento. Já em uma primeira verificação, percebe-se que o auxiliar *estar* é muito mais permissivo que *ser*. Observando mais atentamente, também se percebe que grande parte das impossibilidades provavelmente são causadas por outros fatores, como restrições aspectuais ou pragmáticas⁴⁰, e não necessariamente por restrições de seleção de *estar*.

Os dados em (34) apresentam impossibilidades já previstas pelas propriedades de *ser* que não pode “auxiliar” uma estrutura auxiliar como apresentado anteriormente. Já as irregularidades em (35), (36), (37), (38) em seus respectivos subitens c. e d. se dão pela existência de duplos gerúndios, já que o auxiliar assume essa forma por exigência do auxiliar precedente assim como o verbo lexical.

Outras impossibilidades se dão em (40) e (41) com os auxiliares *ir* e *ter*. Nas sentenças b. dos dois exemplos, a agramaticalidade se dá por esses verbos não poderem se encontrar em ambiente sintático de SC. A sentença em (39)d. apresenta uma particularidade do auxiliar *ter* que não aceita que os auxiliares de exigência morfossintática de gerúndio o precedam⁴¹.

Essas mesmas situações citadas nos dois parágrafos acima ocorrerão nas relações com grande parte dos outros auxiliares que apresentaremos neste capítulo e

⁴⁰ Infelizmente, por questões de tempo de pesquisa, não poderemos nos aprofundar em quais questões aspectuais e pragmáticas seriam essas exatamente. Devido ao grande volume de dados, essa pesquisa foca apenas na parte sintática, deixamos assim, a interface com as questões aspectuais semânticas para pesquisas futuras.

⁴¹ Não se sabe exatamente por que *ter* apresenta essa restrição. Acredita-se ser por motivos aspectuais visto que quando colocado no gerúndio, o intervalo temporal sobre o qual *ter* age parece se modificar demais. Descritivamente, podemos afirmar que, com exceção de *parecer*, *ter* não pode ser “auxiliado” por outro auxiliar dos aqui estudados. Analiticamente, admite-se que esta é uma afirmação perigosa, pois, colocando a restrição de selecionador a *ter*, se atribui características de dupla seleção a ele e se faz necessário haver um modelo diferenciado para essa especificidade. No futuro as propriedades de *ter* nas relações com estes auxiliares terão que ser analisadas mais detalhadamente.

- (i)
 - a. Maria tem estado chorando muito.
 - b. *Maria está tendo chorado muito.
 - c. Maria tem continuado chorando muito.
 - d. *Maria continua tendo chorado muito.
 - e. Maria tem ficado chorando muito.
 - f. *Maria fica tendo chorado muito.
 - g. Maria tem andado chorando muito.
 - h. *Maria anda tendo chorado muito.
 - i. Maria tem parecido chorar muito.
 - j. Maria parece ter chorado muito.

Lembro que o auxiliar *ter* não entra no escopo dos verbos descritos neste capítulo, mas, dado que suas relações com os auxiliares aqui descritos são exploradas, achou-se necessária essa observação. Também admitimos que nos dados (i) e (j) acima temos mais uma característica que diferencia *parecer* dos outros verbos no cerne desta descrição, mas mantemos sua “classificação” de auxiliar por ele também poder se comportar de forma muito semelhante a esses outros verbos.

essas considerações não serão repetidas toda vez pois, apesar de se tratarem de exemplos com outros auxiliares, a impossibilidade das sentenças se dá pelos mesmos motivos.

Quanto às restrições mais específicas de *estar* nessas relações com outros auxiliares, reiteramos que acreditamos que elas se justificam mais por outros fatores do que por restrições sintáticas de seleção de *estar*.

Os dados em (35)a, (36)a, (37)a e (38)a não são muito naturais nem em um contexto pré-definido. Acredita-se que essas estranhezas se dão por relações aspectuais não tão compatíveis. Entre *ficar* e *estar*, em (35)a, há a continuação de um estado anterior (*ficar*) sobre um estado temporário (*estar*), o que parece alongar, quem sabe demais, a duração desse estado. Frisa-se que essas sentenças não são impossíveis e acreditamos que sua estranheza vem desses contrastes aspectuais mostrados acima e por haver outras formas com mais força pragmática, i.e., sentenças que similares semanticamente e que são preferidas pelos falantes no uso cotidiano (sentenças sem o auxiliar *estar*, apenas com o auxiliar “principal”). Os informantes mostraram-se mais avessos ao uso de *estar* no gerúndio em geral. Quanto a (38)b, o problema encontrado foi que, para muitos, *andar* precedido de *estar* tratava-se de outra entrada lexical de *andar* no sentido de caminhar.

A combinação de *estar* com ele mesmo não apresenta uma forma muito natural de uso cotidiano, muito provavelmente por apresentar uma redundância desnecessária, mas poderia existir como em (42):

(42) a. ?Maria está estando nessa fase há tempos⁴².

2.3.2.2.3 Na sequência de três auxiliares

As características e exigências de *estar* em uma sequência de três auxiliares não se distinguiriam daquelas da sequência de dois auxiliares.

(43) a. Maria está parecendo ser controlada por Paulo.

⁴² Essa sentença foi apresentada por um informante em um contexto de querer dar ênfase a uma situação. A situação era a Maria estar numa fase ruim há tempos e todos viverem falando isso, até a hora que alguém se irrita e fala “Maria (es)tá **estando** nessa fase há tempos, hein!” com uma entonação maior, uma incidência de foco no “estando”.

- b. Maria parece estar sendo controlada por Paulo.
- c. *Maria parece ser estado controlada por Paulo.
- (44) a. Maria está parecendo ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
 b. *Maria está ficando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
 c. ?Maria fica parecendo estar chateada de propósito/chorando de propósito.
 d. *Maria fica estando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
 e. Maria parece estar ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.
 f. ?Maria parece ficar estando chateada de propósito/*chorando de propósito.
- (45) a. ?Maria vai ficar estando chateada de propósito/*chorando de propósito.
 b. Maria vai estar ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.
 c. Maria está indo ficar chateada de propósito/chorando de propósito⁴³.
 d. *Maria está ficando indo chateada de propósito/chorar de propósito.
 e. *Maria fica indo estar chateada de propósito/chorando de propósito.
 f. *Maria fica estando indo chateada de propósito/chorar de propósito.
- (46) a. *Maria está continuando andando chateada/chorando ultimamente.
 b. *Maria continua estando andando chateada/chorando ultimamente.
 c. *Maria anda continuando estando chateada/chorando ultimamente.

Podemos observar que as regras de combinação de *estar* vão estar relacionadas com as regras de combinação dos outros auxiliares. Sendo assim, *estar* não pode ser precedido por *ser*, como nos mostra (43)c. Em (44) as impossibilidades de b e d, assim como as de complementação VP em e e f se dão pela existência do duplo gerúndio, apesar de d. também apresentar aquela relação duvidosa de *ficar* precedendo *estar* relatada anteriormente. (44)d, apesar de ter *parecer* intercalado entre *ficar* e *estar*, a estranheza permanece o que nos leva a acreditar que, mesmo com outro elemento auxiliar no meio, essa relação duvidosa se sobressai. Em (43) o mesmo ocorre: há restrições de duplo gerúndio em diversos casos e a mesma relação duvidosa em a.

⁴³ Não conseguimos clarificar com certeza se este “*indo*” é a forma nominal do auxiliar ou do verbo de movimento. É necessário um aprofundamento nessa questão em pesquisas futuras.

O que (46) vem confirmar é que, visto que a maioria dos verbos em foco neste estudo tem exigência morfossintática de gerúndio, o duplo-gerúndio ocorre muito nos padrões de combinação quando temos três auxiliares na sequência. Por isso, as sequências que envolvem um auxiliar de outra preferência morfossintática têm maior possibilidade de sucesso.

Ainda podemos observar que a interação de *estar* com ele mesmo parece formar sentenças melhores se intercalados com outro auxiliar, desde que respeitadas as outras restrições existentes. Sendo assim, não poderá estar em sequência de duplo gerúndio ou de duplo participípio:

- (47)
- a. Maria está parecendo estar cansada/chorando.
 - b. Maria está podendo estar cansada/chorando.
 - c. Maria está indo estar (chorando) com o Cláudio⁴⁴
 - d. *Maria está continuando estando cansada/chorando.
 - e. *Maria esteve tido estado como morta.

Observando o comportamento de *estar*, podemos esboçar uma generalização sobre seu comportamento: *estar* pode ser encontrado em ambientes sintáticos de SC e como auxiliar de VPs na forma nominal de gerúndio. Pode ainda relacionar-se com outros elementos auxiliares, precedendo ou sucedendo-as. Pode ser combinado com outra instância de si mesmo, preferencialmente intercalado com outro auxiliar.

$$(48) \left[TP \left[AuxP \text{ est-} \left\{ \begin{array}{l} SC \\ [GerP \left\{ \begin{array}{l} AuxP \\ VP \end{array} \right\}] \end{array} \right\} \right] \right] \right]$$

(49)

ESTAR	
Estruturas selecionadas por <i>estar</i>	<i>Small Clause</i> e GerP
Pode ser precedido por	<i>permanecer, continuar, parecer, ter, ?ficar, andar, ir</i>
Pode ser sucedido por:	<i>Ser, ficar, parecer, permanecer, andar</i>

⁴⁴ “*estar indo estar com o Cláudio*” no sentido de “*estar indo ficar com Cláudio*”.

	<i>continuar, ir</i>
Posição da sequência de auxiliares	Pode estar em qualquer posição desde que siga as restrições dos verbos com os quais é combinado.
Exigência morfossintática	Forma nominal de gerúndio

Os próximos verbos a serem descritos (*permanecer, continuar, andar e ficar*) se comportam de forma muito semelhante a *estar*. As maiores diferenças encontradas se dão por motivos aspectuais. Por isso, para que as descrições não fiquem demasiadamente cansativas devido à quantidade de dados, serão listadas na sequência as restrições apresentadas pelos próximos verbos sem utilizarmos todas as sentenças-exemplo. A lista completa de exemplos estará no Apêndice, e poderá ser consultada de acordo com o interesse e a necessidade do leitor.

2.3.2.3 PERMANECER

2.3.2.3.1 Quando único auxiliar da sequência

O auxiliar *permanecer* aceita predicação verbal e nominal e comporta-se de forma muito semelhante a *estar*. Sendo assim, também exige, em PB, a forma nominal de gerúndio do verbo, auxiliar ou não, que o segue.

- (50) a. Maria permanece cansada.
 b. Maria permanece uma princesa.
 c. Maria permanece estudando.
 d. *Maria permanece estudada/estudar.

Podemos notar claramente que, apesar de haver semelhanças no comportamento de *permanecer* com o de *estar*, o auxiliar *permanecer* apresenta características mais durativas que *estar*. Podemos até interpretar que *permanecer* caracteriza a continuidade do evento de *estar*: Maria está estudando – passado um tempo t_x – Maria permanece estudando.

Podemos pensar, então, que *permanecer* tem traços em comum com *ser*, visto que os dois são durativos, mesmo que em intervalos de tempo diferentes, porém *permanecer* é durativo em um tempo indeterminado (Mesmo depois de dançar um monte na festa, Maria permaneceu linda), mas não permanente, enquanto *ser* marca um tempo visto como permanente no ato da enunciação (A Maria é linda).

Por ter traço +durativo, *permanecer* não sofre as restrições quanto aos adjetivos de seleção possível que *estar* apresenta:

- (51)
- a. Maria permanece criança.
 - b. Maria permanece uma mulher.
 - c. Maria permanece bonita/feliz.
 - d. Maria permanece animada.

2.3.2.3.2 Na sequência de dois auxiliares

Quando *permanecer* é combinado com outro auxiliar na sentença, seu comportamento é novamente semelhante ao de *estar*. *Permanecer* pode ocupar qualquer uma das posições da sequência de auxiliares com as restrições que os outros verbos podem impor. É necessário perceber que há outras restrições que não apenas sintáticas, que podem causar estranheza das sentenças com *permanecer*, como, por exemplo, a existência de outras formas preferíveis para o uso diário com o auxiliar *continuar*.

As restrições quanto às combinações entre *permanecer* e outros auxiliares são similares às de *estar*: deve seguir as restrições de *estar* (não pode ser precedido por *ser*), não aceita duplo gerúndio. Quando combinado com *continuar* como em (52), apesar de parecer apresentar certa redundância, visto que os dois verbos são aspectualmente muito similares, as sentenças não ficam necessariamente ruins.

- (52)
- a. Maria continua permanecendo cansada.
 - b. Maria permanece continuando cansada.
 - c. *Maria continua permanecendo chorando.
 - d. *Maria permanece continuando chorando.

Há também estranheza na sequência *permanecer estar*, mostrada anteriormente, que também ocorre com *ficar* e *continuar*. Reafirmando, *permanecer* exige que o verbo que o sucede imediatamente esteja em sua forma nominal de gerúndio. Muitas das sentenças de sequência de auxiliares com *permanecer* nos parecem um pouco estranhas, mas acreditamos que, como dito anteriormente, isso dá pelo fato de que, para expressar essa ideia de continuidade, usamos com mais naturalidade o auxiliar *continuar*.

2.3.2.3.3 Na sequência de três auxiliares

As características e exigências de *permanecer* em uma sequência de três auxiliares não se distinguem daquelas da sequência de dois auxiliares. A restrição quanto à repetição de formas nominais no gerúndio é mantida.

A combinação de *permanecer* com outra ocorrência de si mesmo parece formar boas sentenças se houver outro auxiliar intercalado, respeitando-se as outras restrições existentes. Sendo assim, não poderá estar em sequência de duplo gerúndio ou duplo particípio:

- (53) a. Maria permanece parecendo permanecer cansada/chorando.
 b. Maria permanece podendo permanecer cansada/chorando⁴⁵
 c. ?Maria permanece indo permanecer (chorando) com o Cláudio⁴⁶
 d. *Maria permanece continuando permanecendo cansada/chorando.
 e. *Maria permanece tido permanecido como morta.

Observando assim o comportamento de *permanecer*, podemos esboçar uma generalização sobre seu comportamento: *Permanecer* pode ser encontrado em ambientes sintáticos de SC e VPs na forma nominal de gerúndio. Pode relacionar-se com outras estruturas auxiliares, precedendo ou sucedendo-as. Não pode ser utilizado no duplo gerúndio. Não pode ser usado em relações com ele mesmo, apenas se intercalados com outro auxiliar.

⁴⁵ No sentido de “Maria tem a permissão de permanecer cansada”.

⁴⁶ No sentido de “permanecer indo ficar com Cláudio”. Esta sentença é substituível facilmente por “continuar indo ficar com Cláudio”.

$$(54) [TP [AuxP \text{ permanec-} \left\{ \begin{array}{c} SC \\ [GerP \left\{ \begin{array}{c} AuxP \\ VP \end{array} \right\}] \end{array} \right\}]]$$

(55)

PERMANECER	
Estruturas selecionadas por <i>permanecer</i>	<i>Small Clauses, GerPs</i>
Pode ser precedido por	<i>estar, continuar, parecer, ter, ficar, andar, ir</i>
Pode ser sucedido por:	<i>ser, ?estar, parecer, ficar, continuar, andar, ir</i>
Posição da sequência de auxiliares	Pode estar em qualquer posição desde que siga as restrições dos verbos com os quais é combinado.
Exigência morfossintática	Forma nominal no gerúndio

2.3.2.4 CONTINUAR

2.3.2.4.1 Quando único auxiliar da sequência

O auxiliar *continuar* aceita predicação verbal e nominal e comporta-se de forma idêntica a *permanecer*. Inclusive, apesar de os dois auxiliares apresentarem valores aspectuais muito semelhantes⁴⁷ e comportamento idêntico, *continuar* foi amplamente preferido pelos meus informantes, que relataram estranhar algumas sentenças de combinação de auxiliares com *permanecer* mostradas acima. *Continuar* também exige, em PB, a forma nominal de gerúndio do verbo, auxiliar ou não, que o segue.

⁴⁷ Especulamos que os dois mantêm o estado prévio de um evento de *estar* em um novo intervalo de tempo, mas parece que *permanecer* embute um intervalo de maior duração que *continuar*.

- (56) a. Maria continua cansada.
 b. Maria continua uma princesa.
 c. Maria continua estudando.
 d. *Maria continua estudada/estudar.

Assim como *permanecer*, *continuar* não sofre as restrições quanto aos adjetivos de seleção possível que *estar* apresenta:

- (57) a. Maria continua criança.
 b. Maria continua uma mulher.
 c. Maria continua bonita/feliz.
 d. Maria continua animada.

2.3.2.4.2 Na sequência de dois auxiliares

Quando *continuar* é combinado com outro auxiliar na sentença, seu comportamento é novamente igual ao de *permanecer*. *Continuar* pode ocupar qualquer uma das posições da sequência de auxiliares, desde que obedeça com as restrições que os outros verbos podem impor. Isto é, deve seguir as restrições de seleção de *ser* e *ter* e não aceitar duplo gerúndio. Novamente existe a relação duvidosa entre *continuar* e *estar* quando respectivamente nessa ordem. Como dito anteriormente, acredita-se que este contraste se dá por essa sequência tentar continuar em um novo intervalo temporal um evento temporário.

- (58) a. Maria está continuando cansada
 b. ?Maria continua estando cansada.
 c. *Maria está continuando estudando.
 d. *Maria continua estando estudando.

Confirmamos, portanto, que *continuar* exige que o verbo que o sucede imediatamente esteja em sua forma nominal de gerúndio.

2.3.2.4.3 Na sequência de três auxiliares

As características e exigências de *continuar*, em uma sequência de três auxiliares não se distinguem daquelas da sequência de dois auxiliares. As impossibilidades são as mesmas, ou de mesmo motivo, que as apresentadas anteriormente para os outros verbos. Desde que *continuar* siga as restrições dos outros auxiliares, ele pode figurar em todas as posições da sequência. Apresentamos exemplo com uma sequência de três auxiliares com *continuar*, há mais exemplos ilustrativos no Apêndice.

- (59) a. Maria continua parecendo ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
 b. *Maria continua ficando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
 c. Maria fica parecendo continuar chateada de propósito/chorando de propósito.
 d. *Maria fica continuando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
 e. Maria parece continuar ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.
 f. Maria parece ficar continuando chateada de propósito/*chorando de propósito.

A combinação de *continuar* com outra ocorrência de si mesmo, assim como com *estar* e *permanecer*, não é possível. Mas ele pode ter duas instâncias intercaladas por outro auxiliar.

- (60) a. ?Maria continua parecendo continuar cansada/chorando.
 b. Maria continua podendo continuar cansada/chorando⁴⁸
 c. *Maria continua indo continuar (chorando) com o Cláudio⁴⁹
 d. *Maria continua permanecendo continuando cansada/chorando.
 e. *Maria continua tido continuada como morta.

⁴⁸ No sentido de “Maria tem permissão de permanecer cansada”.

⁴⁹ No sentido de “permanecer indo ficar com Cláudio”.

Observando assim o comportamento de *continuar*, podemos esboçar uma generalização: *continuar* pode ser encontrado em ambientes sintáticos de SC e VPs no gerúndio. Pode relacionar-se com outros elementos auxiliares, precedendo ou sucedendo-as. Não pode ser utilizado no duplo gerúndio. Não pode ser usado em relações consigo mesmo, apenas se intercalados com outro auxiliar.

$$(61) [TP [AuxP \textit{continuar} \left\{ \begin{array}{c} SC \\ [GerP \left\{ \begin{array}{c} AuxP \\ VP \end{array} \right\}] \end{array} \right\}]]$$

(62)

CONTINUAR	
Estruturas selecionadas por <i>continuar</i>	<i>Small Clauses</i> e GerPs
Pode ser precedido por	<i>estar, permanecer, parecer, ter, ficar, andar, ir</i>
Pode ser sucedido por:	<i>ser, ?estar, permanecer, parecer, ficar, continuar, andar</i>
Posição da sequência de auxiliares	Pode estar em qualquer posição desde que siga as restrições dos verbos com os quais é combinado.
Exigência morfosintática	Forma nominal no gerúndio

2.3.2.5 ANDAR

2.3.2.5.1 Quando único auxiliar da sequência

O auxiliar *andar* aceita predicação verbal e nominal e tem comportamento muito semelhante ao de *estar*, mesmo aspectualmente, visto que os dois definem um evento temporário. Uma diferença aspectual sutil é que o intervalo temporal em *andar*

parece ser maior, já que esse auxiliar demonstra uma certa habitualidade, enquanto o intervalo de *estar* pode ser tão pequeno quanto necessário. *Andar* também exige que, se verbal, seu complemento esteja no gerúndio.

- (63) a. Maria anda cansada.
 b. Maria anda uma princesa.
 c. Maria anda estudando.
 d. *Maria anda estudada/estudar.

Assim como *estar* e diferentemente de *permanecer* e *continuar*, *andar* não pode selecionar alguns adjetivos de características [+permanente/+pontual], acredita-se por se tratar de um verbo que denota intervalos de tempo específicos e não permanentes como *ser*.

- (64) a. *Maria anda criança.
 b. ?Maria anda uma mulher.
 c. Maria anda bonita/feliz.
 d. Maria anda animada.

Assim, o auxiliar *andar* pode ser combinado a *Small Clauses* como “A Maria (anda) feliz” e com GerPs como em “A Maria anda chorando muito”.

2.3.2.5.2 Na sequência de dois auxiliares

Andar pode ocupar qualquer uma das posições da sequência de auxiliares da mesma forma que *estar*, *permanecer* e *continuar* e deve respeitar as restrições comuns a eles, demonstradas anteriormente.

Assim como com *estar*, *andar*, quando em combinação com *ficar*, mostra relações aspectuais não tão claras, o que torna a aceitação dessa combinação mais duvidosa. Além disso, em algumas sentenças, houve diferentes interpretações de *andar* por parte dos informantes: enquanto uns o viam como auxiliar, outros o julgaram como o verbo lexical, no sentido de “caminhar”.

- (65) a. ?Maria fica andando cansada ultimamente.
 b. ?Maria permanece andando cansada ultimamente.
 c. ?Maria continua andando cansada ultimamente.
 d. Maria parece andar cansada ultimamente.

Quando *andar* é combinado consigo mesmo, a sentença só é possível se uma das realizações for a do verbo lexical, sinônimo de “caminhar”, o que nos leva a concluir que temos pelo menos dois *andar* no léxico do PB.

- (66) a. Maria anda andando no parque diariamente.
 b. *Maria anda andando nessa fase há tempos.

2.3.2.5.3 Na sequência de três auxiliares

As características e exigências de *andar* em uma sequência de três auxiliares não se distinguem daquelas de *estar* e se assemelham muito às de *permanecer* e *continuar*, assim como nas sequências de dois auxiliares.

- (67) a. Maria anda parecendo ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
 b. *Maria anda ficando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
 c. Maria fica parecendo andar chateada de propósito/chorando de propósito.
 d. *Maria fica andando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
 e. Maria parece andar ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.
 f. Maria parece ficar andando chateada de propósito/*chorando de propósito.

As restrições apresentadas na subseção anterior se mantêm. (67) representa as boas relações de *andar* com *ficar* e *parecer*, apesar de existir a possibilidade de diferente interpretação de *andar*, com sentido de “caminhar”, quando esse verbo está na última posição da sequência de auxiliares como em (67)c e f.

- (68) a. Maria está sendo neurótica.
 b. Maria anda sendo neurótica.

A comparação acima nos mostra que *andar* pode transmitir uma ideia de habitualidade mais facilmente que *estar* (e.g. está sendo neurótica (agora/*nos últimos dias); anda sendo neurótica (?agora/ nos últimos tempos)). Ainda podemos observar que a combinação do auxiliar *andar* com outra ocorrência de si mesmo não é possível. *Andar*, quando utilizado mais de uma vez na combinação, de forma consecutiva ou intercalada, tem sua segunda forma, na maioria das vezes, ligada ao verbo pleno *andar* e não a sua forma auxiliar, mesmo em uma sequência com um não auxiliar.

- (69) a. ?Maria anda parecendo andar cansada/chorando.
 b. Maria anda podendo andar cansada/chorando⁵⁰
 c. *Maria anda indo andar (chorando) com o Cláudio⁵¹
 d. *Maria anda continuando andando cansada/chorando.
 e. *Maria anda querendo andar cansada/chorando.

Andar pode ser encontrado em ambientes sintáticos de SC e VPs no gerúndio. Pode relacionar-se com outros elementos auxiliares, precedendo ou sucedendo-as. Não pode ser utilizado no duplo gerúndio. Em relações consigo mesmo, o segundo *andar* leva seu valor pleno com sentido de movimento (caminhar) e não de auxiliar, o que nos leva a afirmar que existem pelo menos duas entradas lexicais de *andar* no PB.

$$(70) [TP [_{AuxP} and- \left\{ \begin{array}{c} SC \\ [_{GerP} \left\{ \begin{array}{c} AuxP \\ VP \end{array} \right\}] \end{array} \right\}]]$$

(71)

ANDAR	
Estruturas selecionadas por <i>andar</i>	<i>Small Clauses GerPs</i>
Pode ser precedido por	? <i>estar</i> , ? <i>permanecer</i> , ? <i>continuar</i> , ? <i>ficar</i> , <i>parecer</i> , <i>ter</i>
Pode ser sucedido por:	<i>ser</i> , ? <i>estar</i> , <i>parecer</i> , <i>permanecer</i> , <i>ficar</i> , <i>continuar</i> , <i>ir</i>

⁵⁰ .No sentido de “Maria tem permissão de andar cansada”.

⁵¹ Possível se o segundo *andar* for o verbo não auxiliar no sentido de caminhar.

Posição da sequência de auxiliares	Pode estar em qualquer posição desde que siga as restrições dos verbos com os quais é combinado.
Exigência morfossintática	Forma nominal de gerúndio

2.3.2.6 FICAR

2.3.2.6.1 Quando único auxiliar da sequência

O auxiliar *ficar* aceita predicação de SCs e VPs nominais no gerúndio e comporta-se de forma parecida a *estar*, *permanecer*, *continuar* e *andar*.

- (72) a. Maria ficou cansada.
b. Maria ficou uma princesa.
c. Maria ficou estudando.
d. *Maria ficou estudada/estudar.

As características aspectuais de *ficar* mostram-se peculiares, pois *ficar* parece possuir um valor aspectual quando combinado a uma SC e outro quando combinado a um VP/AuxP. *Ficar* em (72)a e b passa a ideia de mudança de um estado X a um estado pós-X (Ela não estava, mas ficou cansada/uma princesa). Porém quando em relação com um VP ou AuxP, parece marcar um intervalo de tempo maior, intervalo que daria continuidade ao estado anterior em um novo intervalo temporal: Maria ficou chorando por horas.

- (73) a. Maria ficou chorando.
b. Maria ficou sendo a empregada por anos.

- (74) a. Maria permaneceu chorando.
b. Maria permaneceu sendo a empregada por anos.

Apesar desse detalhe, seu comportamento sintático se assemelha muito ao dos verbos anteriores *estar*, *permanecer*, *continuar* e *andar*, nos dois ambientes sintáticos. Por tratar de um estado “recente”, não existente previamente, *ficar* não deveria aceitar características mais permanentes, mas isso não se mantém:

- (75) a. ?Maria ficou criança⁵².
 b. Maria ficou uma mulher.
 c. Maria ficou bonita/feliz.
 d. Maria ficou animada.

2.3.2.6.2 Na sequência de dois auxiliares

Quando *ficar* é combinado com outro auxiliar na sentença, seu comportamento é, novamente, semelhante ao dos outros verbos. *Ficar* pode ocupar qualquer uma das posições da sequência de auxiliares desde que respeite as restrições que os outros verbos impõem. Voltando ao que já foi dito anteriormente sobre os outros verbos, sentenças com *ficar* em posição precedente a alguns verbos causam bastante estranheza.

- (76) a. ?Maria fica estando cansada.
 b. ?Maria fica permanecendo cansada.
 c. ?Maria fica andando cansada ultimamente.

O que esses dados nos mostram, fora todas as restrições mostradas nas subseções dos verbos anteriores e da relação duvidosa entre *ficar* e *estar*, é que, quando em sequência de auxiliares, há um contraste entre as duas “possibilidades” aspectuais de *ficar*.

O que também podemos observar é que *ficar*, quando último verbo da sequência em relações com SC, assume seu caráter aspectual de “mudança” como em “Maria continua ficando cansada **depois de correr**”. Já as sentenças onde *ficar*

⁵² Contrastando com “Maria ficou uma criança educada” no sentido de “Maria virou (não era em um estado anterior, mas agora é) uma criança educada.”

encabeça a sequência, ele assume caráter aspectual de continuidade de evento como em “Maria fica sendo boba” com uma interpretação similar a de “Maria continua sendo boba”.

Reafirmando, *ficar* exige que o verbo que o sucede imediatamente esteja em sua forma nominal de gerúndio.

2.3.2.6.3 Na sequência de três auxiliares

As características e exigências de *ficar* em uma sequência de três auxiliares não se distinguem daquelas da sequência de dois auxiliares. A restrição quanto à repetição de formas nominais como o duplo gerúndio é mantida.

Ainda podemos observar que a combinação de *ficar* com outra ocorrência de si mesmo não parece formar sentenças bem-formadas como com *estar* e *permanecer*, mesmo se intercalados com outro auxiliar.

- (77) a. ?Maria fica/ficou parecendo ficar cansada/chorando quando João chega.
 b. *Maria fica/ficou indo ficar cansada/ chorando/ com o Cláudio
 c. *Maria fica/ficou permanecendo ficando cansada/chorando.
 d. *Maria fica/ficou tido ficado como morta.

Podemos esboçar uma generalização sobre o comportamento de *ficar*: esse verbo pode ser encontrado em ambientes sintáticos de SC e VPs no gerúndio. Pode relacionar-se com outros elementos auxiliares, precedendo ou sucedendo-as. Não pode ser utilizado no duplo gerúndio. Não parece poder ser usado em relações consigo mesmo, provavelmente por motivos aspectuais.

$$(78) [TP [AuxP \text{fic-} \left\{ \begin{array}{c} SC \\ [GerP \left\{ \begin{array}{c} AuxP \\ VP \end{array} \right\}] \end{array} \right\}]]$$

(79)

FICAR	
Estruturas selecionadas por <i>ficar</i>	<i>Small Clauses GerPs</i>
Pode ser precedido por	<i>estar, permanecer, continuar, parecer, ter, ?ficar, andar, ir</i>
Pode ser sucedido por:	<i>ser, ?estar, permanecer, parecer, ?andar, continuar, ir</i>
Posição da sequência	Pode estar em qualquer posição desde que siga as restrições dos verbos com os quais é combinado.
Exigência morfossintática	Forma nominal no gerúndio

2.3.2.7 PARECER

2.3.2.7.1 Quando único auxiliar da sequência

O auxiliar *parecer* aceita predicação de SCs e VPs com verbos na forma nominal de infinitivo, porém se diferencia dos verbos anteriores por também poder selecionar uma sentença subordinada finita.

O verbo *parecer* nem sempre é considerado auxiliar. Normalmente, dentro da *Teoria de Princípios e Parâmetros*, ele é visto como um inacusativo⁵³. O que esta seção mostrará é que, apesar de *parecer* ter uma possibilidade de uso particular, ele também apresenta comportamento muito semelhante ao dos outros verbos aqui apresentados. Por isso, *parecer* também foi incluído nesta descrição.

As quatro primeiras sentenças em (80) mostram como *parecer* aparece em relações de predicação com SC e com VPs no infinitivo. Com exceção da particular exigência morfossintática de infinitivo, que abre mais possibilidades de combinação

⁵³ A Hipótese Inacusativa de Perlmutter (1978), trazida para a Teoria Gerativa por Burzio (1986) estabelece uma distinção interna entre verbos tratados como intransitivos pela Gramática Tradicional separando-os em inacusativos e inergativos. Os verbos inacusativos são os verbos que possuem um único argumento, entretanto, esse argumento é gerado na posição de argumento interno, diferente dos verbos inergativos, que possuem apenas um argumento, sendo ele externo.

por estar menos propenso ao duplo gerúndio, ele se comporta como os outros verbos até agora apresentados. Seu comportamento distinto encontra-se em (80)e, onde apresenta sua estrutura canônica de inacusatividade que será um pouco mais discutida no Capítulo III.

- (80) a. Maria parece cansada.
 b. Maria parece uma princesa.
 c. Maria parece estudar bastante.
 d. *Maria parece estudando/estudado.
 e. Parece que Maria está cansada.
 f. Maria parece que está cansada.⁵⁴

Diferentemente dos auxiliares descritos anteriormente, *parecer* exige que o elemento verbal sucessor esteja em sua forma nominal de infinitivo. Quando em predicação de SC, *parecer* aparece em diversos contextos:

- (81) a. Maria parece criança.
 b. Maria parece uma mulher.
 c. Maria parece bonita/feliz.
 d. Maria parece animada.

2.3.2.7.2 Na sequência de dois auxiliares

Quando *parecer* é combinado com outro auxiliar na sentença, seu comportamento é mais permissivo que os demais auxiliares estudados.⁵⁵ *Parecer* pode ocupar qualquer uma das posições da sequência de auxiliares, desde que respeitando as restrições que os outros verbos auxiliares, aqui descritos, impõem. Por apresentar uma exigência morfossintática diferente dos verbos anteriores (impondo a forma

⁵⁴ Neste exemplo ocorre o hiperalçamento da SC (Ferreira 2000), mas esse tipo de estrutura não será o foco desta análise de *parecer*.

⁵⁵ No sentido de aceitar mais possibilidades de combinação.

nominal de infinitivo ao elemento seguinte), as ocorrências de duplo gerúndio não ocorrem mais, o que gera muito mais sentenças com dois e três auxiliares⁵⁶.

- (82) a. Maria fica parecendo cansada.
 b. Maria parece ficar cansada.
 c. Maria fica parecendo chorar.
 d. Maria parece ficar chorando.
- (83) a. Maria anda parecendo cansada.
 b. Maria parece andar cansada ultimamente.
 c. Maria anda parecendo chorar.
 d. Maria parece andar chorando ultimamente.
- (84) a. Maria tem parecido cansada ultimamente.
 b. *Maria parece ter cansada.
 c. ?Maria tem parecido chorar muito.
 d. Maria parece ter chorado muito.

As maioria das combinações ruins se dão por restrições dos outros verbos (*ser* não auxilia auxiliares, *ir* e *ter* não aceitam complementação SC), a não ser a sentença (82)c que se mostra peculiar. Enquanto a relação de *ter* + aux + VP, mostrada nesse exemplo, é bem aceita com a maioria dos auxiliares aqui apresentados, com *parecer* essa combinação se mostra muito mais duvidosa.

2.3.2.7.3 Na sequência de três auxiliares

As características e exigências de *parecer* em uma sequência de três auxiliares não se distinguem daquelas da sequência de dois auxiliares. A restrição quanto à repetição da forma nominal de gerúndio é mantida, apesar de existir em menor ocorrência devido à diferente forma nominal exigida por *parecer*.

⁵⁶ *Parecer* exige forma nominal de infinitivo e o duplo infinitivo é possível como em “Maria vai parecer estar acabada depois dessa maquiagem”.

- (85) a. Maria está parecendo ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
 b. *Maria está ficando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
 c. ?Maria fica parecendo estar chateada de propósito/chorando de propósito⁵⁷.
 d. *Maria fica estando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
 e. Maria parece estar ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.
 f. ?Maria parece ficar estando chateada de propósito/*chorando de propósito.

Podemos esboçar uma generalização sobre o comportamento de *parecer*: esse verbo pode ser encontrado em ambientes sintáticos de SC e VPs e como verbos matrizes em sentenças subordinadoras. Sua dependência morfossintática é a de infinitivo.

- (86) [TP [AuxP parec-
- $$\left\{ \begin{array}{c} \text{SC} \\ \left[\text{InfP} \left\{ \begin{array}{c} \text{AuxP} \\ \text{VP} \end{array} \right\} \right] \\ \text{CP} \end{array} \right\} \quad \text{]]}$$

(87)

PARECER	
Estruturas selecionadas por <i>parecer</i>	<i>Small Clauses</i> , InfPs e CPs (sentenças finitas subordinadas)
Pode ser precedido por	<i>estar, permanecer, continuar, ter (SC), ficar, andar, ir</i>
Pode ser sucedido por:	<i>ser, estar, permanecer, continuar, andar, ficar, ter, ir</i>
Posição da sequência de auxiliares	Pode estar em qualquer posição desde que siga as restrições dos verbos com os quais é combinado.
Exigência morfossintática	Forma nominal de infinitivo Sentenças subordinadas finitas (CP)

⁵⁷ Acredita-se que mesmo com *parecer* intercalando a relação entre *ficar* e *estar*, essa relação torna a construção mal-formada.

2.3.2.8 IR

2.3.2.8.1 Quando único auxiliar da sequência

O verbo auxiliar *ir* se comporta de forma bem distinta de todos os outros verbos vistos até agora. Assim como *ter*, *ir* não aceita predicação SC, por isso é considerado por muitos como um “verdadeiro” auxiliar, já que só pode estar em posição onde “auxilia” outros verbos.

- (88) a. *Maria vai feliz.
 b. *Maria vai uma criança.
 c. Maria vai cantar.
 d. Maria vai estar cansada amanhã.

Apesar disso, como mostra o último dado do exemplo acima, *ir* não tem muitas restrições para se combinar com os outros auxiliares das seções anteriores, como será demonstrado a seguir. Como mostram os exemplos em (88)c e d, sua exigência morfosintática é que o verbo que o siga esteja em sua forma infinitiva.

O auxiliar *ir* parecer trazer consigo uma noção de evento futuro quando não está em sua forma nominal de infinitivo, particípio ou gerúndio. É como se ele apresentasse uma característica futura de forma que o sujeito⁵⁸ atua de maneira definitiva para que um evento x ocorra, i.e., quando dizemos que “Maria vai cantar” ela está tomando providências para que o evento de cantar aconteça. Primeiro ela escolhe atuar naquele evento para depois o evento de cantar acontecer.

2.3.2.8.2 Na sequência de dois auxiliares

O auxiliar *ir* se combina facilmente com todos os outros auxiliares apresentados até agora. Pode estar em posição anterior ou posterior à maioria deles e

⁵⁸ Não precisa ser necessariamente o sujeito que atua para o evento ocorrer, pode ser também um fator externo, mas a ideia de que *ir* pressupõe uma volição para que o evento aconteça permanece, como em:

- (i) a. O bebê vai nascer essa semana.
 b. O candidato vai ser eleito.
 c. A Maria vai ficar linda depois dessa maquiagem.

por exigir a forma nominal de infinitivo, as sentenças com problemas devido à dupla forma morfológica de gerúndio são mais raras.

- (89) a. *Maria está indo cansada.
 b. Maria vai estar cansada.
 c. Maria está indo estudar.
 d. Maria vai estar estudando amanhã.
- (90) a. *Maria anda indo cansada.
 b. ?Maria vai andar cansada depois da cirurgia⁵⁹.
 c. Maria anda indo chorar bastante.
 d. *Maria vai andar chorando depois do rompimento do namoro.
- (91) a. *Maria parece ir cansada.
 b. Maria vai parecer cansada amanhã.
 c. Maria parece ir chorar escondido.
 d. ?Maria vai parecer chorar escondido.

Podemos reparar que, apesar de se combinar facilmente com *estar* (89), a combinação com *andar* gera alguns problemas. Como já demonstramos anteriormente, *andar*, quando em posição final da sequência, pode ter sua interpretação lexical, no sentido de “caminhar”. Quando *ir* precede o auxiliar *andar*, essa possibilidade deixa de existir, pois a única interpretação possível é a de caráter lexical. Essa impossibilidade pode se dar por características internas de *ir*, que nos dá uma pequena noção de movimento para que o evento se realize, i.e., está tomando providências para que o evento se realize como dito anteriormente, e isso nos leva a não aceitar o *andar* auxiliar, apenas o *andar* lexical.

Outra observação interessante é que o duplo infinitivo não causa impossibilidade na sentença como o duplo gerúndio faz. O duplo infinitivo foi aceito pela maioria dos informantes, causando estranheza em poucos casos. Ficou claro durante as conversas com os informantes que existe uma preferência no uso de outras

⁵⁹ O membro da banca Marcus Lunguinho apresentou um exemplo que reforça a possibilidade dessa sequência *ir* + *andar* + SC: Maria vai andar atolada de trabalho nos próximos dias.

formas onde não haja repetição contígua de uma mesma forma morfológica, mas que as sentenças com duplo infinitivo não se comparavam com as de duplo gerúndio e são bem mais aceitas, talvez pelo seu caráter potencializador de traço *irrealis* como proposto por Lunguinho (2006).

Em (90)a e (91)a também encontramos uma situação interessante que ocorre sempre que *ir* é combinado com adjetivos. Fica claro que não se pode ter uma SC nessas sentenças, porém há a interpretação em que o elemento adjetival estaria em relação de adjunto com o verbo lexical *ir* que estaria sem seu complemento pronunciado, no sentido de se locomover como em “Maria está indo (para casa) cansada”: esse *cansada* seria quase como um advérbio “cansadamente”, “de forma cansada”. Este tipo de relação não pode acontecer com NPs como em “*A Maria está indo uma criança”.

2.3.2.8.3 Na sequência de três auxiliares

As características e exigências de *ir* em uma sequência de três auxiliares não se distinguem daquelas da sequência de dois auxiliares.

- (92)
- a. Maria está indo ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
 - b. *Maria está ficando indo chateada de propósito/chorar de propósito.
 - c. ?Maria fica indo estar chateada de propósito/chorando de propósito.
 - d. *Maria fica estando indo chateada de propósito/chorar de propósito.
 - e. Maria vai estar ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.
 - f. ?Maria vai ficar estando chateada de propósito/*chorando de propósito.

Como podemos observar, há uma possibilidade maior de sentenças com combinações com *ir* justamente por ele exigir uma forma morfológica mais particular, o que gera menos sentenças com duplo gerúndio. A relação conflituosa entre *ficar* e *estar* continua existindo mesmo com *ir* aparecendo entre os dois, como em (92)c e d.

Não é incomum ouvirmos, no dia-a-dia, sentenças como “Eu vou ir”. São sentenças estigmatizadas, rejeitadas pelos puristas, porém elas existem. Nestes casos, nem sempre teríamos duas ocorrências do auxiliar *ir* como em “Eu vou ir no shopping”, em que a segunda ocorrência seria do verbo lexical e não do auxiliar. No

entanto parece haver, pela interpretação de alguns informantes, a possibilidade de da sequência com dois *ir* auxiliares como em “Eu vou ir pensar em Maria”, em que a segunda instância de *ir* não seria relacionada com movimento apenas com a volição de “pensar em Maria” já que não é necessário ação física, movimento ou deslocamento para pensar em algo, mas há também quem interprete o segundo *ir* como o movimento sim, que levaria ao início do “pensar em Maria”. O que podemos concluir, em uma primeira análise superficial, é que existiria sim a possibilidade de dupla combinação do auxiliar *ir* na sequência, mas que essa combinação contaria com alguma restrições, já que em outras situações, como em (93), essa interpretação de volição para o segundo *ir* não é possível, nem se intercalado com outro elemento verbal.

- (93) a. *Maria vai ir na festa esse fim de semana.
 b. *Maria vai ir chorar no ombro do Cláudio.
 c. *Maria vai parecer ir no shopping, mas na verdade ela vai ir na festa.
 d. *Maria vai ficar indo amolar o João.
 e. ?Maria vai parecer ir ficar com o Cláudio, mas na verdade não vai.

Podemos esboçar uma generalização estrutural para *ir* que aceita apenas predicação verbal e exige forma nominal de infinitivo.

$$(94) \quad [TP \ [AuxP \ ir \ \left\{ \begin{array}{c} [InfP \ \left\{ \begin{array}{c} AuxP \\ VP \end{array} \right\}] \end{array} \right\}]]$$

(95)

IR	
Estruturas selecionadas por <i>ir</i>	InfPs (AuxP ou VP)
Pode ser precedido por	<i>estar, permanecer, continuar, ter, ficar, andar, parecer</i>
Pode ser sucedido por:	<i>ser, estar, permanecer, ficar, continuar, ficar, ter, parecer</i>
Posição da sequência de auxiliares	Pode estar em qualquer posição desde que siga as restrições dos verbos com os

	quais é combinado.
Exigência morfossintática	Forma nominal de infinitivo

2.3.2.9 TER

2.3.2.9.1 Quando único auxiliar da sequência

Assim como *ir*, o auxiliar *ter* exige uma complementação verbal. Por isso não aceita, assim como *ir*, predicação SC. Diferentemente, sua exigência morfossintática é da forma nominal de particípio. Quando *ter* não é seguido de uma outra estrutura verbal, trata-se, na verdade, do verbo lexical *ter*.

- (96)
- a. *Maria tem feliz.
 - b. Maria tem uma criança.
 - c. Maria está tendo ataques.
 - d. Maria tem cantado muito.
 - e. Maria tem estado cansada.

Ter, quando auxiliar, se combina com formas nominais de particípio, o que faz do evento um pouco mais duradouro e pode dar noção de habitualidade, diferentemente de *ser* quem na formação das passivas, dá uma noção mais pontual ao evento.

- (97)
- a. Maria foi vista pelo João.
 - b. João tem visto a Maria ultimamente/todos os dias de manhã.
 - c. O livro foi lido pelo João.
 - d. O João tem lido o livro todos os dias depois do almoço.

2.3.2.9.2 Na sequência de dois auxiliares

O auxiliar *ter* se relaciona muito bem com a maioria dos outros auxiliares quando esses o sucedem. *Ter* aceita que pouquíssimos verbos o sucedam, novamente se diferenciando de *ser*, apesar de ambas exigirem a mesma forma nominal⁶⁰.

- (98) a. *Maria fica tendo cansada.
 b. Maria tem ficado cansada.
 c. *Maria fica tendo chorado.
 d. Maria tem ficado chorando.
- (99) a. *Maria permanece tendo cansada.
 b. Maria tem permanecido cansada.
 c. ?Maria permanece tendo chorado.
 d. Maria tem permanecido chorando.
- (100) a. *Maria continua tendo cansada.
 b. Maria tem continuado cansada.
 c. Maria continua tendo chorado escondido.
 d. Maria tem continuado chorando muito.
- (101) a. *Maria tem ido cansada ultimamente.
 b. *Maria vai ter cansada.
 c. Maria tem ido chorar muito.
 d. Maria vai ter chorado muito até o fim do dia.

Os exemplos acima nos tentam demonstrar que as relações de *ter* precedido por outros auxiliares é diferenciada. Com os outros verbos de exigência morfossintática de GerP não apresentados nos exemplos⁶¹ acima, ocorre o mesmo que em (98)c. Porém, com verbos que têm traços aspectuais mais durativos, como *permanecer* e *continuar*, a sequência de precedência já é possível como em (99) e

⁶⁰ Um possível motivo dessa distinção é porque a forma selecionada por *ter* é não flexionada, enquanto a forma selecionada por *estar* é flexionada.

⁶¹ Lembrando que uma parte maior da amostragem de dados está presente no Apêndice, onde se encontram sentenças ilustrativas das relações de todos esses verbos.

(100) c. Isso ocorre talvez por esses verbos auxiliares manterem a noção de iteratividade do evento, mesmo que este intervalo não seja tão grande, temporalmente falando.

Quem sabe a real restrição seja quanto à combinação de traços quando *ter* estiver na forma gerundiva, afinal estamos falando de um evento que se repete durante o intervalo temporal e colocando-o na essa forma nominal, estamos deixando-o mais momentâneo. Como *continuar* e *permanecer* dão maior duratividade à característica momentânea no gerúndio, eles se tornam mais compatíveis com *ter*, mesmo este estando no gerúndio nesses casos.

A relação de precedência de *ter* com *ir*, assim como com *parecer*, demonstradas no exemplo (101)d, é mais permissiva, pois nesses casos *ter* assume a forma infinitiva.

2.3.2.9.3 Na sequência de três auxiliares

As características e exigências de *ter* em uma sequência de três auxiliares não se distinguem daquelas da sequência de dois auxiliares, porém as sentenças parecem ficar menos aceitáveis e mais duvidosas quando temos mais de um auxiliar se relacionando com *ter*. Novamente acreditamos que isso se dê por incompatibilidade de traços aspectuais, o que deve ser pesquisado mais profundamente no futuro.

- (102) a. Maria tem parecido ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
 b. ?Maria tem ficado parecendo chateada de propósito/?chorar de propósito.
 c. Maria fica parecendo ter *chateada de propósito/chorado de propósito.
 d. *Maria fica tendo parecido chateada de propósito/chorar de propósito.
 e. Maria parece ter ficado chateada de propósito/chorando de propósito.
 f. *Maria parece ficar tendo chateada de propósito/chorado de propósito.

Mesmo com *ter* em posição final na sequência de auxiliares, a relação de *ficar* e *ter* também se mostra mais complicada, formando construções que foram aceitas por poucos informantes, como (100)b. Novamente, observamos que se *permanecer* precede *ter*, o resultado não é ruim. A combinação de *ter* com outra ocorrência de si mesmo traz novamente à tona o contraste entre verbo auxiliar e verbo lexical, visto

que sempre que temos *ter* sem uma outra estrutura verbal na predicação, trata-se do verbo lexical. Quando temos duas instâncias do auxiliar intercaladas por outro auxiliar, não conseguimos sentenças muito boas também, quem sabe por estarmos tratando da iteratividade de um evento dentro de outro evento.

- (103) a. *Maria tem tido chorado muito.
 b. ?Maria tem parecido ter chorado muito.
 c. *Maria tem parecido ter ficado muito cansada nos dias de aula.

Podemos então esboçar um estrutura para *ter*.

$$(104) \quad [TP \ [AuxP \ ter \ [\left\{ \begin{array}{c} PartP \\ \left\{ \begin{array}{c} AuxP \\ VP \end{array} \right\} \end{array} \right\}]]]$$

(105)

TER	
Estruturas selecionadas por <i>ter</i>	PartPs(AuxP ou VP)
Pode ser precedido por	? <i>permanecer, continuar, parecer</i>
Pode ser sucedido por:	<i>ser, estar, permanecer, ?ficar, continuar, andar, ficar, parecer</i>
Posição da sequência de auxiliares	Apresenta restrições quando segue auxiliar de exigência morfológica de gerúndio.
Exigência morfossintática	Forma nominal de particípio.

2.3.2.10 COMPARANDO AS CARACTERÍSTICAS DE SELEÇÃO DOS AUXILIARES

Resumidamente, podemos comparar as relações entre os auxiliares seguindo as características de seleção de cada um como demonstra o quadro abaixo.

(106)

	Estruturas selecionadas	Pode ser precedido por...	Pode ser sucedido por...	Posição da sequência de auxiliares	Exigência morfosintática
SER	<i>Small Clauses e PartP's (passivas)</i>	<i>Estar, permanecer, continuar, parecer, ter, ?ficar, ?andar, ?ir</i>	Formas nominais de particípio – nas passivas – NP's e AP's	Deve estar em posição final da sequência de auxiliares.	Forma nominal de particípio
ESTAR	<i>Small Clause e GerP</i>	<i>permanecer, continuar, parecer, ter, ?ficar, andar, ir</i>	<i>Ser, ficar, parecer, permanecer, andar, continuar, ir</i>	Pode estar em qualquer posição desde que siga as restrições dos verbos com os quais é combinado.	Forma nominal de gerúndio
PERMANECER	<i>Small Clauses, GerPs</i>	<i>estar, continuar, parecer, ter, ficar, andar, ir</i>	<i>ser, ?estar, parecer, ficar, continuar, andar, ir</i>	Pode estar em qualquer posição desde que siga as restrições dos verbos com os quais é combinado.	Forma nominal de gerúndio
CONTINUAR	<i>Small Clauses e GerP'sGerPs</i>	<i>estar, permanecer, parecer, ter, ficar, andar, ir</i>	<i>ser, ?estar, permanecer, parecer, ficar, continuar, andar</i>	Pode estar em qualquer posição desde que siga as restrições dos verbos com os quais é combinado.	Forma nominal de gerúndio
ANDAR	<i>Small Clauses GerPs</i>	<i>?estar, ?permanecer, ?continuar, ?ficar, parecer, ter</i>	<i>ser, ?estar, parecer, permanecer, ficar, continuar, ir</i>	Pode estar em qualquer posição desde que siga as restrições dos verbos com os quais é combinado.	Forma nominal de gerúndio
FICAR	<i>Small Clauses GerPs</i>	<i>estar, permanecer, continuar, parecer, ter, ?ficar, andar, ir</i>	<i>ser, ?estar, permanecer, parecer, ?andar, continuar, ir</i>	Pode estar em qualquer posição desde que siga as restrições dos verbos com os quais é combinado.	Forma nominal de gerúndio
PARECER	<i>Small Clauses, InfPs e CPs (sentenças finitas subordinadas)</i>	<i>estar, permanecer, continuar, ter (SC), ficar, andar, ir</i>	<i>ser, estar, permanecer, continuar, andar, ficar, ter, ir</i>	Pode estar em qualquer posição desde que siga as restrições dos verbos com os quais é combinado.	Forma nominal de infinitivo Sentenças subordinadas finitas (CP)
IR	<i>InfPs (AuxP ou VP)</i>	<i>estar, permanecer, continuar, ter, ficar, andar, parecer</i>	<i>ser, estar, permanecer, ficar, continuar, ficar, ter, parecer</i>	Pode estar em qualquer posição desde que siga as restrições dos verbos com os quais é combinado.	Forma nominal de infinitivo

CAPÍTULO III

UMA NOVA VISÃO PARA O ESTATUTO DOS AUXILIARES: AUXILIARES COMO VERBOS DE CONTROLE

Nos capítulos anteriores, mostramos a falta de uniformidade na caracterização dos verbos auxiliares. Em geral, os estudos não dão pistas suficientemente claras sobre quais são as propriedades com que trabalham.

Com as descrições do Capítulo II, pudemos observar em maior detalhe o comportamento desses verbos e ver que existe alguma uniformidade em seus padrões de comportamento e propriedades. Propõe-se neste capítulo uma nova reflexão sobre a natureza e características dos verbos auxiliares do PB, com base em novos dados, como (1).

- (1) a. João_i vai ELE_{i/*j} consertar o carro, pois ninguém se mexe.
- b. Não sei por que ela_{i/j} está preocupada, Maria_i é ELA_{i/*j} a linda do grupo.
- c. Maria_i está ELA_{i/*j} preparando a festa já que ninguém se manifestou.
- d. João_i está ELE_{i/*j} sendo o intransigente aqui, não Carlos.

Combinando ferramentas teórico-analíticas clássicas (Chomsky 1957; Ross 1969), suas releituras contemporâneas (Lasnik 2000) e pesquisas recentes sobre foco e controle (Guimarães e Mendes 2012, 2013), iremos analisar (1) em termos de desenvolvimentos recentes do *Programa Minimalista*, mais especificamente a *Teoria de Controle por Movimento* (Hornstein 1999, 2001; Boeckx e Hornstein 2003, 2004, 2006; Hornstein e Polinski 2010; Boeckx, Hornstein e Nunes 2010), que toma controle como uma instância de movimento, incorporando nessa visão a *Teoria de Movimento por Cópia* (Chomsky 1995; Hornstein 1995, 2001; Nunes 1995, 1999, 2001 2004; Corver e Nunes 2007), segundo a qual o movimento é o resultado de aplicações das operações de *Copy* e *Merge*, seguidas de mecanismos de pronúnciação e apagamento de cópias que se encontram em relação de cadeia.

Os dados em (1) demonstram a possibilidade de “pronúnciação” de um vestígio (cópia baixa) do sujeito como “pseudo-pronome” numa posição próxima a um auxiliar, desde que tal “pseudo-pronome” esteja focalizado – indicado por maiúsculas – e obrigatoriamente co-referente com o sujeito.

A “pronúncia” de cópias baixas do sujeito controladas e focalizadas foi investigada por Guimarães e Mendes (2012, 2013) em enunciados do tipo (2):

- (2) a. João_i quer ELE_{i/*j} apagar as luzes, porque todos dizem que vão apagar mas não apagam.
b. Como o mecânico cobra caro, João_i vai ELE_{i/*j} consertar o carro.

Em (2), um cópia baixa do sujeito “João” sofreria pseudo-pronominalização e realizar-se-ia como “ele”. Dizemos “pseudo” porque este “ele” não é um pronome genuíno, já que a co-referenciação obrigatória com o sujeito da matriz violaria o Princípio B da *Teoria de Ligação* (Chomsky 1981). Este “ele” seria, portanto, uma anáfora com morfologia de pronome.⁶² Em LF, o que é focalizado é o papel-theta da cópia pronunciada. A rigor, ela só é pronunciada porque é focalizada, precisando de material fonético para portar o acento. Em (2a) “ELE” é focalizado enquanto “apagador”, não enquanto “queredor”, que seria um papel-theta presente apenas nas cópias mais altas desse DP.

Tratando os dados em (1) por essa mesma linha analítica, haveria uma posição nos sintagmas nucleados pelos auxiliares a ser preenchida por uma cópia do sujeito, que chegaria ali durante seu movimento para o Spec/TP matriz (onde satisfaz EPP e checa caso Nominativo). Para poder receber o acento de foco em PF, uma cópia baixa precisa ser pronunciada, o que se dá por pseudo-pronominalização, uma estratégia não-*default* de realização de elos de cadeia, motivada pela incidência de foco. O caráter anafórico desse “pseudo-pronome” se seguiria do fato de ele ser um elo de cadeia (vestígio de NP) do sujeito movido.

Essa possibilidade analítica levanta questões que constituem o cerne deste trabalho:

- (i) Se há especificador nas projeções de verbos auxiliares, os DPs deveriam obrigatoriamente passar por ali?;

⁶² A Profa. Dra. Cilene Rodrigues, na ocasião do exame de qualificação desta pesquisa, observou que esse processo de pseudo-pronominalização não seria possível com o uso de uma segunda expressão-R, por isso violar o Princípio C da *Teoria de Ligação* (cf. Chomsky 1981 e trabalhos subsequentes), como em “*O João vai O JOÃO consertar o carro”. Essa observação faz parte da explicação de como esse pseudo-pronome é escolhido como a forma morfofonológica para ser o material fonológico que recebe o foco.

(ii) Posto que a cópia pseudo-pronominalizada deve estar obrigatoriamente focalizada, qual informação estaria sendo focalizada, já que auxiliares são considerados como não atribuidores de papel-theta?;

(iii) Os auxiliares atribuiriam, então, algo como um papel *quasi*-theta⁶³ (talvez codificando relações aspectuais) que seria a informação focalizada?;

(iv) Se auxiliares projetarem posição de argumento externo e atribuírem papel (*quasi*-)theta, não seriam eles simplesmente verbos plenos, como defendeu Ross (1969)⁶⁴ ao propor que os verbos auxiliares são, na verdade, verbos plenos?

A seguir, apresentaremos a parte relevante da análise de Lasnik (2000) para a morfossintaxe verbal do inglês, que revê ao formalismo de Chomsky (1957) e reconcebe aquele clássico modelo transformacional baseado em *Affix Hopping* em termos contemporâneos, segundo a Teoria X-Barra, a operação Mova-alpha, numa arquitetura de gramática compatível com a Teoria de Princípios e Parâmetros e o Programa Minimalista. Apresentaremos também a análise clássica de Ross (1969), que defende a não divisão categorial entre verbos plenos e verbos auxiliares. As ferramentas e modelos derivacionais apresentados pelos dois autores servirão de base para análise que se seguirá dos dados apresentados acima, e vários outros do mesmo tipo.

3.1 *Syntactic Structures Revisited* (Lasnik 2000)

Em 2000, Howard Lasnik, com auxílio de Marcela Depiante e Arthur Stepanov, apresentou uma releitura de *Syntactic Structures* (SS) trazendo novamente ao foco de discussões as contribuições desse trabalho⁶⁵.

O livro, dividido em três capítulos principais, introduz o modelo transformacional de SS e as questões que o modelo levanta, mas também aponta

⁶³ Optamos por essa terminologia, pois não podemos afirmar que essa informação semântica focalizada seria um papel temático em si, por não termos tido a oportunidade ainda de analisar os detalhes dessa informação semântica. O termo papel *quasi*-theta visa passar essa noção, de que a informação semântica em questão existe de forma similar, mas não confirmadamente equivalente a um papel-theta.

⁶⁴ Sua análise será apresentada em detalhes na próxima seção.

⁶⁵ O livro *Syntactic structures revisited: contemporary lectures on classic transformational theory* foi projetado como “introdutório” para os estudos de sintaxe em nível de estudos de pós-graduação, apesar de exigir um vasto conhecimento prévio de noções sintáticas apresentadas em SS e em *The Logical Structure of Linguistic Theory* (1975[1955]).

alguns problemas pontuais, como a incapacidade do modelo de tornar possível a geração de sentenças como “John not slept”, que são agramaticais em Inglês, mas não em Polonês, por exemplo.

Em seu terceiro capítulo, o livro traz uma análise que é uma releitura (inspirada pelo Programa Minimalista de Chomsky (1995), sobretudo no que se refere ao Princípio de Economia) da análise clássica de SS, questionando a viabilidade daquela análise no âmbito dos modelos de gramática contemporâneos, e mostrando que é possível, sim, formalizar muitas daquelas propostas nos termos da Teoria de Princípios e Parâmetros, com algumas atualizações. Tratando dos verbos auxiliares, como SS não apresenta uma formulação mais explícita de como as transformações ocorrem, Lasnik pressupõe que *Affix Hopping* envolve uma adjunção do afixo à forma verbal e não uma “permutação” dos dois elementos.⁶⁶

Um dos problemas apontados por Lasnik é a própria formulação do *Affix Hopping*, que introduz os símbolos *Af* e *v*, que não poderiam fazer parte da gramática, já que não são nem núcleos terminais nem não-terminais introduzidos por *PS-rules*.⁶⁷ Os símbolos *Af* e *v* seriam abreviações e disjunções de uma combinação booleana de símbolos, assim os termos {*s*, \emptyset , *past*, *en*, *ing*} seriam possíveis combinações enquanto {*M*, *have*, *be*, *V*} seriam disjunções⁶⁸ e não uma classe categorial, querendo dizer que, para Chomsky (1957), os auxiliares não faziam parte de uma categoria sintática. De forma sistemática encontramos (3):

$$(3) \quad X - \left\{ \begin{array}{c} s \\ past \\ \emptyset \\ en \\ ing \end{array} \right\} - \left\{ \begin{array}{c} V \\ M \\ have \\ be \end{array} \right\} - Y$$

⁶⁶ O mesmo foi explicitado em *Logical Structure of Linguistic Theory* (Chomsky, 1975).

⁶⁷ Lasnik (2000) não foi o primeiro a apresentar essa crítica. Sampson (1979) já a havia apontado e foi, mais tarde, parafraseado por Pullum (2011) em “...the cover symbols *v* and *Af*...are neither terminal symbols nor non-terminal symbols; they are ad hoc devices, not sanctioned by the *LSLT* theory, with the function of enabling 16 different transformations that share most of their structure to be (apparently) collapsed into one.”

⁶⁸ Essa reflexão foi apresentada primeiramente por Ross (1969) que argumenta que os elementos agrupados nas “disjunctions” não constituem uma classe natural da gramática de SS apesar de se comportarem de forma semelhante. Dessa forma, a gramática não faria distinção entre essas “disjunctions” e outras de elementos randômicos. A crítica de Ross (1969) é mais voltada para as transformações Tq/Tnot, já que sua hipótese era de que verbos auxiliares e verbos lexicais formariam uma mesma categoria. Essa teoria será apresentada mais explicitamente na continuação do capítulo.

Lasnik detalha que em sua regra de *Affix Hopping* ($X - Af - v - Y$), Chomsky postula que *Af* seriam os elementos de combinação do segundo termo de (3) e *v* seriam os elementos de disjunção do terceiro termo. Os motivos de Chomsky ter escrito as regras dessa forma “ilícita” foram principalmente dois: primeiro que essa notação ocupa “menos espaço na página”⁶⁹. Também há o fator de que certas generalizações devem ser feitas para que essa notação seja válida. É claro que os elementos de *Af* têm algo em comum, assim como os elementos de *v*, isso seria dizer que esses elementos seriam de uma mesma categoria e possuiriam a mesma relação “is a” com um dado nóculo não-terminal, o que de fato não acontece, já que *en* e *ing* são apenas isso, e *s* é um elemento de *C* enquanto *en* e *ing* não são. Talvez não seja exatamente um problema profundo o fato de esses elementos não terem um “is a relation” com um dado nóculo não-terminal, pois tais elementos, informalmente rotulados como *Af*, têm em comum o fato de serem afixos; enquanto os elementos *v* seriam raízes. Isso é uma generalização clara e passível de uma formalização mais precisa, embora tal sistematização não tenha sido feita em *SS* e demande um aparato formal que incorpore outros elementos, de natureza um pouco distinta dos que foram usados na análise clássica.

Lasnik ressalta que a transformação *Affix Hopping* é, na verdade, uma abreviação de outras 20 transformações, que seriam as combinações possíveis entre os cinco elementos do segundo termo de (3) e os quatro do terceiro termo. Assim, é verdade que a operação *Affix Hopping* parece custar muito, mas é melhor ter 20 transformações semelhantes, que usam os mesmos mecanismos, do que ter outras 20 que não carregam semelhança alguma⁷⁰.

Outra questão levantada por Lasnik foi a marcação arbitrária de certas transformações como obrigatórias ou opcionais no sistema inicial de Chomsky. Lasnik então propõe um sistema híbrido para a análise dos auxiliares do inglês. Em (4), Omaki (2009, p.2) apresenta resumidamente esse sistema proposto por Lasnik (2000):

⁶⁹ Lasnik (2000, p. 68)

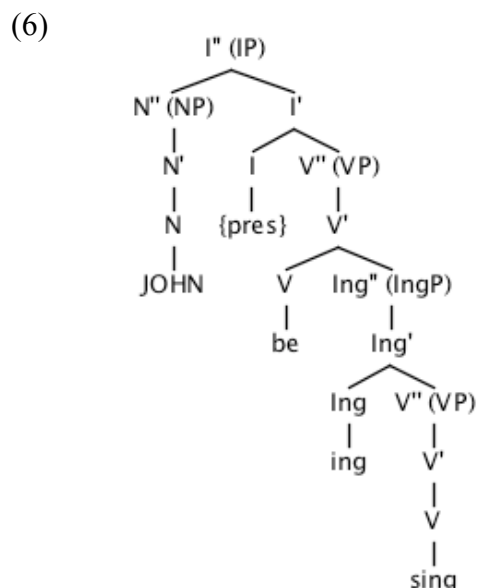
⁷⁰ Seria interessante pensar futuramente em uma formalização que defina *Af* e *v* em termos de afixos e raízes verbais na tentativa de se buscar uma única transformação unificada. Num certo sentido, isso foi feito pelo próprio Lasnik (2000), no seu terceiro capítulo, em termos de movimentos de núcleos em que a raiz de adjunge ao afixo, inversamente à adjunção do afixo à raiz da proposta original de *Affix Hopping*.

- (4)
- a. Main Vs are stored in bare form in the lexicon and have no T feature.
 - b. Auxiliary Vs (*have/be*) are inflected in the lexicon and have T features.
 - c. T can be affixal *or* featural. Affixal T undergoes PF-merger with adjacent (main) V at PF (Bobaljik 1994; Embick and Noyer 2001); otherwise the affixal T has the phonological property of being pronounced as *do*. Featural T needs to check its feature with featural Vs, triggering overt (auxiliary) V-raising.
 - d. *en/ing* are introduced together with *have/be* (Chomsky 1957), and PF-merge with an adjacent V.

As propriedades em (4) estabelecem que os verbos matrizes não sofrem flexão no léxico e por isso não possuem traços que levam ao alçamento, enquanto os verbos auxiliares *have/be* possuem traços que permitem o alçamento como mostra o paradigma em (5) em que (5 a-b) se referem aos verbos matriz e (5c-d) aos auxiliares.

- (5)
- a. John left.
 - b. John did not leave. (*John not left / *John left not)
 - c. John has not left (*John not has left)
 - d. John is not leaving (*John not is leaving)

Dessa forma, Lasnik traz a derivação apresentada por Chomsky em 1957 para o modelo de Princípios e Parâmetros, na estrutura X-Barra, como mostramos a seguir:



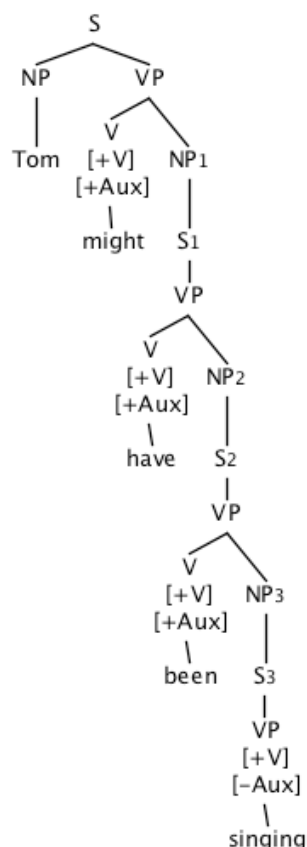
Lasnik nos mostra que o modelo de Chomsky não está ultrapassado pelo advento de novas teorias e que ele, se adaptado corretamente, apresenta generalizações fundamentais mesmo para os modelos mais atuais.

3.2 A proposta de Ross (1969)

Apesar de mais abrangente que a proposta original de Chomsky (1957), a proposta de Lasnik não consegue prever os dados de pseudo-pronominalização que serão apresentados neste capítulo, como “Com a demissão da responsável, Maria está ELA sendo a promotor da festa”. Para podermos analisar esses casos, precisamos de uma nova visão de auxiliaridade que permita que cada auxiliar torne disponível uma posição de especificador (para abrigar uma cópia do sujeito) e que atribua ao sujeito algum tipo de informação semântica, algo como um papel temático. Para que essa possibilidade seja explorada, não podemos seguir as linhas gerais das pesquisas de auxiliaridade, por isso contamos com a proposta de Ross (1969), que considera não haver distinção categorial entre verbos auxiliares e verbos plenos, como base para a análise que se seguirá.

Ross (1969) propõe o agrupamento de verbos principais, modais e auxiliares dentro de uma mesma categoria lexical, verbo, se opondo à proposta de *SS* que previa o uso dos símbolos *V* e *AUX* para as regras de inserção de verbos e verbos auxiliares. Em seu sistema, o verbo auxiliar, núcleo de *VP*, seleciona como argumento um *NP*, reescrevível como uma sentença, como mostra a representação em (7):

(7)



O autor analisou o comportamento dos auxiliares e, com base em alguns padrões sintáticos, mostrou que verbos plenos e verbos auxiliares se comportariam da mesma forma e seriam assim todos núcleos de VP. A única diferença entre verbos auxiliares e os “outros” verbos seria o traço +Auxiliar que trariam do léxico, isto é, os verbos auxiliares carregariam os traços [+V +Aux] e os verbos principais [+V –Aux]. Esse traço especificaria as características de seleção, de dependência morfossintática e de ordenamento desses verbos na sequência.

A primeira restrição feita por Ross é sobre a notação de Chomsky ao utilizar *tense*⁷¹ (C) para [M, *have*, *be*] agrupados dessa forma, o que não coloca esses itens em uma categoria específica, como mostrado também por Lasnik (2000) ao tratar do conjunto de disjunções. Essa notação não apontaria similaridades entre esses elementos, que se comportam de forma idêntica diante de certas transformações⁷². Por isso, propõe a nova notação [+V, +AUX] que daria conta das semelhanças entre esses elementos: o traço [+AUX] trataria das semelhanças de características e o traço [+V]

⁷¹ Termo utilizado por Ross.

⁷² Como inversão de sujeito-verbo, negação e apagamento de VP.

das de comportamento)⁷³. A partir daí, Ross apresenta sete testes ou restrições para comprovar que os verbos auxiliares são, na verdade, verbos principais. Demonstraremos em mais detalhes dois argumentos, baseados nesses testes.

Ross afirma, a partir dos testes, que a posição ocupada pela cópula *be* corresponderia à mesma posição dos demais verbos e que *be* poderia sofrer *gapping*. Também postula a existência de uma regra *Q-Hopping* que moveria quantificadores dentro das estruturas verbais e auxiliares⁷⁴.

A posição ocupada pela cópula *be*, segundo Ross, é a mesma ocupada por qualquer outro verbo. Assim, nas línguas em que a ordem básica é SVO⁷⁵, a ordem com cópula é *SbeO*; em línguas SOV, tem-se *SObe*. Ross afirma que os verbos auxiliares, sendo verbos principais, podem sofrer *gapping*, o que se observa tanto em inglês quanto em PB.

- (8) a. I ate fish, and Bill (ate) steak.
b. I am American, and Bill (is) Canadian.
- (9) a. Mary is nice and John (is) very impolite.
b. Mary stays happy and John (stays) sad.⁷⁶
c. Maria é feliz e João (é) triste.
d. Maria está feliz e eu (estou) cansada.
e. Maria fica feliz e João (fica) cansado.
f. Maria permanece feliz e João (permanece) triste.

Quanto à regra de *Q-hopping*, Ross apresenta os seguintes exemplos para apontar que os verbos auxiliares teriam características semelhantes às de um verbo pleno.

- (10) a. They all are handsome

⁷³ Jenkins(1972) afirma que se trata apenas de uma variante notacional.

⁷⁴ Esse argumento é enfraquecido diante dos dados: *They all saw the boy*; **They saw all the boy*.

⁷⁵ Subject – Verb – Object.

⁷⁶ Essa frase em inglês pode apresentar certa estranheza, pois, em geral, o verbo *to stay* é relacionado a locativos. A dupla interpretação dos nossos verbos *ficar* e *permanecer* parece ser bem mais sutil no inglês, porém, mesmo em sentido locativo, o teste dá certo:

- a. Mary stays at home, and John (stays) in the club.
b. Maria fica em casa e João (fica) no clube.
c. Maria permanece aqui e João (permanece) lá.

- They are all handsome.
- b. They all have gone.
They have all gone
- c. Eles todos são felizes.
Eles são todos felizes.
- d. Eles todos estão felizes.
Eles estão todos felizes.
- e. Eles todos ficam felizes.
Eles ficam todos felizes.
- f. Eles todos permanecem felizes.
Eles permanecem todos felizes.

O que Ross tenta mostrar é que se *be* faz *Q-Hopping* e se trata de um verbo principal como mostrado no argumento do teste de *gapping*, e outros auxiliares como *have* e modais também fazem *Q-Hopping*, conclui-se, então que *have* e os modais também seriam verbos principais como *be*.

Este argumento não pode ser considerado forte, pois não apresenta casos de verbos principais que não aceitam *Q-Hopping* como o verbo *see*, ‘ver’, que quando em situação de *Q-Hopping* gera sentenças distintas:

- (11) a. They all saw the boy
‘Todos viram o menino’.
- b. They saw all the boy.
‘Eles viram todo o menino’.

Muitos dos argumentos de Ross foram contestados durante os anos, especialmente por Chomsky (1972), num artigo-resposta a Ross (1969). Primeiramente, Chomsky reforça que a ideia de traço não existia na época de *Syntactic Structures*, em 1957, e que Ross se equivoca, então, ao chamar o símbolo *v* de traço. O autor ainda afirma que a maioria dos argumentos de Ross não são convincentes nem conclusivos e que a questão dos traços em cerne, [+V +-Aux], parece não passar de uma mera questão notacional.

De qualquer forma, é seguindo a ideia de Ross de termos apenas uma categoria verbo, trazendo esse modelo para o âmbito do Minimalismo (Chomsky

1995) juntamente com a Teoria de Controle por Movimento (Hornstein 1999, 2001; Boeckx e Hornstein 2003, 2004, 2006; Hornstein e Polinski 2010; Boeckx, Hornstein e Nunes 2010; Guimarães e Mendes 2012, 2013), que podemos levantar algumas questões interessantes para o tratamento dos dados de pseudo-pronominalização que serão apresentados agora.

3.3 Motivação empírica

Este capítulo foi motivado por sentenças estudadas por Guimarães e Mendes (2012, 2013) e que possuem estruturas bem semelhantes a sentenças com os verbos estudados nesta dissertação, mais conhecidos como auxiliares. Repetindo os exemplos de (2):

- (12) a. João_i quer ELE_{i/*j} apagar as luzes, porque todo mundo diz que vai apagar e não apaga.
b. Como o mecânico é muito caro, João_i vai ELE_{i/*j} consertar o carro.

Sentenças como as apresentadas acima foram objeto de estudo de Guimarães e Mendes (2012, 2013), que propuseram um modelo de análise em que existe uma “re-morfofonologização” de PRO controlado, ou uma pseudo-pronominalização de uma cópia baixa (seguindo a *Teoria de Controle por Movimento*). Comparemos (13)a e (13)b:

- (13) a. O João quer apagar as luzes.
b. O João quer ELE apagar as luzes⁷⁷.

A sentença mais comum apresentada em (13a) é comumente analisada em termos estrutura da sintática [^{TP} João₄ quer₃ [^{VP} t₄ t₃ [^{TP} PRO₂ apagar₁ [^{VP} t₂ t₁ as

⁷⁷ O “pronome” que ocupa a posição de “sujeito”, Spec do TP da subordinada, de *apagar*, recebe letras maiúsculas como indicador de foco estreito incidindo sobre o “pronome” e indicando que esse “pronome” recebe o acento mais proeminente da sentença em PF para que a sentença seja possível. Falamos aqui em “pronome”, entre aspas, porque, como ficará claro adiante, não se trata de um pronome genuíno, mas de uma anáfora com aparência pronominal.

luzes]]. Ou seja, como sujeito de *apagar* temos a categoria vazia PRO, um DP silencioso que não precisa receber caso e que tem natureza mista. Chomsky (1981, p. 191) propõe, a partir da *Teoria de Ligação*, que PRO seja uma anáfora pronominal, com traços [+A, +P], estando sujeito, simultaneamente, aos princípios A e B. O Princípio A exige que uma anáfora seja ligada no seu domínio e o Princípio B que um pronome seja livre no seu domínio. Esses requerimentos conflitantes fariam com que PRO, para não violar um dos princípios ao satisfazer o outro, precise sempre estar numa posição não regida, sem caso. Isso gera, como consequência, o fato de que PRO acabe ocupando a posição de sujeito de uma subordinada não-finita, estabelecendo uma relação anafórica com o DP c-comandante mais próximo, tipicamente o sujeito da oração subordinante. Isso caracteriza uma relação de controle. Dizemos que o PRO sujeito da subordinada é controlado pelo sujeito da oração subordinante.

Em (13)a, PRO seria gerado no Spec de VP da encaixada infinita e recebe papel temático de *apagar*. Por se tratar de sentença infinita, a posição de PRO não possui caso para ser checado e *querer* não é um verbo de marcação excepcional de caso que possa dar algum caso a PRO, o que não é problema porque PRO, dada a sua própria natureza, não precisa de caso. Mesmo assim, PRO seria movido para o Spec de TP da encaixada para satisfazer o EPP.

Já em (13b), podemos observar que ocorre algo como uma pronúnciação de PRO, que passa a ser realizado fonologicamente. É importante ressaltar que essa pronúnciação de PRO (que se superficializa como um “pronome”) só é possível se houver foco incidindo sobre ele.⁷⁸

Apesar de a “pronúnciação” de PRO ter morfologia de pronome, na realidade, trata-se de uma anáfora, mas não de uma anáfora genuína do PB, lexicalmente especificada como tal (cf. *João_i quer se_i apagar as luzes), e sim uma

⁷⁸ Não se pretende entrar nos detalhes da focalização nesta pesquisa, por isso usa-se o conceito de foco de Freitas (1995), para quem “a entonação pode exercer tanto função distintiva quanto delimitadora, apresentando correspondência com o plano sintático-estrutural” (p. 156) e que “o foco pode ser sintaticamente motivado e a prosódia tende a sobremarcar essa saliência, atribuindo proeminência a esses constituintes” (p. 163). Apesar de superficial, acredita-se que essa noção de foco seja suficiente para a descrição aqui apresentada. Para um refinamento dessas noções, remetemos o leitor a Zubizarreta (1998), que discute a relação entre sintaxe-prosódia em construções de focalização e ao estudo de Menuzzi (2012) – no qual Guimarães e Mendes (2012, 2013) se basearam – para uma caracterização minuciosa da semântica e da pragmática do foco.

anáfora pronunciada como pronome⁷⁹. Visto que esse PRO pronunciado é co-referenciado a um DP/NP c-comandante no seu domínio de ligação, se ele fosse um pronome, a sentença violaria Princípio B. O PRO pronunciado tem morfologia de nominativo, apesar de encontrar-se em uma posição em que não há como se checar caso algum. Isso se dá porque PRO pronunciado faz parte de uma cadeia com o sujeito da sentença matriz que recebe caso nominativo.

A respeito dessa cadeia nominativa entre o PRO pronunciado e o sujeito da matriz, Guimarães e Mendes (2012, 2013) argumentam que, de acordo com as ferramentas analíticas clássicas da Teoria de Princípios e Parâmetros (mais especificamente, Teoria de Controle, Teoria de Ligação e Teoria de Caso), seria impossível estabelecer uma cadeia nesse caso. Consequentemente, não haveria como PRO receber morfologia de nominativo.

Os autores afirmam então que, na realidade, o sujeito da encaixada (realizado superficialmente como um pronome nominativo) não seria exatamente PRO, mas sim uma cópia baixa do próprio sujeito da matriz, que teria sido gerado como sujeito da encaixada e alçado até a sua posição de caso na matriz, formando uma cadeia de quatro elos (Spec de VP da encaixada, Spec de TP da encaixada, Spec de VP da matriz, Spec de TP da matriz), em cuja “cabeça” (Spec de TP da matriz) o caso nominativo é licenciado para toda a cadeia. A implementação técnica dessa idéia está ancorada na *Teoria de Controle por Movimento* (Hornstein 1999, 2001; Boeckx e Hornstein 2003, 2004, 2006; Hornstein e Polinski 2010; Boeckx, Hornstein e Nunes 2010), que, por sua vez, se ancora na *Teoria de Movimento por Cópia* (Chomsky 1995; Hornstein 1995, 2001; Nunes 1995, 1999, 2001 2004; Corver e Nunes 2007).

Segundo essa visão, movimentos deixam como resíduo cópias apagadas e não vestígios, e o controle que ocorre entre o sujeito da sentença matriz e sua cópia baixa no domínio da encaixada (pronunciada ou não) é uma relação anafórica que se segue naturalmente, sem necessidade de nenhuma assunção adicional, do fato de que os elos da cadeia de movimento são todos cópias de um mesmo constituinte com o mesmo índice referencial. O que ocorreria de excepcional nestes casos seria a

⁷⁹ Existe evidência robusta na literatura de que existem pelo menos dois tipos de anáforas como descreve Lazarini Cyrino (2012). Existiriam anáforas do tipo *se* (*se-zinho*), como clíticos ou afixos e anáforas do tipo SE (*se-zão*) como DP's plenos que podem ser focalizados. Para Lazarini Cyrino, tanto as marcas reflexivas de *se* como as de SE são realizações de cópias inferiores dos DP sujeito. Nos casos em (1), a anáfora com morfologia de pronome “ELE” seria uma anáfora de tipo SE, pois trata-se de uma cópia inferior que passa por morfologização para receber foco.

pronúncia de uma das cópias baixas, que se comporta como uma anáfora em LF, e que em PF se parece com pronome.

Por *default*, em toda cadeia de movimento com múltiplas cópias, apenas a cópia mais alta (a que c-comanda todas as outras e a última a ter sido integrada ao marcador sintagmático unificado) tem seu material fonológico realizado em PF, enquanto todas as demais cópias teriam seus traços fonológicos apagados entre Spell-Out e PF (Chomsky 1995; Hornstein 1995, 2001; Nunes 1995, 1999, 2001 2004; Corver e Nunes 2007). As sentenças em (12) seriam casos especiais em que a estratégia *default* de realização/apagamento de cópias dá lugar a um procedimento excepcional, em que, além da cópia mais alta da cadeia, também se realiza uma das cópias mais baixas, por meio de uma “re-morfofonologização” (com aparência de pronome nominativo) de um elo cujo material fonológico fora previamente apagado pela estratégia *default*.

Trabalhando no âmbito da *Teoria de Controle por Movimento* e incorporando a ela alguns elementos adicionais relativos a papel temático e foco, Guimarães e Mendes (2012, 2013) postulam que a razão pela qual essa cópia mais baixa é pronunciada é o fato de ela estar focalizada. Essa focalização demanda um material fonológico onde o acento de foco possa incidir. Do lado de LF, a essa cópia focalizada deve codificar algum tipo de informação que contraste com as informações contidas nas outras cópias da cadeia na sentença matriz. Assim, para que exista foco, é necessário existir material fonológico e informação semântica para serem focalizados.

Essa informação focalizada, nesses casos, seria a informação temática que aquele DP/NP recebeu no âmbito do VP da oração subordinada. É importante ressaltar que, em uma cadeia de movimento como a utilizada pelos autores, um mesmo DP/NP pode receber mais de um papel temático ao longo da derivação.

Os autores ressaltam que a cópia que passa por “pseudo-pronominalização” não é a cópia situada exatamente na posição temática, mas sim na posição mais próxima à cópia mais alta realizada (cópia não apagada pelo mecanismo *default* de apagamento de cópias). Apesar de a cópia pronunciada estar em um nível mais alto que a cópia que recebe a informação temática, essa posição não pode ser tão alta a ponto de nela incidir outra informação temática:

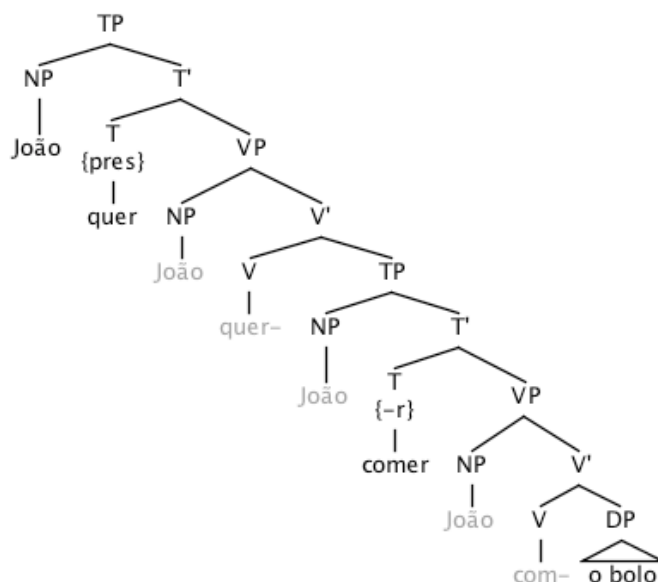
a posição-theta em Spec/VP da matriz poderia ser tomada como alvo da focalização e atribuição de acento. Mas isso não acontece. Podemos pensar que o padrão atestado é resultante da ação de alguma restrição de localidade ou de alguma condição de economia, ainda por serem explicitamente definidas, mas cujos espíritos já nos parecem suficientemente claros. (Guimarães e Mendes 2012, p.11)

Essa generalização temática incide sobre a ideia de que um DP/NP pode receber múltiplos papéis temáticos (Hornstein 1999, 2001, e trabalhos subsequentes). Nesse caso, cada papel temático recebido ao longo da derivação seria “estocado” e carregado por este DP/NP ao longo da derivação. Guimarães e Mendes defendem a ideia de um “empilhamento” de papéis temáticos recebidos. Nesse caso, quando a informação temática for solicitada por algum mecanismo, como o foco, por exemplo, o último papel temático recebido, o mais alto da “pilha”, seria o selecionado.

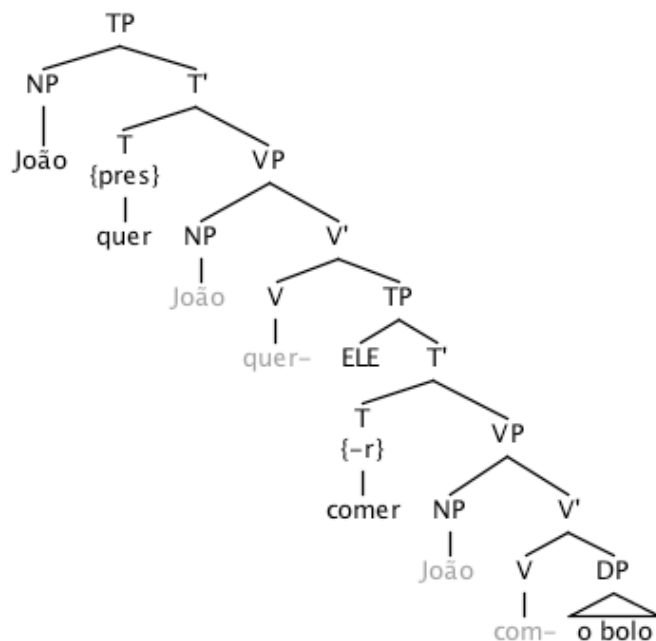
Os exemplos em (14) abaixo representam a generalização proposta por Guimarães e Mendes (2012, 2013) quanto à posição da cópia que é pronunciada. Para uma melhor visualização, temos as representações arbóreas em (15):

- (14) a. João quer comer o bolo.
 a'. [^{TP} João quer [^{VP} João querer [^{TP} João comer [^{VP} João comer o bolo]]]]
 b. João quer ELE comer o bolo.
 b'. [^{TP} João quer [^{VP} João querer [^{TP} ELE comer [^{VP} João comer o bolo]]]]
 c. João quer comer ELE o bolo.
 c'. [^{TP} João quer [^{VP} João querer [^{TP} João comer [^{VP} ELE comer o bolo]]]]

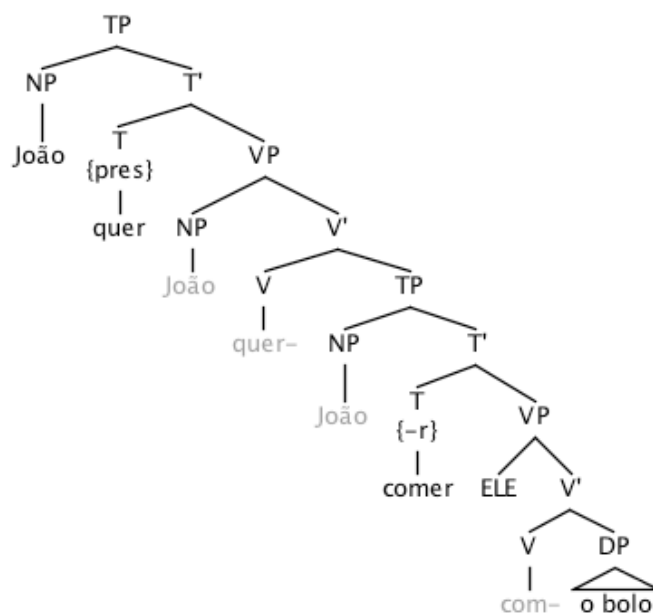
- (15) a.



b.



c.



Nos exemplos acima podemos observar que a grande diferença entre (14b) e (14c) é qual cópia baixa do sujeito sofreu foco e pseudo-pronominalização. Em (14b), a cópia pronunciada não é a que recebe a informação temática de *comer* em si e sim uma imediatamente superior a essa (em Spec de TP da encaixada), mas que mantém a mesma informação temática de *comer*. Se a cópia ainda mais acima fosse focalizada, ela traria outra informação temática: a de *querer*. Já em (14c), a cópia

pronunciada é a mais baixa, a que de fato ocupa a posição de Spec de VP e recebe diretamente o papel temático de *comer*, mas podemos perceber que, mesmo sendo a cópia temática, a sentença é bem formada, o que vai contra a generalização feita por Guimarães e Mendes (2012).

Apesar de os autores terem afirmado que a posição preferencial para a pseudo-pronominalização é aquela imediatamente acima da posição temática relevante, e que a sentença em (15c) seria marginal ou impossível seguindo essa generalização, o fato é que o grau de aceitabilidade de tal tipo de sentença mostrou-se bastante alto após aferições subsequentes. Assim, não se pode generalizar categoricamente que a cópia sem Spec de VP da encaixada não possa sofrer pseudo-pronominalização. Os próprios autores já reconheceram isso em seu artigo subsequente de 2013, apontando que a possibilidade de pronúncia da cópia em Spec de VP da encaixada já seria esperada, de certa forma, visto que as duas cópias mais baixas são idênticas quanto a suas propriedades (ambas têm um papel-theta, atribuído pelo V encaixado, ambas têm seu traço não-interpretável de caso nominativo ainda não checado, e ambas têm os mesmos traços-phi), diferentemente das duas cópias mais altas (ambas acumulando um segundo papel-theta, atribuído pelo V matriz, mas diferindo uma da outra quanto ao apagamento do traço não-interpretável de caso nominativo, checado apenas em Spec de TP matriz). Sendo as duas cópias mais baixas idênticas, não surpreende que qualquer uma das duas possa ser escolhida para a pseudo-pronominalização que torna possível portar o acento de foco em PF.

Entretanto, Guimarães e Mendes (2013) apontam que aquela generalização inicial e aquela intuição analítica baseada em localidade (proximidade em relação ao elo mais alto da cadeia, local de pronúnciação *default*), não são totalmente injustificadas, ainda que não possam ser sustentadas de forma categórica. Em certos casos, verifica-se a existência de um padrão que parece obedecer a uma restrição mais ou menos como a da generalização inicial de Guimarães e Mendes. É interessante notar que, quando o verbo da oração encaixada é intransitivo, a pseudo-pronominalização da cópia mais baixa de todas (aquela em Spec de VP da encaixada) não produz um dado aceitável, como se pode constatar observando o contraste entre “João queria ELE dormir no sofá” e “*João queria dormir ELE no sofá”.⁸⁰ Para uma

⁸⁰ Esse contraste foi apontado a Guimarães e Mendes por Sérgio Menuzzi e Gabriel Othero, por ocasião do X Encontro do CELSUL (2012), onde Guimarães e Mendes apresentaram seu trabalho.

discussão mais aprofundada sobre esse princípio de preferência formulado em termos de localidade entre elos de cadeia, ver Guimarães e Mendes (2013).

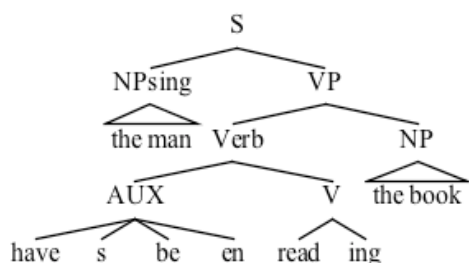
Porém, como explicar a sentença em (12b⁸¹), em que há o verbo auxiliar *ir*? De acordo com a visão consensual na Teoria de Princípios e Parâmetros, não existe – ao menos não foi apontada até o momento – uma posição EPP associada aos verbos auxiliares que pudesse abrigar PRO (ou uma cópia baixa do sujeito). Esse dado por si só já se mostra desafiador. O desafio se mostra muito maior quando consideramos que esse fenômeno pode ocorrer com os auxiliares aqui apresentados nas suas diferentes possibilidades de predicação. Repetindo os exemplos de (1):

- (1)
- a. O João vai ELE consertar o carro, já que ninguém se mexe.
 - b. Não sei por que ela está preocupada, Maria é ELA a linda do grupo.
 - c. Maria está ELA preparando a festa já que ninguém se manifestou.
 - d. João está ELE sendo o mal educado aqui, não o Carlos.

Haveria a possibilidade de existir uma posição EPP também para esses verbos chamados auxiliares?

O modelo proposto por Chomsky (1957) não prevê a possibilidade dos dados em (1). Sua estrutura sintagmática do nóculo AUX previa a existência de C (algo como o Infl, ou T, ou AgrS das versões subsequentes da teoria), dos Modais e dos auxiliares com suas dependências morfossintáticas que são instanciadas por *Affix Hopping* (i.e HAVE = (have + en), e BE =(be + ing)). Trazendo um exemplo de Chomsky (1957) com *The man has been reading the book*:

(16)



⁸¹ (12) a. João quer ELE apagar as luzes, porque todo mundo diz que vai apagar e não apaga.
b. Como o mecânico é muito caro, João vai ELE consertar o carro.

Fica claro, pela representação arbórea, que não há possibilidade de inserção de algo parecido com uma posição EPP e/ou temática que pudesse carregar essa “pronúnciação” instanciada por “ELE/ELA”⁸². Em Inglês essa “pronúnciação” da cópia baixa não é possível nem com as estruturas de controle.

- (17) a. *John wants HE to eat the cake.
b. João quer ELE comer o bolo.

Guimarães e Mendes (2012, 2013) observam que a impossibilidade de (17) em Inglês se deve ao fato de que o verbo *want* é ECM (exceptional case marking) em Inglês, o que não ocorre em PB. Dessa forma, nem uma cópia pseudo-pronominalizada, nem um pronome nominativo podem ocupar essa posição. Os exemplos abaixo demonstram que, para a sentença ser bem formada em inglês, o pronome ou DP/NP (*Peter*) deve ter seu caso acusativo checado, como ocorre em (18)b e (18)c.

- (18) a. *John wants he to eat cake.
*João quer ele comer bolo⁸³.
b. John wants himself to eat cake.
João quer ele mesmo comer bolo.
c. John wants Peter to eat cake.
João quer que Pedro coma bolo.
d. John wants him to eat cake.
João quer que ele coma bolo.

Em PB, isso não ocorre, pois, diferentemente do que ocorre com *want* em inglês, *querer* não é um verbo ECM em PB:⁸⁴

⁸² Apesar de usarmos aqui sentenças com sujeitos de terceira pessoa singular, o mesmo fenômeno ocorre com as formas *eles, elas, nós, a gente, eu*.

a. Não quero ganhar o carro, eu quero EU comprar o carro.

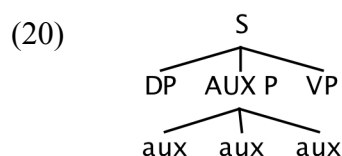
b. As meninas não querem ELAS limpar a casa.

⁸³ Nesse caso, não se trataria de uma cópia pronunciada e sim de um pronome sem caso, por isso a impossibilidade da sentença.

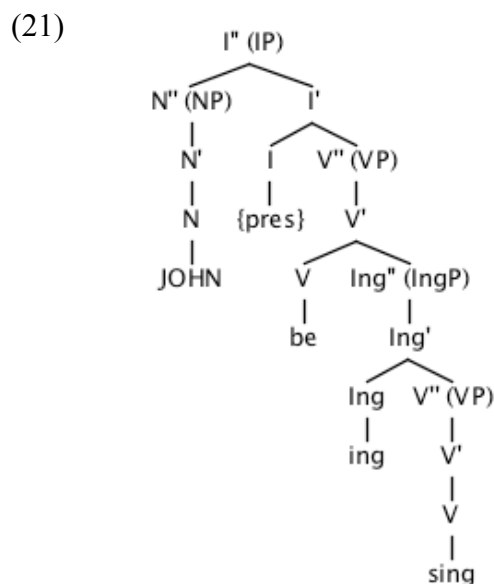
- (19) a. *João quer Maria comer o bolo.
b. *João quer ela comer o bolo.

Para que essas sentenças sejam possíveis em PB, elas devem ser finitas para que o sujeito “Maria/ela” possa checar seu caso nominativo (João quer que Maria/ela coma bolo).

Voltando a pensar nos auxiliares e fazendo uma adaptação livre da estrutura de Chomsky (1957)⁸⁵, não haveria possibilidade de inserção de nenhum tipo de elemento na estrutura auxiliar, o que contraria os dados em (2).



Lasnik (2000, p.140) revisitou a teoria apresentada por Chomsky em *Syntactic Structures* (1957) e trouxe o modelo do sistema auxiliar para um modelo baseado na teoria X-barra:

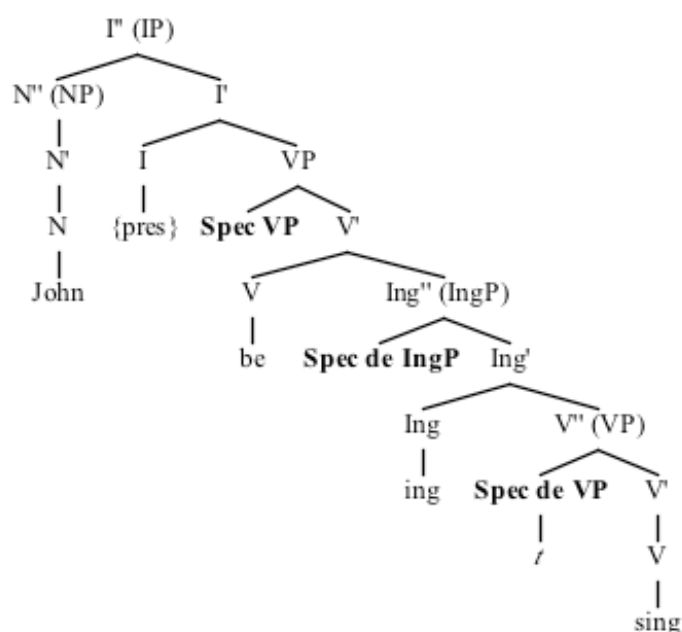


⁸⁴ No entanto, ver Guimarães e Mendes (2013) para uma breve discussão sobre o fato de *querer* poder se comportar como verbo ECM quando a subordinada é gerundiva ou participial, mas jamais quando a subordinada é infinitiva, como nos casos aqui observados.

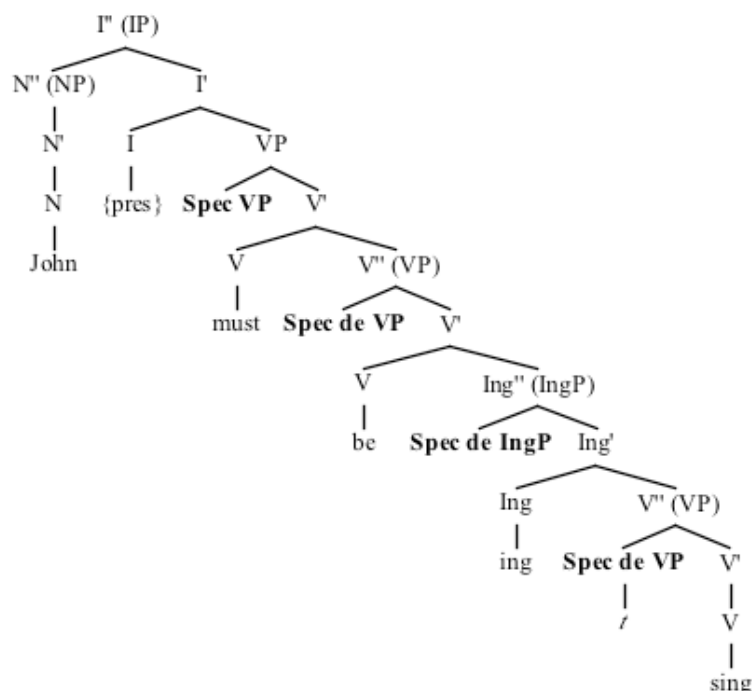
⁸⁵ Ressaltando que quando esse modelo foi apresentado, os conceitos de EPP, cópia, traços e papel-temático ainda não faziam parte do arcabouço da teoria.

Nessa estrutura, o que Lasnik faz é postular um constituinte para a exigência morfológica dos auxiliares, mas mais interessante que isso é o fato de ele colocar o próprio auxiliar como um núcleo de VP. Sem perceber, Lasnik abre a possibilidade de que a cadeia do DP sujeito tenha mais duas posições disponíveis na estrutura para serem “preenchidas”: Spec do VP nucleado por *be* e Spec de IngP. Propõe ainda uma estrutura de dois VP’s como uma forma de empilhar mais de um auxiliar, o que poderia, no limite, disponibilizar mais de uma posição EPP, possibilidade que será explorada nos exemplos da próxima seção.

(22) ⁸⁶



⁸⁶ Para detalhes da estrutura fina das estruturas funcionais que compõem IP e VP, ver Chomsky (1995).

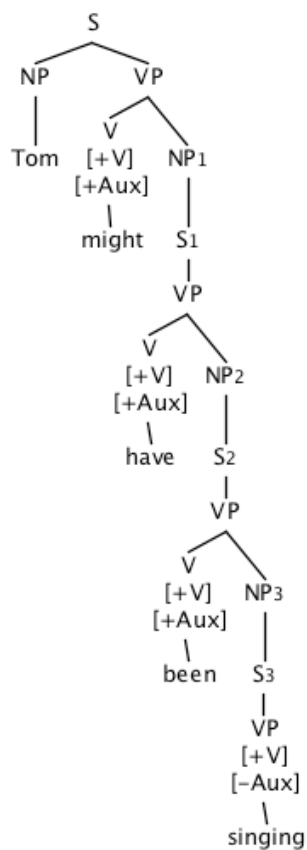
(23)⁸⁷

A proposta de Lasnik, além de abrir a possibilidade de, no limite, haver posições extras a serem potencialmente preenchidas por uma cópia baixa do sujeito, via pseudo-pronominalização, toma os modais e os auxiliares como núcleo de VP, o que nos remete à hipótese de Ross (1969).

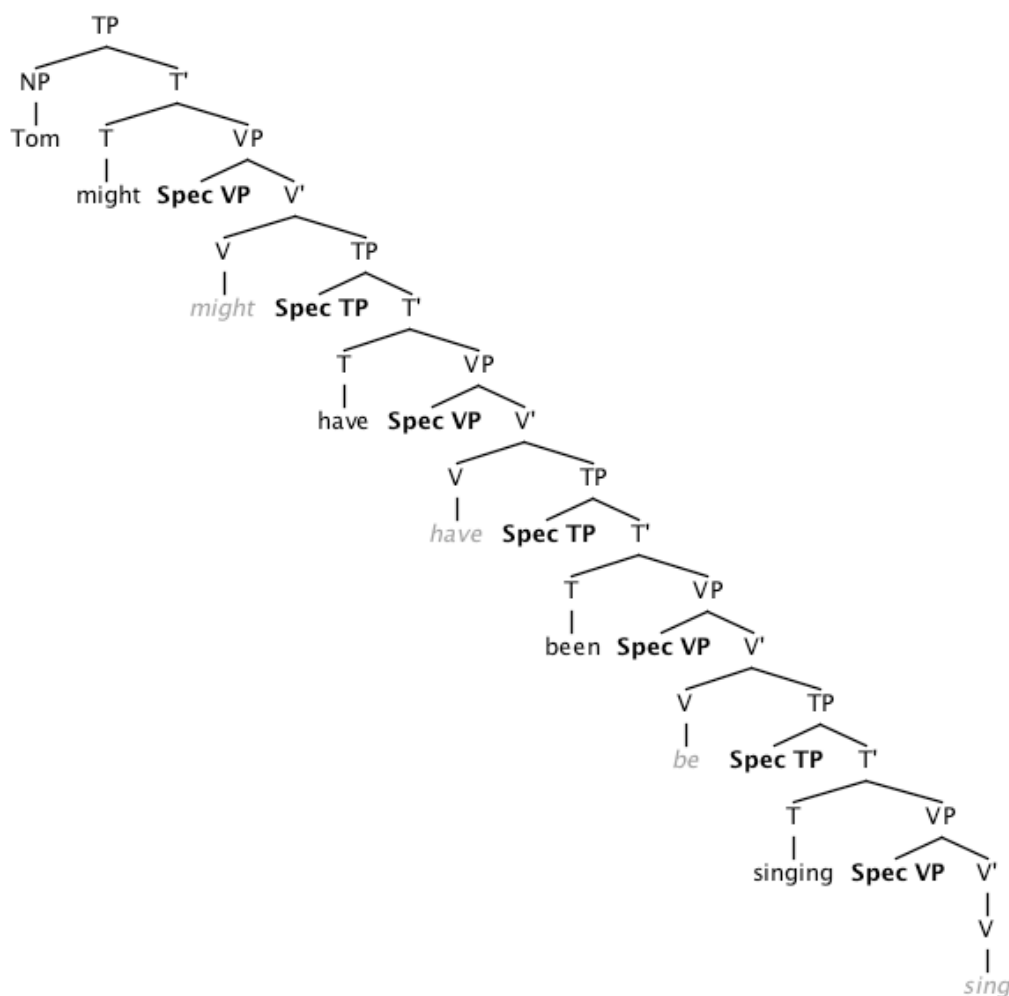
Para Ross, os verbos auxiliares fariam parte da mesma grande categoria dos verbos plenos e seriam introduzidos em estrutura profunda assim como os outros verbos, porém os conhecidos auxiliares carregariam um traço [+Aux], que permitiria que eles tomassem NP's sentenciais, como complementos (Ross; 1969, ex 18).

⁸⁷ Chomsky (1995), entre outros, defende que existem verbos sem argumento externo que não teriam algo como uma posição Spec, esses seriam os verbos inacusativos. Porém, o que pretendemos explorar na análise que será apresentada na sequência é a possibilidade de verbos auxiliares terem esse argumento externo que receberá algo como um papel *quasi*-temático.

(24)



A estrutura de Ross precede o modelo de *Princípios e Parâmetros* de Chomsky (1981), a Teoria X-Barra e o conceito de EPP. Porém, observando a estrutura, é possível imaginar algo como um “Spec de S” que possa ser ocupado, se assim motivado. Fazendo uma adaptação livre da estrutura de Ross e trazendo-a para uma representação mais ao estilo “X-Barra” temos:

(25)⁸⁸

A adaptação em (25) abre ainda mais possibilidades de posições de Spec para serem preenchidas por cópias, por exemplo. O fato de haver essas posições disponíveis permite que os dados em (1) do PB existam.

Com base nessa possibilidade aberta pelos sistemas de Lasnik (2000) e Ross (1969), vamos observar em mais detalhes os dados com este tipo de “pronúnciação” de cópia em estruturas de auxiliares ou de estruturas verbais de traços [+Aux] e, em seguida, apresentar os possíveis mecanismos gramaticais envolvidos nesta operação.

⁸⁸ Além da marcação de cópias em cinza, essa representação tem os verbos no núcleo V em itálico. Nessa posição, os verbos, auxiliares ou não, não receberam ainda seus traços de tempo e modo, por isso ali constam apenas suas raízes. A notação em itálico foi uma forma de representar a raiz desses verbos e o mesmo acontecerá com outros verbos do PB que possuem raízes irregulares, como *ser*. Com os verbos mais regulares, a notação será feita normalmente: para *ficar*, por exemplo, *fíc*-.

3.4 A “pronúncia” de cópias nas estruturas auxiliares

Como mostrado anteriormente, o fenômeno da “pronúncia” da cópia da posição EPP da oração encaixada em estruturas de controle também ocorre em estruturas contendo verbos auxiliares e, aparentemente, nenhuma subordinação, segundo análises tradicionais que não consideram auxiliares como verbos principais subordinantes. Nesta seção pretende-se apresentar os dados que motivam essa afirmação.

3.4.1 Nas sentenças com apenas um auxiliar

Como já apresentado no capítulo anterior, as sentenças com um auxiliar podem existir em dois tipos de estruturas, conforme o tipo de predicação que se segue ao auxiliar: uma SC ou um VP.

- (26) a. Maria é inteligente
 b. Maria está cansada.
 c. Maria está chorando.
 d. Maria está comendo um chocolate.

- (27)⁸⁹ a. Ela está neurótica sem motivo com o concurso, afinal a Maria é ELA a mais inteligente do grupo.
 b. Ela fala da Claudia, mas a Maria está ELA cansada demais⁹⁰.

Nos exemplos acima, temos a cópia mais baixa, a de dentro da SC, pronunciada. É interessante reparar que essa é uma posição temática, o que também vai contra a generalização de Guimarães e Mendes (2012), assim como acontece com a sentença (15)c apresentada na seção anterior. Nos dados abaixo, a cópia pronunciada é a do Spec de TP, visto que o verbo já está em sua forma nominal.

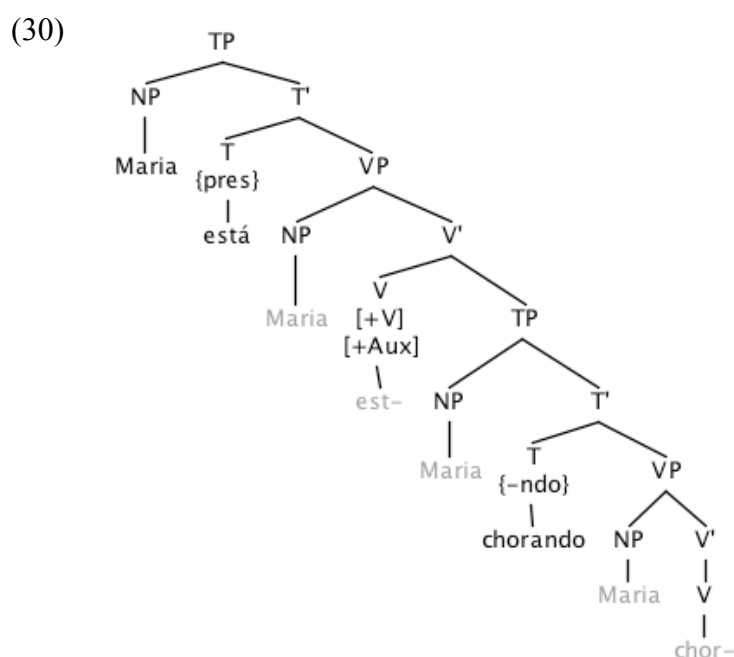
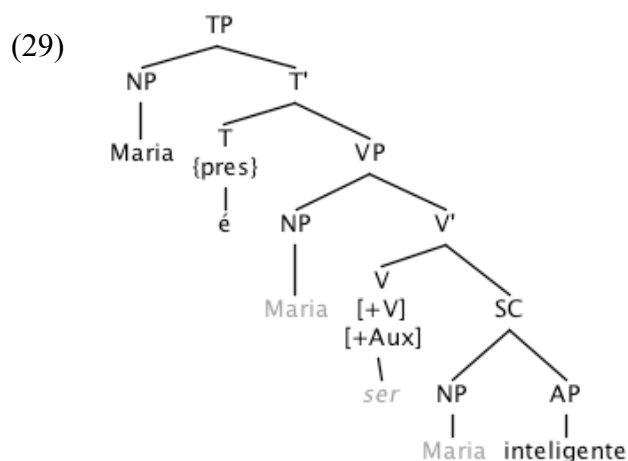
⁸⁹ Apesar de esses exemplos estarem relacionados aos exemplos em (26), as sentenças foram incrementadas para que estivessem inseridas em um contexto pragmático mais favorável à sua interpretação.

⁹⁰ É importante observar que uma estrutura como “*Maria está cansada ELA” não é possível, pois não há nenhuma cópia mais baixa de [Maria] que a da própria SC (posicionada imediatamente antes de [cansada]) para ser pseudo-pronominalizada.

Quando nessa posição, a “pronúnciação” se encontra de acordo com a generalização de Guimarães e Mendes.

- (28) a. Maria está ELA chorando e não a Claudia.
b. Maria está ELA comendo o chocolate e não a Claudia.

Os dados em (27) e (28) nos levam a afirmar que a “pronúnciação” da cópia pode se dar tanto nas combinações de $V_{[+Aux]}$ com SC, como nas combinações de $V_{[+Aux]}$ com outros VP (sejam eles AuxPs ou não). Seguindo as estruturas apresentadas na seção anterior, temos, para cada estrutura verbal $[+Aux]$, uma cópia do sujeito na posição de Spec do VP e outra no Spec do TP imediatamente superior.



Nessas estruturas, sugere-se que os núdulos IngP, EnP de Lasnik sejam, na realidade, tipos de TP. Assim os verbos selecionariam o tipo de TP que exigem, seja ele um TP-ndo, de gerúndio, um TP-r de infinitivo ou um TP-do de particípio. Já é proposto no inglês que o infinitivo, composto por *to* + verbo como *to be*, *to talk*, trata-se do núcleo *to* de um TP, da mesma forma que as exigências morfossintáticas dos verbos [+Aux].

As estruturas acima também mostram que não há posição “preenchível” entre o sujeito, Spec do TP mais alto, e o verbo, o que explica a impossibilidade de dados como “*Maria ELA é inteligente” ou “*Maria ELA está chorando”⁹¹.

As possibilidades apresentadas em (27) e (28) podem ocorrer com os outros auxiliares, desde que colocados em contextos favoráveis a sua interpretação. É interessante observar que esse tipo de estrutura parece mais natural em sentenças comparativas e explicativas, porque nelas há contraste de informação.

- (31) a. Maria ficou estressada com a festa depois que despediu a organizadora.
b. Maria ficou ELA estressada com a festa depois que despediu a organizadora.
- (32) a. Maria ficou chorando depois que despediu a organizadora.
b. Maria ficou ELA chorando depois que despediu a organizadora.
- (33) a. Maria permanence estressada com a festa depois que despediu a organizadora.
b. ?Maria permanence ELA estressada com a festa depois que despediu a organizadora⁹².
- (34) a. Maria permaneceu chorando depois que despediu a organizadora.
b. Quem mandou despedir a organizadora? Maria permanence ELA chorando por causa da organização da festa.

⁹¹ Não se trata de sentenças com “Maria” em posição de tópico como em “Maria, ela está chorando”.

⁹² Acredita-se que essa sentença, assim como a sentença em (a), apresenta estranheza por motivos pragmáticos do uso de *permanecer*. As sentenças em (35) seriam escolhidas mais naturalmente para transmitir a mesma informação.

- (35) a. Maria continua estressada com a festa depois que despediu a organizadora.
b. Quem mandou despedir a organizadora? Maria continua ELA estressada com a organização da festa.
- (36) a. Maria continua chorando depois que despediu a organizadora.
b. Maria continua ELA chorando depois que despediu a organizadora.
- (37) a. Maria anda estressada com a festa depois que despediu a organizadora.
b. ?Maria anda ELA estressada com a festa depois que despediu a organizadora.
- (38) a. Maria anda chorando depois que despediu a organizadora.
b. Maria anda ELA chorando depois que despediu a organizadora.
- (39) a. Maria parece estressada com a festa depois que despediu a organizadora.
b. Maria parece ELA estressada com a festa depois que despediu a organizadora.
- (40) a. Maria parece chorar depois que despediu a organizadora.
b. Maria parece ELA chorar depois que despediu a organizadora.
- (41) a. Maria vai chorar depois de despedir a organizadora.
b. Maria vai ELA chorar depois de despedir a organizadora.
- (42) a. Maria tem chorado depois que despediu a organizadora.
b. Maria tem ELA chorado depois que despediu a organizadora⁹³.

⁹³ As sentenças com os auxiliares *ir e ter* não foram apresentadas com SC dada a impossibilidade de esses verbos ocorrerem nesse contexto:

- a. *Maria vai cansada.
b. Maria vai estar cansada amanhã.
c. *Maria tem inteligente.
d. Maria tem estado cansada ultimamente.

3.4.2 Nas sentenças com mais auxiliares

Nas sentenças com dois auxiliares, os padrões apresentados em (27) e (28)⁹⁴ se mantêm, porém adiciona-se mais uma possibilidade de “pronúnciação” de cópia, visto que agora haveria mais TPs não finitos na estrutura global, e, conseqüentemente, mais cópias que podem vir a ser pronunciadas.

- (43) a. Maria está ELA sendo fofoqueira e não a Claudia.
 b. Maria parece ELA ser fofoqueira e não a Claudia.
 c. Maria continua ELA parecendo a fofoqueira do grupo e não a Claudia.
 d. Maria tem ELA andado estranha ultimamente, não a Claudia.
- (44) a. Maria parece ELA estar chorando muito.
 b. Maria tem ELA continuado chorando muito, não importa o que ela diga.
 c. Maria vai ELA ficar chorando o tempo todo e não a Claudia.

As sentenças em (43) e (44) apresentam “pronúnciação” da cópia em posição EPP anterior ao segundo auxiliar (ou verbo com traço [+Aux]). Novamente, as sentenças são possíveis em seus dois ambientes sintáticos, com complemento SC ou VP.

É importante reiterar que as restrições apresentadas no Capítulo II quanto às possibilidades de combinação se mantêm na observação desse fenômeno: se a sentença não é possível sem a “pronúnciação” da cópia focalizada, ela também não será possível com tal “pronúnciação”. Assim as restrições específicas dos verbos, como a impossibilidade de *ser* exercer função auxiliar para outra estrutura auxiliar, assim como a restrição de duplo gerúndio se mantêm.

Os próximos exemplos apresentam a “pronúnciação” de uma cópia na posição imediatamente anterior à SC ou ao VP, ainda assim com dois auxiliares ou estruturas com verbo de traço [+Aux].

⁹⁴ (27) a. Ela está neurótica sem motivo com o concurso, afinal a Maria é ELA a mais inteligente do grupo.

b. Ela fala da Claudia, mas a Maria está ELA cansada demais.

(28) a. Maria está ELA chorando e não a Claudia.

b. Maria está ELA comendo o chocolate e não a Claudia.

- (45) a. Maria está sendo ELA a fofoqueira e não a Claudia.
 b. Maria parece ser ELA a fofoqueira e não a Claudia.
 c. Maria continua parecendo ELA a fofoqueira do grupo e não a Claudia.
 d. ?Maria tem andado ELA estranha ultimamente, não a Claudia.
- (46) a. Maria parece estar ELA chorando muito e não a Claudia.
 b. ?Maria tem continuado ELA chorando muito, não importa o que ela diga.
 c. ?Maria vai ficar ELA chorando o tempo todo e não a Claudia.

Quando a pronominalização é feita nessa posição, algumas combinações parecem mais forçadas, mas não impossíveis. Uma intuição inicial seria que a pragmática e questões de aspecto poderiam estar relacionadas a essa estranheza, mas não nos aprofundaremos nessa questão.

Nas sequências com três verbos auxiliares em combinação, os padrões anteriores se repetem. Os próximos exemplos contrastam a “pronúnciação” das cópias baixas da segunda ou do terceiro elemento auxiliar. A primeira sequência de exemplos apresenta as estruturas SC e a segunda as estruturas de VP.

- (47) a. Maria parece ELA estar ficando estressada com a festa e não a Claudia.
 a'. Maria parece estar ELA ficando estressada com a festa e não a Claudia.
 b. Maria está ELA indo parecer ciumenta na frente de Pedro.
 b'. ?Maria está indo ELA parecer ciumenta na frente de Pedro.
 c. Maria vai ELA parecer ser ciumenta na frente de Pedro.
 c'. Maria vai parecer ELA ser ciumenta na frente de Pedro.
 d. Maria tem ELA parecido estar estressada com a festa e não a Claudia.
 d'. Maria tem parecido ELA estar estressada com a festa e não a Claudia.
 e. Maria parece ELA continuar ficando cansada demais depois do treino.
 e'. Maria parece continuar ELA ficando cansada demais depois do treino⁹⁵.
- (48) a. ?Maria está ELA indo ficar chorando no ombro do Pedro e não vice-versa.
 a'. ?Maria está indo ELA ficar chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

⁹⁵ Admite-se novamente que as sentenças com mais de um auxiliar e uma cópia baixa do sujeito pseudopronominalizada não são de produção tão natural, mas pelos nossos testes com nossos informantes elas seriam possíveis.

b. Maria está ELA parecendo continuar chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

b'. Maria está parecendo ELA continuar chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

c. Assim Maria vai ELA parecer estar chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

c'. Assim Maria vai parecer ELA estar chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

É muito interessante que há a possibilidade de pseudo-pronominalização na posição EPP do TP correspondente ao segundo ou ao terceiro auxiliar, sem que haja mudanças claras e evidentes de significado. Pode-se imaginar que o auxiliar ocupando o núcleo do TP em cujo Spec estaria a cópia pronunciada deveria naturalmente estar mais em evidência que os outros, mas não há distinções facilmente perceptíveis entre as possibilidades. Mais uma vez, reitera-se que essas sentenças, principalmente as com três auxiliares, não são de uso comum e diário, mas o objetivo aqui é exatamente testar as possibilidades de combinação sintática no limite da competência, não do desempenho.

Os próximos exemplos apresentam as sentenças de (47) e (48) com a pseudo-pronominalização da cópia de dentro da SC ou do TP correspondente ao VP seguinte.

(49) a. Maria parece estar ficando ELA estressada com a festa e não a Claudia.

b. ?Maria está indo parecer ELA a ciumenta na frente de Pedro.

c. Maria vai parecer ser ELA a ciumenta na frente de Pedro.

d. Maria tem parecido estar ELA estressada com a festa e não a Claudia.

e. ?Maria parece continuar ficando ELA cansada demais depois do treino.

(50) a. Maria está indo ficar ELA chorando no ombro do Pedro e não vice-versa.

b. ?Maria está parecendo continuar ELA chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

c. Assim Maria vai parecer estar ELA chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

A respeito das sentenças duvidosas de (49)e. e (50)b., não se pode afirmar exatamente o que causa maior estranheza, visto que suas correspondentes sem pseudo-pronominalização não se mostram estranhas: “Maria parece continuar ficando cansada demais depois do treino.” e “Maria está parecendo continuar chorando no ombro de Pedro e não vice-versa”.

Há ainda outra possibilidade a ser explorada: uma cópia ainda mais baixa sofrer “pronúnciação”.

3.4.3 A “pronúnciação” de mais de uma cópia simultaneamente

Depois de observar todos esses dados, cabe perguntar se é possível que se faça pseudo-pronominalização de mais de uma cópia ao mesmo tempo. Os exemplos abaixo demonstram que a dupla pronominalização não é possível.

- (51) a. *Maria está ELA sendo ELA a fofoqueira e não a Claudia.
 b. *Maria parece ELA ser ELA a fofoqueira e não a Claudia.
 c. *Maria continua ELA parecendo ELA a fofoqueira do grupo e não a Claudia.
 d. *Maria tem ELA andado ELA estranha ultimamente, não a Claudia.
- (52) a. *Maria parece ELA estar ELA chorando muito e não a Claudia.
 b. *Maria tem ELA continuado ELA chorando muito, não importa o que ela diga.
 c. *Maria vai ELA ficar ELA chorando o tempo todo e não a Claudia.

Nas sentenças com três auxílios também encontramos essa restrição quanto à múltipla “pronúnciação”, seja em todas as cópias ou em duas delas.

- (53) a. *Maria parece ELA estar ELA ficando ELA estressada com a festa e não a Claudia.

a'. *Maria parece ELA estar ELA ficando estressada com a festa e não a Claudia.

a''. *Maria parece ELA estar ficando ELA estressada com a festa e não a Claudia.

a'''. *Maria parece estar ELA ficando ELA estressada com a festa e não a Claudia.

b. *Maria está ELA indo ELA parecer ELA a ciumenta na frente de Pedro.

b'. *Maria está ELA indo ELA parecer a ciumenta na frente de Pedro.

b''. *Maria está ELA indo parecer ELA a ciumenta na frente de Pedro.

b'''. *Maria está indo ELA parecer ELA a ciumenta na frente de Pedro.

c. *Maria vai ELA parecer ELA ser ELA a ciumenta na frente de Pedro.

c'. *Maria vai ELA parecer ELA ser a ciumenta na frente de Pedro.

c''. *Maria vai ELA parecer ser ELA a ciumenta na frente de Pedro.

c'''. *Maria vai parecer ELA ser ELA a ciumenta na frente de Pedro.

d. *Maria tem ELA parecido ELA estar ELA estressada com a festa e não a Claudia.

d'. *Maria tem ELA parecido ELA estar estressada com a festa e não a Claudia.

d''. *Maria tem ELA parecido estar ELA estressada com a festa e não a Claudia.

d'''. *Maria tem parecido ELA estar ELA estressada com a festa e não a Claudia.

e. *Maria parece ELA continuar ELA ficando ELA cansada demais depois do treino.

e'. *Maria parece ELA continuar ELA ficando cansada demais depois do treino.

e''. *Maria parece ELA continuar ficando ELA cansada demais depois do treino.

e'''. *Maria parece continuar ELA ficando ELA cansada demais depois do treino.

(54) a. *Maria está ELA indo ELA ficar ELA chorando no ombro do Pedro e não vice-versa.

a'. *Maria está ELA indo ELA ficar chorando no ombro do Pedro e não vice-versa.

a''. *Maria está ELA indo ficar ELA chorando no ombro do Pedro e não vice-versa.

a'''. *Maria está indo ELA ficar ELA chorando no ombro do Pedro e não vice-versa.

b. *Maria está ELA parecendo ELA continuar ELA chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

b'. *Maria está ELA parecendo ELA continuar chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

b''. *Maria está ELA parecendo continuar ELA chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

b'''. *Maria está parecendo ELA continuar ELA chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

c. *Assim Maria vai ELA parecer ELA estar ELA chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

c'. *Assim Maria vai ELA parecer ELA estar chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

c''. *Assim Maria vai ELA parecer estar ELA chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

c'''. *Assim Maria vai parecer ELA estar ELA chorando no ombro de Pedro e não vice-versa.

Observando estes dados podemos confirmar que não há a possibilidade de pseudo-pronominalização de mais de uma cópia baixa nestas estruturas.

Sobre a realização fonética de múltiplas cópias, Nunes (1995, 1999, 2004) afirma que a escolha de quais cópias de uma cadeia apagar ou pronunciar é o resultado da interação entre condições de legibilidade em PF (segundo ele, pautadas em uma versão do Axioma de Correnpondência Linear (LCA) de Kayne (1994)) e princípios de economia, que determinam que haja o menor número possível de apagamentos (de cópias inteiras ou de subpartes delas, até de traços). Tipicamente, a junção desses fatores conspira para que a cópia mais alta da cadeia seja mantida e todas as demais apagadas.

Haveria, entretanto, casos “especiais” em que o procedimento que seria, em princípio, o mais econômico, é descartado por gerar uma representação não convergente em PF. Posto que a derivação “mais econômica” é definida como “a mais econômica dentre as convergentes”, acaba ocorrendo que, nos casos especiais (motivados por alguma demanda de PF), a derivação mais econômica envolve uma estratégia alternativa de apagamento e pronúncia de cópias, em que mais de uma cópia é pronunciada simultaneamente. Nesses casos, ainda segundo Nunes, uma ou mais cópias se tornam invisíveis ao LCA, portanto, sobrevivendo (por assim dizer, “driblando”) ao mecanismo de apagamento. Isso aconteceria em casos de *Reanálise Morfológica*, isto é, quando dois núcleos passam a ser analisados pela Morfologia como uma única palavra. Seus exemplos são principalmente de realização múltipla de clíticos (como no espanhol, palavras “pequenas” que podem ser vistas pelo LCA como parte do próprio núcleo de outra palavra) ou de múltiplas cópias de um sintagma *wh* que seja “atômico”, monomorfêmico. Nesses casos, tais cópias “engolidas por outra palavra” acabam “escondidas” e invisíveis para o LCA, cujo “campo de visão” somente detecta estrutura até o nível da palavra e não abaixo disso. Assim, as cópias “escondidas” de constituintes pequenos, cliticizados não são apagadas pelo mecanismo de Redução de Cadeia. Para ilustrar, temos os exemplos em (55) do Frisão (Nunes 2001) e em (56) e (57) do Alemão (Nunes 2004).

- (55) **wa** tinke jo **wa't** ik sjoen haw
 quem pensa você quem-que eu visto tenho
 ‘quem você pensa que eu tenho visto?’
- (56) **wovon** glaubst du **wovon** sie träumt?
 of-what believe you of-what she dreams
 ‘What do you believe that she dreams of?’
- (57) **wen** denkst Du **wen** sie meint **wen** Harald liebt?
 who think you who she believes who Harald loves
 ‘Who do you think that she believes that Harald loves?’

O que ocorre nesses casos relatados por Nunes é diferente do que vimos anteriormente nos dados em (51) a (54), apesar de, em ambos os casos, haver mais de uma cópia sendo pronunciada.

Nos dados de Nunes, todas as cópias realizadas estão “em sua forma original”, todos os elos mais baixos são morfológicamente idênticos à cópia mais alta realizada. Nos nossos dados inéditos de dupla realização de sujeito em uma sequência de auxiliares, a cópia mais baixa que se se pronuncia passa por um processo morfológico de natureza distinta da Reanálise Morfológica mencionada por Nunes. Nesses dados, nenhuma cópia da cadeia é um clítico ou é necessariamente uma única palavra monomorfêmica. Mais que isso, o fato de a cópia mais baixa que acaba sendo pronunciada ser necessariamente focalizada (i.e. portadora de um acento prosódico) a torna o exato oposto de um item passível de sofrer o tipo de Reanálise Morfológica a que Nunes se refere. Por fim, a cópia baixa focalizada necessariamente não se realiza “em sua forma original”, mas sim na forma de um pseudo-pronome. Logo, não podemos afirmar que a multiplicidade (a rigor, apenas duplicação) de realização do sujeito nos nossos exemplos seja fruto de um “escape” ao processo de apagamento consequente da invisibilidade ao LCA.

Diante do exposto acima, é seguro afirmar que se tratam de dois casos distintos. Nas construções analisadas por Nunes, temos situações com realização fonética de uma terceira cópia, como em (57), o que é impossível nos nossos dados de pseudo-pronominalização de sujeitos em construções com sequência de auxiliares. Isso, por si só, não responde à pergunta que emerge naturalmente a essa altura: por que não é possível a pseudo-pronominalização de mais de uma cópia baixa numa sequência de múltiplos auxiliares? Qualquer que seja o impedimento para isso, podemos afirmar que os dados de Nunes e os nossos não entram em conflito, as previsões de uma análise feita para um dos fenômenos não se aplicariam automaticamente ao outro fenômeno. Em outras palavras, um grupo de dados não é contra-exemplo para o outro. Isso posto, a pergunta que acabamos de colocar ainda permanece sem resposta. Embora talvez seja impossível respondê-la plenamente nos limites desta dissertação, alguns caminhos vão se sugerindo, afunilando as possibilidades.

É importante notar que, entre os casos “especiais” estudados por Nunes, há também o fenômeno que ele rotulou de *Scattered Deletion*, em que cada cópia tem uma parte realizada e outra apagada, gerando constituintes descontínuos em PF.

Interessantemente, o que sempre vemos nesses casos é uma divisão entre pronúncia e silêncio envolvendo apenas duas cópias da cadeia, mesmo que a cadeia tenha mais de dois membros. Nunes (2004, p. 29) apresenta dados do Croata, em que há a possibilidade de se apagar parte da primeira e parte da segunda cópia, como mostram os exemplos abaixo:

- (58) Na kakav je Ivan krov bacio loptu?
 on what-kind-of be Ivan roof throw ball
 ‘on what kind of roof did Ivan throw the ball?’
- (59) a. [[_{PP} na [kakav krov]]]_i je Ivan [_{PP} na [kakav krov]]_i bacio loptu [_{PP} na [kakav krov]]_i]
 b. [[_{PP} na [kakav ~~krov~~]]]_i je Ivan [_{PP} ~~na~~-[~~kakav~~-krov]]_i bacio loptu [_{PP}-~~na~~-[~~kakav~~
~~krov~~]]_i]

Esse tipo especial de apagamento, que elimina partes de diferentes elos da cadeia (em distribuição complementar), apesar de mais custoso em princípio, acaba sendo a solução mais econômica dentre as convergentes, por ser motivado por algum princípio de PF que exija essa “separação” em partes das cópias.

Apesar de este tipo de construção ser bem distinta das que aqui estamos analisando, o que se pode perceber é que quando ocorrem “casos especiais” que trazem alguma restrição imposta por PF atuando sobre elementos não clíticos, as relações se dão entre apenas dois elos da cadeia, da mesma forma que ocorre com os nossos dados em (51) a (54). Isso ainda está longe de ser uma explicação unificada, mas pode ser visto como, no mínimo, uma observação sugestiva.

Nossa hipótese é de que não se trata de uma restrição de realização fonética de cópias, que restrinja o número possível de cópias pronunciadas, mas sim de uma restrição de focalização em mais de um elo de uma cadeia. Se esse for o caso, o que acontece é que para haver realização de uma terceira cópia, é necessário que haja uma segunda incidência de que foco estreito em mais um elo de uma mesma cadeia, i.e, é

necessário que as duas cópias pseudo-pronominalizadas que pertencem à mesma cadeia recebam foco.

- (60) a. Maria beijou O JOÃO.
 a'. Foi MARIA que beijou O JOÃO.
 b. O PEDRO parece estar regando as plantas.
 b'. O PEDRO é que parece (*ELE) estar (*ELE) regando as plantas
 c. O PEDRO é que regou as plantas.
 c'. O PEDRO é que (*ELE) regou as plantas.

Os exemplos em (60)a mostram a possibilidade de se ter foco estreito em dois elementos de cadeia distintas. Os dados em (60)b, mostram que, mesmo com apenas uma cópia pronunciada, a sentença com dois focos, um na cópia mais alta (com traços checados) e outro na cópia pseudo-pronominalizada, é mais degradada senão impossível. Os casos em (60)c são de importância fundamental para o nosso argumento, pois são a prova empírica de que a restrição sobre mais de um foco numa mesma cadeia é independente da existência das sequências de auxiliares aqui estudadas.

Mas o que fazer com dados como (61) em que parece haver “pronúnciação” de uma terceira cópia?

- (61) a. O meninos querem ELES lavar o carro depois que ELES arrumarem a casa.
 b. Os meninos parecem ELES estar conversando enquanto ELES estudam.

Nesses casos o que temos são instâncias de *Controle em Adjuntos*. A terceira cópia pronunciada está dentro de um adjunto e por isso faz parte de outra cadeia. Para explicar os casos de *Lacuna Parasita* em adjuntos, Nunes (1995, 2001, 2004) postula a existência de movimento lateral. Nesses casos, o que se passa é que antes de o sintagma adjunto ser adjungido a VP, isto é, antes que ele se torne uma ilha, ocorre o movimento lateral que copia o NP/DP que está dentro do adjunto e o leva para VP da sentença matriz. Assim, o movimento lateral acontece quando

o sistema computacional copia um dado constituinte α de um objeto sintático K e conecta α a um objeto sintático L, formado independentemente e desconectado de K, resultando no passo derivacional ... em que as cópias de α não podem formar uma cadeia por estarem em “árvores” distintas (Nunes, 2003, p. 211).

Pensemos mais detalhadamente na estrutura em (61)a. O sintagma [*os meninos*] é gerado dentro do adjunto [*depois que os meninos arrumarem a casa*]. Antes de esse adjunto tomar sua posição adjungida a VP, há movimento lateral de [*os meninos*] para Spec do VP [*lav- o carro*]. Depois de ocorrido o movimento, o adjunto como um todo se adjunge a VP, mantendo dentro dele a cópia [*os meninos*]. Porém, essas primeiras duas cópias do DP não formam uma cadeia entre si, visto que não há c-comando ocorrendo entre elas de nenhuma forma. A derivação continua e o sintagma [*os meninos*] se move para Spec do TP logo acima do VP nucleado por *lavar*, e depois para Spec do VP nucleado por *querer*. Por fim, move-se para Spec do TP mais alto da sentença para ter seu caso checado. O que ocorre então é que a cópia mais alta não forma cadeia apenas com as cópias da matriz. Além disso, forma uma segunda cadeia com aquela primeira cópia de dentro do adjunto, pois a c-comanda. O que temos nestes casos é, então, a existência de duas cadeias e é por isso que é possível haver duas pseudo-pronominalizações nessas sentenças. A primeira é da realização fonética de uma cópia da cadeia da sentença matriz, e a segunda, da realização de uma cópia de dentro da cadeia do adjunto. É importante frisar que as duas cópias pseudo-pronominalizadas não formam cadeia entre si.

Como resultado, teríamos a estrutura em (62):

(62) [TP O $\text{meninos}_{i/k}$ querem [VP ~~os meninos quer~~ [TP ELES_i lavarem [VP [VP ~~os meninos lav~~ o carro] [AdvP depois [CP que [TP ELES_k arrumarem [VP ~~os meninos arrum~~ a casa]]]]]]]]].

Sendo assim, esses casos não se colocam como problemas para a generalização apresentada anteriormente de que não pode haver foco estreito em mais de um elo da cadeia, já que eles contam com instâncias de foco em cadeias distintas.

3.5 Uma proposta de análise

Os dados apresentados na seção acima corroboram a hipótese de que há, nas estruturas com verbos auxiliares, uma posição EPP disponível para abrigar o sujeito da sentença, o que nos apresenta mais uma evidência positiva para um modelo semelhante ao de Ross (1969), segundo o qual os auxiliares seriam tal como os verbos plenos, lexicalmente e sintaticamente, apenas diferindo quanto à valoração positiva para o traço [Aux].

Os verbos de traço [+Aux], então, selecionariam SCs ou sentenças. Essas sentenças, encabeçadas por um TP não-finito, podem ser nucleadas por verbos de traço [+Aux] ou [-Aux]. Assim, os verbos [+Aux] podem selecionar outras estruturas anteriormente chamadas de auxiliares, bem como outros VPs. A grande propriedade que este traço [+Aux] impõe é com relação à sentença complemento que deve ser uma sentença infinita de gerúndio, particípio ou infinitivo, dependendo do verbo em questão, como apresentado no Capítulo II na discussão sobre as Dependências Morfossintáticas. Além disso, as estruturas verbais [+Aux] podem ter como complemento uma SC, o que não ocorre com as estruturas verbais [-Aux].

(63) a. Maria é feliz.

[TP_{pres} [VP *ser* [SC Maria feliz]]]⁹⁶

[TP Maria é [VP ~~Maria-*ser*~~ [SC ~~Maria~~ feliz]]]

b. *Maria come feliz

[TP_{pres} [VP *com-* [SC Maria feliz]]]

*[TP Maria come [VP ~~Maria-*com-*~~ [SC ~~Maria~~ feliz]]]

c. Maria come feliz

[TP_{pres} [VP Maria *com-* [AdvP feliz]]]

[TP Maria come [VP ~~Maria-*com-*~~ [AdvP feliz]]]

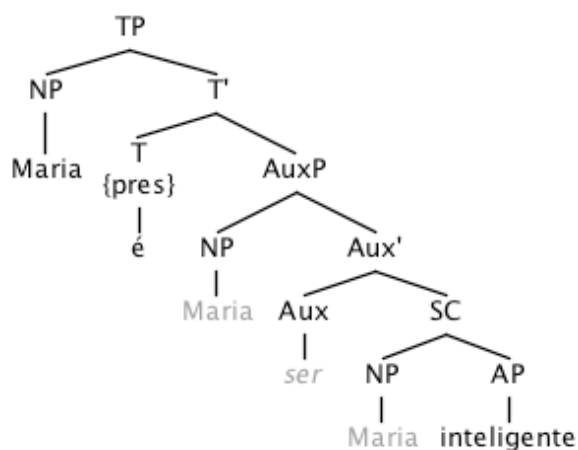
Por essas restrições ao tipo de sentença complemento, chamaremos os constituintes de verbos de traço [+Aux] de AuxP e dos verbos [-Aux] que selecionam sentenças finitas ou infinitas como complemento assim como objetos nucleados por preposições ou nomes, de VP. Isso não quer dizer que estejamos

⁹⁶ Representação antes de ocorrerem os movimentos.

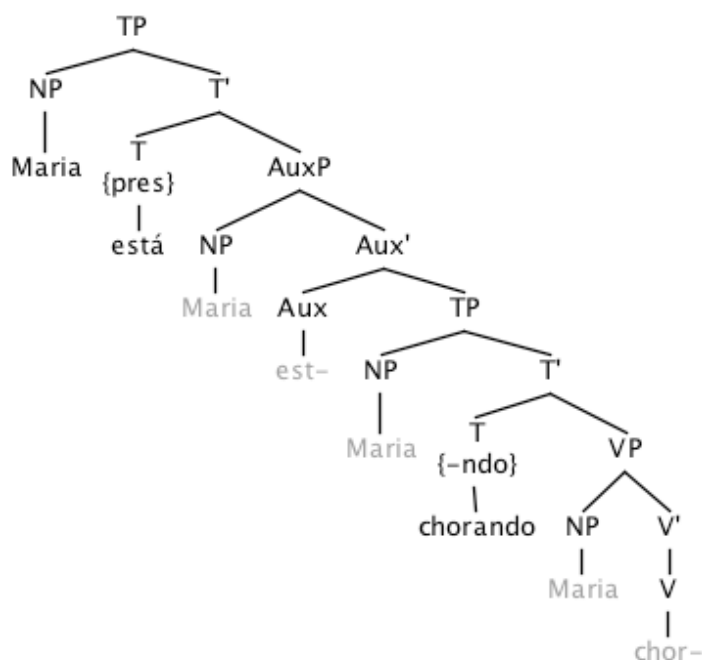
separando duas categorias e sim representando de formas diferentes duas nuances de uma mesma categoria, verbo.

Assim, podemos postular que AuxP é complemento de um TP, e tem em seu núcleo um verbo de traço [+Aux] como *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*, *continuar*, *andar*, *parecer*, e que AuxP pode selecionar como complemento uma SC ou um novo TP, cujo complemento pode ser um outro AuxP ou um VP:

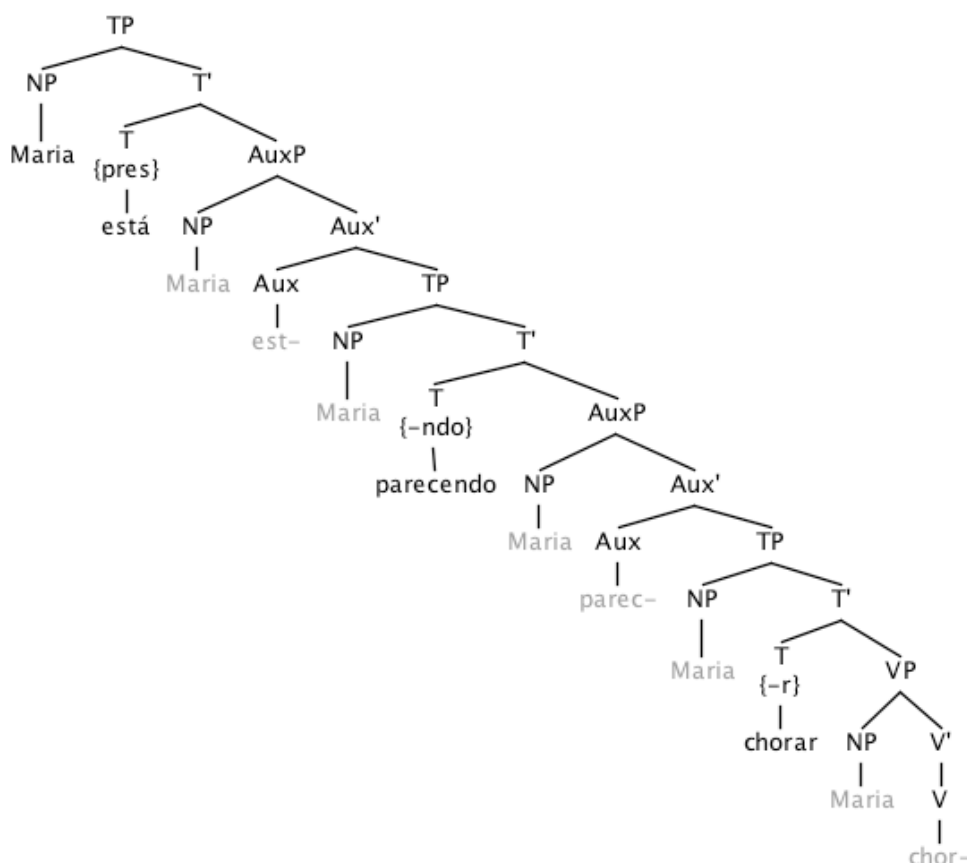
(64)



(65)



(66)



Nas representações acima, cada NP acinzentado é uma cópia não realizada. Como demonstrado nos exemplos da seção anterior, admite-se que as cópias do sujeito que ocupam as posições de Spec de TP, quantas forem necessárias para a derivação, estariam em posições EPP.

Assim, o NP sujeito é gerado em uma posição theta, seja na posição de sujeito da SC ou no Spec de VP, e se move, passando por posições EPP intermediárias, até a posição EPP mais alta da estrutura como um todo, a posição EPP do TP finito, para checar caso nominativo. Contrariamente à tradição, assume-se aqui que esse movimento ocorreria com pousos em posições de Spec de AuxP no curso da derivação. À primeira vista, isso parece desnecessário ou impossível, pois, tradicionalmente, os verbos auxiliares não seriam atribuidores de papel temático, o que será questionado adiante.

Os espaços que possuem cópias do NP sujeito seriam todos, em princípio, passíveis de “pseudo-pronominalização” do sujeito, i.e., uma dessas posições, mas apenas uma, pode ser realizada por uma anáfora, pronunciada, como o pronome

“ela”, pois, como explicado na seção anterior, não podemos ter mais de um foco em elementos da mesma cadeia e, para uma dada cópia ser pronunciada, é preciso que haja foco estreito incidindo sobre ela.

Para que haja incidência de foco sobre uma cópia, ao menos duas coisas são necessárias: (i) tal cópia precisa ter material fonológico (não clítico) capaz de portar o acento associado ao foco em PF; e (ii) tal cópia deve codificar alguma informação semântica que seja “focalizável”, e que seja própria daquela cópia, i.e. contrastável com informações presentes nas outras cópias da cadeia, e que distinguem a cópia focalizada das outras em LF.

Numa cadeia com mais de um papel temático (como tipicamente assumido na *Teoria de Controle por Movimento* em geral, e como assumido na análise de Guimarães e Mendes (2012, 2013) para os dados apresentados na seção 3.3. deste capítulo), essa informação focalizável seria um papel temático recebido pelo DP/NP naquele domínio específico. Como, então, conceber que as cópias pronunciadas antes de um verbo [+Aux] expressem focalização sobre um papel temático localmente atribuído se continuarmos assumindo que os verbos [+Aux], ou auxiliares, não atribuem papel temático? Poderíamos, então, sugerir que esses verbos teriam algo como um papel *quasi*-temático para atribuir à cópia que ocupa seu especificador? Apesar de essa ideia ir contra o *mainstream* dos estudos sobre auxiliares, o assunto não está encerrado, e trata-se, em última instância, de uma questão empírica. Devemos estar abertos a explorar tal possibilidade, como aliás já foi apontado pelo próprio Lasnik, no seu trabalho que revisitou a análise de Chomsky (1957), adaptando-o ao modelo contemporâneo de sintaxe. Lasnik (2000, p. 161) afirma que *“it is not obvious that auxiliary verbs (especially modals) don’t have a theta-role to assign”* (grifo nosso).

Em uma análise seguindo os cânones da Teoria de Princípios e Parâmetros ‘clássica’, os verbos [+Aux] carregam informações de tempo, modo, aspecto, pessoa, número de um estrutura de predicado como uma SC.

- (67) a. João é feliz.
 b. João ficou feliz.
 c. João parece feliz.

Nas sentenças em (67), temos diferentes nuances circunstanciais aplicadas a um mesmo estado x = “João feliz”. Em (67a), afirma-se a certeza da existência de x , a felicidade de João é permanente. Em (67b), afirma-se que x é um estado recente, passou-se de um estado anterior (não- x) para o estado x ; algo deixou João feliz. Já (67c) expressa uma possibilidade de x , essa felicidade pode ou não ser verdade, mas há indícios para tomá-la como verdadeira. Entre as três sentenças, as grandes diferenças seriam de caráter semântico/aspectual. Segundo a tradição, os verbos auxiliares que distinguem cada sentença das outras duas não dariam nenhuma informação temática para o NP. Tal informação seria dada dentro da própria SC pelo AP/DP predicator. O movimento do NP para a posição EPP mais alta da estrutura não teria, então, motivo para pousar em nenhum Spec de AuxP ao longo do caminho.

Mas há outra forma, pouco ou nada convencional, de abordar os predicados combinados com verbos [+Aux], concebendo os auxiliares como predicados de dois lugares. O argumento interno na posição de complemento de AuxP seria uma proposição (desde a mais simples, como uma SC pura, à mais complexa, como um TP que contém dentro de si múltiplas camadas recursivas com AuxPs e TPs, até o nível mais baixo, composto de um VP ou uma SC). O argumento externo do verbo [+Aux] não precisaria necessariamente ser gerado em Spec de AuxP. Ele pode ser movido de dentro da SC ou de outro VP; pode ser uma cópia de algo gerado mais abaixo, e pode ser realizado fonologicamente como “pseudo-pronome” ou não.

Com as sentenças em (67), podemos pensar que dentro da própria SC há uma relação temática entre “João” e “feliz”, i.e., entre o indivíduo “João” e o conjunto dos seres que têm a propriedade de ser “feliz” (uma relação de pertinência a tal conjunto). Por mais que o argumento externo de um verbo [+Aux] não seja gerado em Spec AuxP, a relação *quasi*-temática entre o auxiliar e seu argumento externo poderia ser estabelecida entre o auxiliar e um NP que fora gerado mais abaixo e que se moveu até Spec de AuxP. Tal relação *quasi*-temática pode ser vista de modo análogo à relação temática que se dá a partir de predadores clássicos (como em SCs e VPs); ou seja, como relações de pertencimento de indivíduos a conjuntos, conjuntos esses definíveis em termos de uma nuance aspectual acerca da predicação expressa pelo complemento de AuxP.

Nessa perspectiva, para uma estrutura do tipo “Pedro ____ feliz” poderíamos ter esses verbos estabelecendo as seguintes relações:

- verbo *ser*: o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos felizes é permanente, certo.

- verbo *estar*: o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos felizes é temporário, inserido em um intervalo de tempo de durabilidade qualquer introduzido pelo núcleo TP, mas ainda assim é certo.

- verbo *ficar*: o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos felizes não existia anteriormente ao ponto de tempo introduzido pelo núcleo TP, mas também é certo.

- verbo *permanecer*: o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos felizes é consideravelmente anterior e se mantém no ponto de tempo introduzido pelo núcleo TP e é certo.

- verbo *continuar*: o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos felizes é pouco anterior e se mantém no ponto de tempo introduzido pelo núcleo TP e é certo.

- verbo *andar*: o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos felizes existe certamente a partir de um ponto de tempo introduzido pelo núcleo TP, com fim incerto, porém com durabilidade mínima⁹⁷.

- verbo *parecer*: o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos felizes é aparente, mas não certo.

Em uma estrutura cuja predicação nuclear é um VP, a maioria dos auxiliares manteria a mesma denotação. Pensemos primeiramente nas estruturas passivas com *ser*: “O vaso foi quebrado por João” onde o pertencimento do vaso ao grupo dos elementos quebrados por João é certo, permanente, inquestionável. Para os outros verbos, tomemos a estrutura “Pedro _____ chorando/chorar”:

- verbo *estar*: o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos que choram é temporário, inserido no intervalo de tempo de durabilidade qualquer introduzido pelo núcleo TP, mas ainda assim é certo.

⁹⁷ A durabilidade mínima seria um período de tempo mínimo para o intervalo inserido em TP, diferentemente de *estar* que não exige essa durabilidade mínima:

- a) Maria está irritada há dez minutos.
- b) ?Maria anda irritada há dez minutos.
- c) Maria está irritada ultimamente.
- d) Maria anda irritada ultimamente.

- verbo *ficar*: diferente de quando associado a estruturas SC, nesse tipo de estrutura, o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos que choram existia anteriormente e continua certo no ponto de tempo introduzido pelo núcleo TP.

- verbo *permanecer*: o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos que choram é consideravelmente anterior e se mantém no ponto de tempo introduzido pelo núcleo TP e é certo.

- verbo *continuar*: o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos que choram é pouco anterior ao momento da enunciação, se mantém no ponto de tempo introduzido pelo núcleo TP e é certo.

- verbo *andar*: o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos que choram existe certamente a partir de um ponto de tempo introduzido pelo núcleo TP, com fim incerto, porém com durabilidade mínima⁹⁸.

- verbo *parecer*: o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos que choram é aparente, mas não certo.

- verbo *ir*: o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos que choram é antecipável, previsível, e tal pertencimento se dá a partir de uma iniciativa e uma ação do próprio Pedro.

- verbo *ter*: o pertencimento de Pedro ao conjunto dos indivíduos que choram está ocorrendo em um intervalo temporal que já está em seus momentos finais, isto é, trata-se de um estado que já perdura dentro do mesmo intervalo temporal anterior ao ato de fala.

Se essa perspectiva for uma possibilidade, os verbos [+Aux] seriam predicados de dois lugares e passariam uma informação *quasi*-temática ao seu argumento externo, que seria uma cópia do NP originalmente movido da SC ou do VP.⁹⁹

É importante notar que o NP em questão receberia mais de um papel temático, o que muitos considerariam violação do Critério Theta. Hornstein (1999,

⁹⁸ a) Maria está chorando há dez minutos.
b) ?Maria anda chorando há dez minutos.
c) Maria está chorando todos os dias.
d) Maria anda chorando todos os dias.

⁹⁹ Apesar de estarmos considerando essas relações como relações temáticas, ou *quasi*-temáticas, é necessário admitir que essa informação semântica necessária para a focalização do pseudo-pronome nas sentenças em questão, pode ser de natureza aspectual. As próprias paráfrases usadas para destacar as diferentes possibilidades de relações que esses verbos poderiam estabelecer nos remetem a noções aspectuais. No momento, ainda não temos uma teoria de aspecto que possa seguir a análise sintática aqui apresentada. Na continuidade da pesquisa, é preciso fazer as devidas adequações, e talvez reformular a análise em termos de uma teoria aspectual específica e avaliar os resultados.

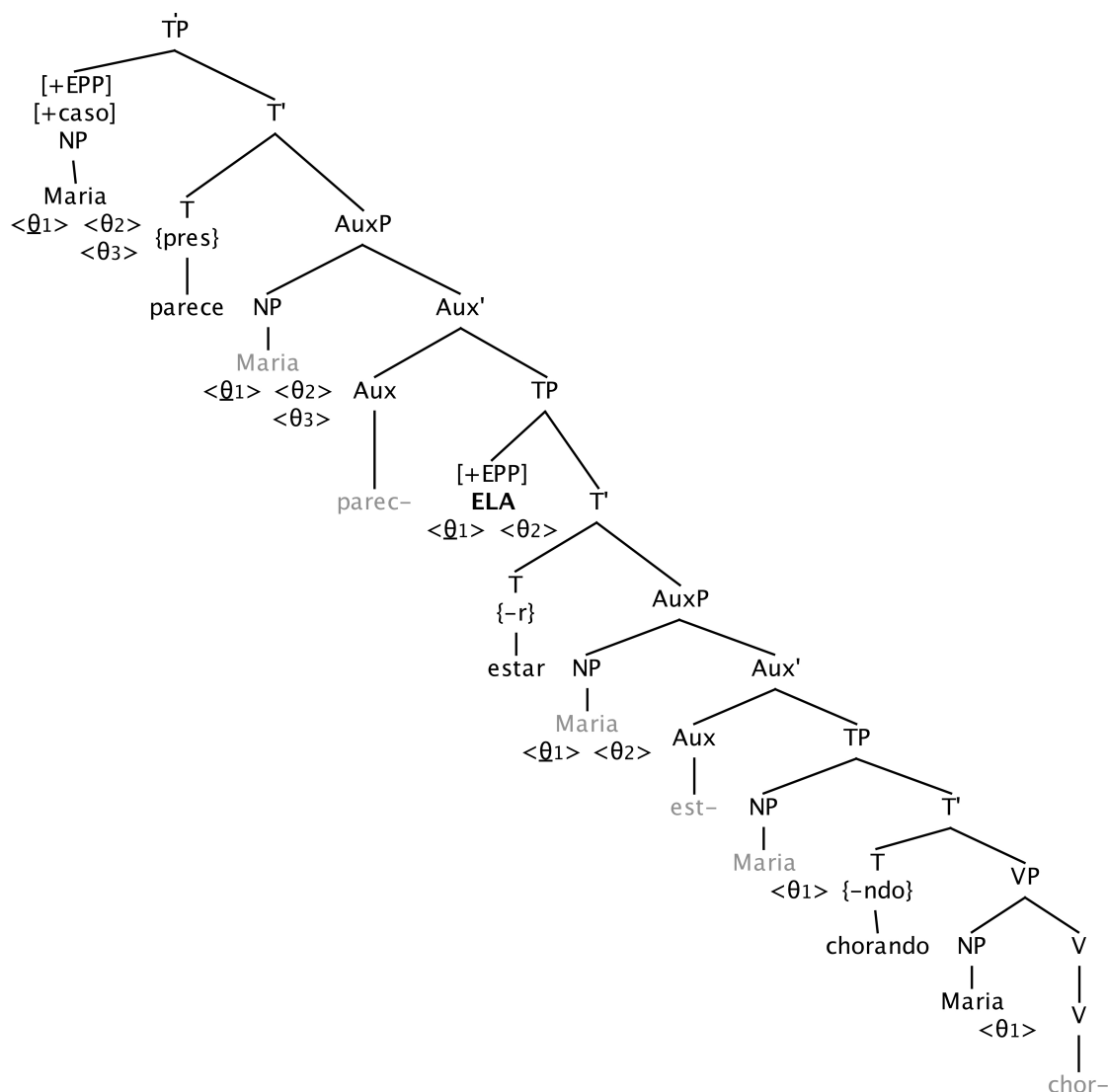
2001) apresenta argumentos para se abandonar o Critério Theta e assumir que papéis temáticos são traços formais.

Nas versões pré-minimalistas da Teoria de Princípios e Parâmetros, o Critério Theta afirmava que cada argumento receberia um, e apenas um, papel temático e cada papel temático seria atribuído a um, e apenas a um, argumento. Este critério se baseava no modelo que dividia a derivação em estrutura-D e estrutura-S, PF e LF, no qual a atribuição de papel temático se dava no nível de estrutura-D. Naquele modelo, um DP não poderia receber mais de um papel temático, visto que, para haver uma segunda atribuição, algum DP teria que ter se movido para outra posição temática, e os movimentos não se dão em estrutura-D e sim entre Estrutura-D e Estrutura-S. Dessa forma, não havia como voltar à estrutura-D para a atribuição de um segundo papel temático depois que a derivação já se encontrava no estágio de estrutura-S (ou rumo a ele) após a realização os movimentos.

Porém, no modelo minimalista, a arquitetura da gramática e a mecânica derivacional foram revistas. A estrutura-D não mais constitui um "nível" de representação na derivação, e a verificação temática só se dá em LF, independentemente de quantidade e tipo de movimentos existentes anteriormente ou da ordem movimento-atribuição; atribuição-movimento, como afirmam Boeckx, Hornstein e Nunes (2010, p. 43): "In particular, minimalists have explored the idea that lexical insertion and theta-assignment, on the one hand, and movement, on the other, can be freely interspersed". Esse novo modelo não permite que o Critério Theta seja derivado da arquitetura da gramática e, dessa forma, observa-se que ou o Critério Theta, se incorporado ao sistema, terá um estatuto axiomático, sem que haja evidência empírica para isso, ou necessidade lógica. Assim, o próprio modelo derivacional minimalista "permite" que um mesmo DP receba mais de um papel temático ao longo da derivação. Pensando assim teríamos algo como:

(69) a. Maria parece ELA estar chorando.

b.



Como os exemplos em (68) mostram, na sentença “Maria está ELA sendo fofoqueira”, o NP “Maria” mais alto em TP teria recebido três papéis temáticos: o primeiro do AP da SC; o segundo do Aux “ser”; e o terceiro do Aux “estar”. A evidência para esta suposição está no elemento que sofre pseudo-pronominalização que focaliza uma informação temática diferente da informação temática recebida inicialmente por “Maria” na SC. Sendo assim, “ELA sendo” demonstra que Maria pertence ao conjunto do que “é fofoqueiro” diferentemente do sintagma “Maria” realizado em Spec de TP que, dos três papéis temáticos recebidos, em foco, focalizaria a informação temática recebida originalmente na SC. O mesmo ocorre com o exemplo em (69) com um VP no lugar de um SC. É interessante reparar, em

(68), que a “permanência” de Maria no conjunto de seres fofoqueiros dada pela informação temática de *ser* acaba sendo temporário devido à atribuição da informação temática de *estar*, assim essa característica passa a ser passageira.

Com relação às possíveis posições para a pseudo-pronominalização da cópia acontecer, pode-se questionar por que elas não ocorrem no Spec de AuxP. Retornamos à generalização feita por Guimarães e Mendes (2012) apresentada na seção 3.3, em que o foco cai sobre a cópia mais próxima ao elo temático e à cabeça da cadeia sem que ocupe posição com outra informação temática.

- (70) a. Maria parece ELA estar ficando estressada com a festa e não a Claudia.
 a'. Maria parece estar ELA ficando estressada com a festa e não a Claudia.

Os exemplos em (70) demonstram como a posição da pseudo-pronominalização da cópia muda apenas sutilmente a informação focalizada. Em (70a), o foco da pronominalização está sobre a relação de “temporiedade” entre a cópia e o conjunto dos seres que “ficam estressados”. Já em (70b) o foco cai sobre a relação de pertencimento da cópia ao conjunto dos seres “estressados”. Logicamente se trata de diferenças sutis que, no momento, são de difícil testagem e nerecem estudos futuros.

Com relação à checagem de caso, por AuxP apenas selecionar SC e TP não-finitos e não permitir marcação exepcional de caso (ECM), as cópias pseudo-pronominalizadas não têm caso checado exatamente naquela posição. A atribuição de caso nominativo ocorre por cadeia desde a posição EPP mais alta que recebe caso nominativo de T até a cópia que é pseudo-pronominalizada.

Até aqui essa visão parece interessante, porém o que fazer com os dados clássicos como [TP *pro* parece [VP *paree-* [CP que Maria está feliz]]], tomados como evidência forte de que verbos como *parecer* não têm argumento externo, admitindo um expletivo em posição EPP, sem caso e sem informação temática? Essa situação não ocorre com todos os verbos [+Aux]. Na realidade, ela ocorre apenas com *parecer*, dos aqui estudados, que tem tanto propriedades muito semelhantes às dos outros verbos [+Aux] descritos no Capítulo II, quanto propriedades distintas. Pensando nesses verbos, podemos esboçar diversas maneiras de pensar e tentar explicar esse tipo de dado canônico de *parecer*. Dizemos “esboçar”, pois a essa

altura da pesquisa não foi possível analisar em detalhes nenhuma dessas possibilidades e nem verificar qual se encaixaria melhor com a análise geral aqui apresentada, porém citaremos rapidamente quais seriam essas possibilidades que serão exploradas.

Nesse tipo de construção, a maior diferença é que *parecer*, diferentemente dos demais verbos [+Aux], pode selecionar uma sentença finita, um CP. Uma solução simples seria pensar que, nessas construções, trata-se de outra entrada lexical, de uma manifestação morfológica idêntica para outro verbo com propriedades diferentes.

Uma hipótese mais ousada seria considerar que esse *pro* carregaria algum tipo de informação semântica, quem sabe o papel quasi-theta que *parecer* atribuiria nas outras construções analisadas na pesquisa.

Outra possibilidade seria pensar que existe um expletivo nulo gerado já no Spec de TP da sentença matriz, satisfazendo assim o EPP da matriz, bem como checando caso nominativo (consequentemente apagando os traços de caso do T matriz e do próprio expletivo). A razão de esse expletivo nulo não ser gerado no Spec de AuxP da matriz (nucleado por “parecer”) é que ele seria, por definição, não-referencial, logo, incapaz de receber o papel temático (ou *quasi*-temático) de “parecer”. O estabelecimento dessa relação temática a partir de “parecer” se daria pelo movimento do NP “Maria”, de dentro do domínio subordinado finito até o especificador do AuxP nucleado por “parecer”. Em sentenças como “Parece que Maria está feliz”, tal movimento ocorreria encobertamente/tardamente entre Spell Out e LF. Desse modo, o NP “Maria” receberia um terceiro papel (*quasi*-) temático, nos moldes do que tem sido proposto ao longo desta dissertação (sendo o primeiro papel temático advindo do predador da SC, o segundo de “estar” e o terceiro de “parecer”).¹⁰¹ Esse movimento, no entanto, é presumivelmente desencadeado muito mais pela necessidade de “parecer” precisar atribuir o seu papel temático (algo que não pode ser feito com o expletivo) que pela possibilidade de “Maria” receber mais um papel temático¹⁰².

¹⁰¹ O movimento de “Maria” para o especificador da projeção máxima de “parecer” estabelece uma relação semântica entre “Maria” e toda a predicação tomada como complemento de “parecer” (i.e. há uma relação de pertencimento aparente de Maria ao conjunto dos indivíduos que se encontram naquele momento no conjunto dos indivíduos felizes).

¹⁰² Admitimos que qualquer uma das 3 propostas apresentadas trazem algumas implicações e problemas que devem ser analisados mais profundamente no futuro, como a carga computacional e a inserção de mais um “tipo” de expletivo na língua.

Tal análise se baseia na hipótese de um movimento que forma uma cadeia temática entre dois domínios finitos, postulando-se um movimento encoberto que, à primeira vista, pode parecer um tanto abstrato demais. No entanto, já há evidência robusta para um movimento muito semelhante a esse, que pode, no limite, ser visto como uma instância do que está sendo proposto aqui. Tal evidência advém de estruturas de hiperalçamento do PB, como “Maria parece que está feliz”.

Segundo Ferreira (2000, 2004, 2009), nessas estruturas, o NP “Maria” é hiperalçado além de seu domínio finito, ocupando o Spec de TP da sentença matriz, até então vazio e precisando ser preenchido para poder checar o traço de caso não interpretável do DP da matriz, bem como para satisfazer o EPP naquele domínio. Dada a ordem de pronúncia dos constituintes, fica claro que esse movimento se daria prematuramente/abertamente, entre a Numeração e Spell-Out.

Na proposta original de Ferreira, esse movimento se daria entre duas posições A-barras (do Spec de TP da encaixada para o Spec de TP da matriz), não formando cadeia temática, pois o autor não contemplava a possibilidade de “parecer” atribuir papel (*quasi*)-temático. No entanto, diante das evidências apresentadas ao longo desta dissertação, é natural que adaptemos essa análise, postulando que esse movimento aberto/prematuro de “Maria” para o domínio da oração matriz faça um pouso na posição de Spec do AuxP nucleado por “parecer” antes de chegar ao Spec de TP da matriz. Isso, contudo, não exclui a possibilidade de haver, no Spec de TP da matriz, um expletivo nulo gerado ali para fins de checagem de caso nominativo e de satisfação de EPP.

Podemos pensar que “Maria”, por já ter checado seu traço não-interpretável de caso nominativo no domínio subordinado, teve esse traço apagado, não podendo mais checar o traço não-interpretável de caso nominativo do T da matriz, o que demandaria a presença de um expletivo nulo no Spec de TP da matriz. Entretanto, no momento em que “Maria” se encontra no Spec de AuxP na matriz e o expletivo nulo se encontra no Spec de TP da matriz, o sistema computacional automaticamente reconheceria aquela estrutura como uma cadeia expletivo/associado semelhante àquelas postuladas para sentenças como “There seems to be a cat in the room”, em que “there” e “a cat” formariam uma cadeia em LF, com “a cat” adjungindo-se a “there”, tornando a checagem de caso de “a cat” possível. No caso em discussão aqui, algo semelhante ocorreria, ainda que “Maria” não se beneficie de tal movimento por já ter tido o seu

caso checado. Tal movimento de adjunção de “Maria” ao expletivo nulo seria um “reflexo automático” do sistema ao detectar uma cadeia expletivo/associado. A vantagem disso sobre a análise de Ferreira é que não enfrentamos o problema de “Maria” checar caso duplamente. A evidência de que o movimento de “Maria” se estende até o Spec de TP da matriz advém do fato de que a ordem dos constituintes em PF é “Parece que Maria está feliz” e não “Parece Maria que está feliz”.

Voltando ao caso sem hiperalçamento (i.e. “Parece que Maria está feliz”), podemos dizer, então, que, entre Spell-Out e LF, “Maria” se move encobertamente/tardiamente, da posição mais alta na sentença encaixada para o especificador da projeção máxima de “parecer”, que não estaria ocupado por nada (posto que o expletivo, sendo não-referencial, não teria como receber papel temático ali). O Spec de TP da matriz estaria ocupado por um expletivo nulo, que fora gerado ali para fins de checagem de caso nominativo e de satisfação de EPP. O movimento de “Maria” para o especificador da projeção máxima de “parecer” estabelece uma relação (*quasi*-)temática entre “Maria” e “parecer”, mas, seguindo a lógica do que foi dito acima para os casos de hiperalçamento, “Maria” continuaria se movendo, adjungindo-se ao expletivo nulo anteriormente inserido no Spec de TP da matriz, após ter sido identificado pelo sistema como a cauda de uma cadeia expletivo/associado.

Basicamente, estamos afirmando que o hiperalçamento de “Maria” aconteceria sempre nos dois tipos de estrutura em PB, mas haveria uma opcionalidade entre movimento aberto e encoberto. Em ambos os casos, primeiramente “Maria” seria movido para tornar possível o descarregamento do papel temático de “parecer” e, em seguida, seria movido para Spec do TP matriz como mecanismo de formação de cadeias expletivo/associado.

Alguns dados muito interessantes surgiram a partir da observação dessas estruturas com *parecer*. Trata-se de dados bem controversos entre os informantes, porém que foram bem aceitos por alguns deles. Os dados em (71) apresentam esse mesmo tipo de estrutura “única” de *parecer* com alguns outros auxiliares em construções que não nos parecem já terem sido relacionadas na literatura:

- (71) a. Depois de tudo o que ele fez, parece que João manda e desmanda na Maria.
 b. *Depois de tudo o que ele fez, *tá* que João manda e desmanda na Maria.

c. Depois de tudo o que ele fez, continua que João manda e desmanda na Maria¹⁰³.

d. ?Depois de tudo o que ele fez, ficou que João manda e desmanda na Maria¹⁰⁴.

Há possibilidade de esse mesmo fenômeno ocorrer também com modais como *dever* como no exemplo dado pela Profa. Dra. Cilene Rodrigues no exame de qualificação desta dissertação: “Deve que a Maria está cansada”.

Esses dados foram inesperados e exigem maior reflexão e análise, mas podem servir como mais uma evidência de que *parecer* não seria completamente diferente dos outros verbos aqui apresentados e que, apesar de apresentarem comportamentos nem sempre iguais nos sugerem que nossa análise unificadora do comportamento dos auxiliares, pode estar em um caminho promissor e frutífero.

¹⁰³ Foi aceita por todos os informantes.

¹⁰⁴ Essa sentença foi considerada pior que (53c), porém aceitável pela maioria dos informantes. Um dos informantes afirmou que essa sentença seria boa só em um contexto em que esse “ficou” expresse algo pré-combinado, se o ato de mandar já fosse programado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta dissertação foi apresentar uma análise unificada para o tratamento dos verbos auxiliares do PB de acordo com os seguintes questionamentos:

1. O que são verbos auxiliares e quais suas propriedades?
2. Quais relações de predicação os verbos auxiliares podem estabelecer?
3. Quais as relações eles podem estabelecer entre si?
4. É possível dar um tratamento unificado para os verbos selecionados?

Para a descrição e análise propostas nesta dissertação, selecionamos os verbos caracterizados como auxiliares com maior frequência *ser*, *estar*, *ir* e *ter* e os verbos *permanecer*, *continuar*, *andar*, *ficar* que se comportam de forma muito similar a *estar*, além de *parecer* que, apesar de apresentar possibilidades de predicação diferentes por aceitar CPs, também se comporta similarmente aos outros verbos quando em ambiente de predicação VP e SC.

No primeiro capítulo, exploramos a falta de unidade e coerência nos estudos sobre o questionamento 1, já que cada pesquisa prevê critérios diferentes para classificação dos auxiliares de acordo com sua análise.

Os questionamentos 2, 3 e parte do questionamento 4 foram levantados no Capítulo II diante das descrições do comportamento desses verbos que demonstram diversas semelhanças entre eles. Os verbos auxiliares seriam então verbos que podem tomar como predicado outros VPs, sejam eles de auxiliares ou não, e predicados SC.

O Capítulo III apresenta a análise que nos permite afirmar que podemos, sim, ter um tratamento unificado para os verbos auxiliares se os tratarmos como verbos de controle. Essa análise partiu da observação de sentenças como as em (1) que apresentam pseudo-pronominalização de uma segunda cópia do sujeito:

- (1)
- a. João_i vai ELE_{i/*j} consertar o carro, pois ninguém se mexe.
 - b. Não sei por que ela_{i/j} está preocupada, Maria_i é ELA_{i/*j} a linda do grupo.
 - c. Maria_i está ELA_{i/*j} preparando a festa já que ninguém se manifestou.
 - d. João_i está ELE_{i/*j} sendo o intransigente aqui, não Carlos.

A proposta desta dissertação foi analisar (1) em termos de desenvolvimentos recentes do *Programa Minimalista*, mais especificamente a *Teoria de Controle por Movimento* (Hornstein 1999, 2001; Boeckx e Hornstein 2003, 2004, 2006; Hornstein e Polinski 2010; Boeckx, Hornstein e Nunes 2010), que toma controle como uma instância de movimento, segundo a qual o movimento é o resultado de aplicações das operações de *Copy* e *Merge*, seguidas de mecanismos de pronúnciação e apagamento de cópias que se encontram em relação de cadeia e que verbos auxiliares também passariam por esse processo e, havendo instância do foco estreito, uma de suas cópias normalmente apagada poderá ser pseudo-pronominalizada. Essa cópia poderá ter mais de um papel temático visto que esses verbos seriam então, atribuidores de informação temática na forma de um papel *quasi*-temático.

Há ainda diversos pontos a serem aprofundados dentro desta proposta. A questão aspectual deve ser investigada mais a fundo para que possamos dar conta das sutis nuances aspectuais de cada verbo.

Além disso, há os dados apresentados no Capítulo III, copiados abaixo, que apresentam a complementação de auxiliares por CPs da mesma forma que *parecer*:

- (2)
- a. Depois de tudo o que ele fez, parece que João manda e desmanda na Maria.
 - b. *Depois de tudo o que ele fez, *tá* que João manda e desmanda na Maria.
 - c. Depois de tudo o que ele fez, continua que João manda e desmanda na Maria.
 - d. ?Depois de tudo o que ele fez, ficou que João manda e desmanda na Maria.

Essas são algumas das questões que a proposta apresentada nesta dissertação suscita e que, por enquanto, ficam em aberto, à espera de resposta futura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 32ª ed. São Paulo, Saraiva. 1983.

AVELAR, Juanito. *Dinâmicas Morfossintáticas com ter, ser e estar em Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. 2004.

AVELAR, Juanito *Ter, Ser e Estar: dinâmicas morfossintáticas no Português Brasileiro*. Campinas: RG Editora. 2009.

BAKER, Mark *Incorporation: a theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press. 1988.

BOECKX, Cedric, and HORNSTEIN, Norbert. *Reply to “Control is not movement.”*. Cambridge, MA: MIT Press. 2003. *Linguistic Inquiry* 34: 269–280.

BOECKX, Cedric, and HORNSTEIN, Norbert. *Movement under control*. Cambridge, MA: MIT Press. 2004. *Linguistic Inquiry* 35: 431–452.

BOECKX, Cedric, and HORNSTEIN, Norbert. *The virtues of control as movement*. *Syntax* 9: 118–130. 2006.

BOECKX, Cedric, HORNSTEIN, Norbert and NUNES, Jairo. *Control as Movement*. Cambridge University Press. Cambridge. 2010.

BURZIO, L. *Italian Syntax: a government and binding approach*. Dordrecht: D. Reisel Publishing Company, 1986.

CÂMARA JR., J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes. 1970.

CHOMSKY, Noam *Syntactic Structures*. Hague: Mouton. 1957.

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, MA: MIT Press. 1965.

Chomsky, Noam. *Some empirical issues in the theory of transformational grammar*. In *Goals of linguistic theory*, ed. Paul Stanley Peters. Englewood Cliffs: Prentice-Hall Inc. 1972.

CHOMSKY, Noam. 1955. *The Logical Structure of Linguistic Theory*. New York: Plenum Press 1975.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris. 1981.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of Language: Its Nature, Origin and Use*. New York: Praeger. 1986.

CHOMSKY, Noam, and LASNIK, Howard. *The theory of principles and parameters*. In *Syntax: An International Handbook of Contemporary Research*. Berlin: Walter de Gruyter, 1993. 506–569

CHOMSKY, Noam. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press. 1995.

CHOMSKY, Noam. *Minimalist inquiries: the framework*. In Roger Martin, David Michaels, and Juan Uriagereka (eds.). *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000. 89–155.

CHOMSKY, Noam. 2001. *Derivation by phase*. In Michael Kenstowicz (ed.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 2001. 1–52.

CORSO, Sofia. *Verbos auxiliares no português brasileiro*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação de Mestrado. 2002.

CORVER, Norbert, and NUNES, Jairo. *The Copy Theory of Movement*. Amsterdam: John Benjamins. 2007.

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

EMONDS, Joseph. *The verbal complex V'-V in French*. *Linguistic Inquiry* 9(2): 151–175. 1978.

FREITAS, M. A. *Prosódia & sintaxe: delimitação e contraste de estruturas*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras. 1995.

GALLEGO, A. & J. URIAGEREKA. *Estar = ser + P*, paper presented at the 19th Colloquium on Generative Grammar, April 1-3 2009, Euskal Herriko Unibertsitatea, Vitoria-Gasteiz. 2009.

FERREIRA, Marcelo. *Argumentos Nulos em Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. 2000.

FERREIRA, Marcelo. *Hyperraising and Null Subjects in Brazilian Portuguese*. In *MIT Working Papers in Linguistics* 47: 57–85. 2004

FERREIRA, Marcelo. *Null subjects and finite control in Brazilian Portuguese*. In: NUNES, J. (Org.). *Minimalist essays on Brazilian Portuguese syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 17-49.

GUIMARÃES, Maximiliano & MENDES, Gesoel. *Interação entre Foco, Acento, Morfologia, Controle e Movimento em PB*. Trabalho apresentado no X CELSUL: UniOeste, Cascavel. 2012

GUIMARÃES, Maximiliano & MENDES, Gesoel. *Interação entre foco, morfologia e controle em PB: Evidências adicionais para a Teoria de Controle por Movimento*. *Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade*

Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2013 - v.9, n.1 (2013) Semestral ISSN 1808-835X 1.

HORNSTEIN, Norbert. *Logical Form: From GB to Minimalism*. Oxford: Blackwell. 1995.

HORNSTEIN, Norbert. *Movement and control*. Linguistic Inquiry 30(1): 69-96. 1999.

HORNSTEIN, Norbert. *Move! A Minimalist Theory of Construal*. Oxford: Blackwell. 2001.

HORNSTEIN, Norbert. & POLINSKI, M. *Movement Theory of Control*. Amsterdam: John Benjamins. 2010.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato M. *O verbo*. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, M. H. de M. Gramática do português culto no Brasil. Campinas: Unicamp, 2008.

JENKINS, L. *Modality in English Syntax*. Cambridge: MIT Dissertation, 1972.

KAYNE, R.S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: MIT Press. 1994.

LASNIK, Howard. *Syntactic structures revisited: Contemporary lectures on classic transformational theory*. Cambridge, MA: MIT Press. 2000.

LAZZARINI CYRINO, J. P. *Inserção tardia de vocabulário e as Estratégias de Reflexivização*. Anais do X Encontro do CELSUL; Cascavel. 2012.

LOBATO, Lucia M. P. *Os verbos auxiliares em português contemporâneo: critérios de auxiliaridade*. In: LOBATO, L. M. P. et alii. *Análises Lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, p. 27-91. 1975.

LOBATO, Lucia M. P. *Sintaxe Gerativa do Português: da Teoria Padrão à Teoria da Regência e Ligação*. Belo Horizonte: Vigília. 1986.

LONGO, Beatriz *A Auxiliaridade e a Expressão do Tempo em Português*. Tese de Doutorado. Araraquara: Universidade Estadual Paulista. 1991.

LUNGUINHO, Marcus *A Ordem dos Verbos Auxiliares: uma Análise em Termos de Traços*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília. 2005.

LUNGUINHO, Marcus. *Dependências morfossintáticas: a relação verbo auxiliar-forma nominal*. Revista de Estudos da Linguagem 14 (2): 457-489. 2006.

LUNGUINHO, Marcus. *Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não finitos*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2011.

MENUZZI, S. M. . *Algumas Observações sobre Foco, Contraste e Exaustividade*. Revista Letras (Curitiba), v. 86, p. 95-121, 2012.

MORO, A. *Dynamic Antisymmetry*. Cambridge, MA: MIT Press, 2000. (Linguistic Inquiry Monograph, 38).

NUNES, Jairo. *The copy theory of movement and linearization of chains in the minimalist program*. Doctoral dissertation. University of Maryland. 1995.

NUNES, Jairo. *Linearization of chains and phonetic realization of chain links*. In Samuel David Epstein and Norbert Hornstein (eds.). *Working Minimalism*. Cambridge, MA: MIT Press, 217–249. 1999.

NUNES, Jairo. *Sideward movement*. *Linguistic Inquiry* 31(2): 303–344. 2001.

NUNES, Jairo. *Explorando a Teoria de Movimento por Cópia no Programa Minimalista*. In: E. Albano et al. (orgs.): *Saudades da Língua*, 273-284. Mercado de Letras, 2003.

NUNES, Jairo. *Linearization of Chains and Sideward Movement*. Cambridge: MIT Press. 2004.

PERINI, Mário Alberto. *A gramática gerativa; introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte. Vigília. 1976.

PERINI, Mário *A Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.

PERLMUTTER, D. *Impersonal passives and the Unaccusative Hypothesis*. Berkeley: Linguistics Society 4, 1978, p.157-189

PIMENTA-BUENO, Mariza. *Aspects of Verbal Syntax in Brazilian Portuguese within the Framework of the Extended Theory of Grammar*. Tese (Doutorado) - Stanford University, Stanford. 1983.

PONTES, Eunice. *Estrutura do Verbo no Português Coloquial*. Petrópolis: Vozes. 1972.

PONTES, Eunice. *Verbos auxiliares no português*. Petrópolis: Vozes. 1973.

PULLUM, Geoffrey & WILSON, Deirdre. *Autonomous syntax and the analysis of auxiliaries*. *Language* 53(4): 741-788. 1977.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 27 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio. 1986.

ROSS, John Robert. *Auxiliaries as main verbs*. In: TODD, William (ed.) *Studies in Philosophical Linguistics. Series One*. Evanston, Illinois: Great Expectations Press, p. 77-104. 1969.

SCHMITT, C. *Semi-copulas: Event and aspectual composition*. In P. Kempchinsky & R. Slabakova (Eds.), *Syntax, semantics and the acquisition of aspect* (pp. 121-145). Dordrecht: Kluwer. 2005.

- STOWELL, T. *Origins of Phrase Structure*. PhD Dissertation. MIT. 1981.
- TAVARES DE MACEDO, Alzira. *Dois Modelos de Análise para os Auxiliares em Português*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1972.
- WACHOWICZ, Teresa Cristina. *As leituras aspectuais da forma do progressivo do português brasileiro*. Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.
- WACHOWICZ, Teresa Cristina. 2007. *Auxiliary and Aspectualizer verbs: some syntactic and semantic distinctions*. Revista Letras: Curitiba, n. 73, p. 223-234, set./dez. Editora da UFPR. 2007.
- WILLIAMS, Edwin. *Thematic Structure in Syntax*. Cambridge, MA: MIT PRESS. 1994.
- ZAGONA, K. *Ser and Estar: phrase structure and aspect*. In: Chiyo Nishida & Cinzia Russi (eds.), *Selected Proceedings of Chronos 8*. Cahiers Chronos, Amsterdam: Rodopi. 2010.
- ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, focus, and word order*. Linguistic Inquiry Monograph 33. Cambridge, Mass: The MIT Press. 1998.

APÊNDICE

SENTENÇAS BASE PARA DESCRIÇÃO DO COMPORTAMENTO DE CADA VERBO AUXILIAR APRESENTADA NO CAPÍTULO II.

1. PERMANECER

- (1)
 - a. *Maria é/foi permanecido boba.
 - b. Maria permanece sendo boba.
 - c. *Maria é/foi permanecido chorando.
 - d. Maria permanece sendo vista por João.
- (2)
 - a. Maria está permanecendo cansada
 - b. ?Maria permanece estando cansada.
 - c. *Maria está permanecendo estudando.
 - d. *Maria permanece estando estudando.
- (3)
 - a. Maria fica permanecendo cansada.
 - b. Maria permanece ficando cansada.
 - c. *Maria fica permanecendo chorando.
 - d. *Maria permanece ficando chorando.
- (4)
 - a. Maria continua permanecendo cansada.
 - b. Maria permanece continuando cansada.
 - c. *Maria continua permanecendo chorando.
 - d. *Maria permanece continuando chorando.
- (5)
 - a. Maria anda permanecendo cansada.
 - b. Maria permanece andando cansada ultimamente.
 - c. *Maria anda permanecendo chorando.
 - d. *Maria permanece andando chorando.
- (6)
 - a. Maria parece permanecer boba.

-
- b. Maria permanece parecendo boba.
- c. Maria parece permanecer chorando.
- d. Maria permanece parecendo chorar.
- (7) a. Maria vai permanecer cansada amanhã.
- b. *Maria permanece indo cansada amanhã.
- c. Maria vai permanecer chorando amanhã.
- d. Maria permanece indo chorar.
- (8) a. Maria tem permanecido cansada ultimamente.
- b. *Maria permanece tendo cansada.
- c. Maria tem permanecido chorando muito.
- d. *Maria permanece tendo chorado muito.
- (9) a. Maria permanece parecendo ser controlada por Paulo.
- b. Maria parece permanecer sendo controlada por Paulo.
- c. *Maria parece ser permanecido controlada por Paulo.
- (10) a. Maria permanece parecendo ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
- b. *Maria permanece ficando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
- c. Maria fica parecendo permanecer chateada de propósito/chorando de propósito.
- d. *Maria fica permanecendo parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
- e. Maria parece permanecer ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.
- f. Maria parece ficar permanecendo chateada de propósito/*chorando de propósito.
- (11) a. Maria vai ficar permanecendo chateada de propósito/*chorando de propósito.

b. Maria vai permanecer ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.

c. Maria permanece indo ficar acordada a noite toda/chorando de propósito.

d. *Maria permanece ficando indo chateada de propósito/chorar de propósito.

e. Maria fica indo permanecer chateada de propósito/chorando de propósito.

f. *Maria fica permanecendo indo chateada de propósito/chorar de propósito.

(12) a. *Maria permanece continuando andando chateada/chorando ultimamente.

b. *Maria continua permanecendo andando chateada/chorando ultimamente.

c. *Maria anda continuando permanecendo chateada/chorando ultimamente.

2. CONTINUAR

(13) a. *Maria é/foi continuada boba.

b. Maria continua sendo boba.

c. *Maria é/foi continuada chorando.

d. Maria continua sendo vista por João.

(14) a. Maria está continuando cansada

b. ?Maria continua estando cansada.

c. *Maria está continuando estudando.

d. *Maria continua estando estudando.

(15) a. Maria fica continuando cansada.

b. Maria continua ficando cansada.

c. *Maria fica continuando chorando.

d. *Maria continua ficando chorando.

(16) a. Maria permanece continuando cansada.

b. Maria continua permanecendo cansada.

c. *Maria permanece continuando chorando.

d. *Maria continua permanecendo chorando.

(17) a. Maria anda continuando cansada.

-
- b. Maria continua andando cansada ultimamente.
c. *Maria anda continuando chorando.
d. *Maria continua andando chorando.
- (18) a. Maria parece continuar boba.
b. Maria continua parecendo boba.
c. Maria parece continuar chorando.
d. Maria continua parecendo chorar.
- (19) a. Maria vai continuar cansada amanhã.
b. *Maria continua indo cansada amanhã.
c. Maria vai continuar chorando amanhã.
d. Maria continua indo chorar.
- (20) a. Maria tem continuado cansada ultimamente.
b. *Maria continua tendo cansada.
c. Maria tem continuado chorando muito.
d. *Maria continua tendo chorado muito.
- (21) a. Maria continua parecendo ser controlada por Paulo.
b. Maria parece continuar sendo controlada por Paulo.
c. *Maria parece ser continuada controlada por Paulo.
- (22) a. Maria continua parecendo ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
b. *Maria continua ficando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
c. Maria fica parecendo continuar chateada de propósito/chorando de propósito.
d. *Maria fica continuando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
e. Maria parece continuar ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.

f. Maria parece ficar continuando chateada de propósito/*chorando de propósito.

- (23) a. Maria vai ficar continuando chateada de propósito/*chorando de propósito.
 b. Maria vai continuar ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.
 c. Maria continua indo ficar acordada a noite toda/chorando de propósito.
 d. *Maria continua ficando indo chateada de propósito/chorar de propósito.
 e. Maria fica indo continuar chateada de propósito/chorando de propósito.
 f. *Maria fica continuando indo chateada de propósito/chorar de propósito.
- (24) a. *Maria permanece continuando andando chateada/chorando ultimamente.
 b. *Maria continua permanecendo andando chateada/chorando ultimamente.
 c. *Maria anda continuando permanecendo chateada/chorando ultimamente.

3. ANDAR

- (25) a. *Maria é/foi andada boba.
 b. Maria anda sendo boba ultimamente.
 c. *Maria é/foi andada chorando.
 d. Maria andou sendo vista por João.
- (26) a. ?Maria está andando cansada ultimamente.
 b. ?Maria anda estando cansada ultimamente.
 c. *Maria está andando estudando ultimamente.
 d. *Maria anda estando estudando ultimamente.
- (27) a. ?Maria fica andando cansada ultimamente.
 b. Maria anda ficando cansada ultimamente.
 c. *Maria fica andando chorando ultimamente.
 d. *Maria anda ficando chorando ultimamente.
- (28) a. ?Maria permanece andando cansada ultimamente.
 b. Maria anda permanecendo cansada ultimamente.

- c. *Maria permanece andando chorando ultimamente.
d. *Maria anda permanecendo chorando ultimamente.
- (29) a. ?Maria continua andando cansada ultimamente.
b. Maria anda continuando cansada ultimamente.
c. *Maria continua andando chorando ultimamente.
d. *Maria anda continuando chorando ultimamente.
- (30) a. Maria parece andar cansada ultimamente.
b. Maria anda parecendo cansada ultimamente.
c. Maria parece andar chorando ultimamente.
d. Maria anda parecendo chorar ultimamente.
- (31) a. *Maria vai andar cansada amanhã.
b. *Maria anda indo cansada amanhã.
c. *Maria vai andar chorando amanhã.
d. Maria anda indo chorar escondido¹.
- (32) a. Maria tem andado cansada ultimamente.
b. *Maria anda tendo cansada.
c. Maria tem andado chorando muito.
d. *Maria anda tendo chorado muito.
- (33) a. Maria anda parecendo ser controlada por Paulo.
b. Maria parece andar sendo controlada por Paulo.
c. *Maria parece ser andada controlada por Paulo.
- (34) a. Maria anda parecendo ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
b. *Maria anda ficando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
c. Maria fica parecendo andar chateada de propósito/chorando de propósito.
d. *Maria fica andando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
e. Maria parece andar ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.
f. Maria parece ficar andando chateada de propósito/*chorando de propósito.

- (35) a. ?Maria vai ficar andando chateada de propósito/*chorando de propósito.
 b. *Maria vai andar ficando chateada de propósito/chorando de propósito.
 c. Maria anda indo ficar acordada a noite toda/chorando de propósito.
 d. *Maria anda ficando indo chateada de propósito/chorar de propósito.
 e. ?Maria fica indo andar chateada de propósito/chorando de propósito.
 f. *Maria fica andando indo chateada de propósito/chorar de propósito.
- (36) a. *Maria permanece continuando andando chateada/chorando ultimamente.
 b. *Maria continua permanecendo andando chateada/chorando ultimamente.
 c. *Maria anda continuando permanecendo chateada/chorando ultimamente.

4. FICAR

- (37) a. *Maria é/foi ficado boba.
 b. Maria ficou sendo boba.
 c. *Maria é/foi ficado chorando.
 d. Maria ficou sendo vista por João.
- (38) a. Maria está ficando cansada com frequência¹⁰⁵.
 b. ?Maria fica estando cansada.
 c. *Maria está ficando estudando.
 d. *Maria fica estando estudando.
- (39) a. Maria permanece ficando cansada.
 b. ?Maria fica permanecendo cansada.
 c. *Maria permanece ficando chorando.
 d. *Maria fica permanecendo chorando.
- (40) a. Maria continua ficando cansada.
 b. Maria fica continuando cansada.
 c. *Maria continua ficando chorando.
 d. *Maria fica continuando chorando.

¹⁰⁵ No contexto de que Maria está sempre cansada, assim ela fica neste estado, de estar cansada, com frequência.

- (41) a. Maria anda ficando cansada.
b. ?Maria fica andando cansada ultimamente.
c. *Maria anda ficando chorando.
d. *Maria fica andando chorando.
- (42) a. Maria parece ficar boba .
b. Maria fica parecendo boba.
c. Maria parece ficar chorando.
d. Maria fica parecendo chorar.
- (43) a. Maria vai ficar cansada amanhã.
b. *Maria fica indo cansada amanhã.
c. Maria vai ficar chorando amanhã.
d. Maria fica indo chorar.
- (44) a. Maria tem ficado cansada ultimamente.
b. *Maria fica tendo cansada.
c. ?Maria tem ficado chorando muito.
d. *Maria fica tendo chorado muito.
- (45) a. Maria fica parecendo ser controlada por Paulo.
b. *Maria fica estando sendo controlada por Paulo.
c. *Maria parece ser ficada controlada por Paulo.
- (46) a. Maria está parecendo ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
b. *Maria está ficando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
c. ?Maria estar chateada de propósito/chorando de propósito.
d. *Maria fica estando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
e. Maria parece estar ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.
f. ?Maria parece ficar estando chateada de propósito/*chorando de propósito.
- (47) a. ?Maria vai ficar estando chateada de propósito/*chorando de propósito.

- b. Maria vai estar ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.
- c. Maria está indo ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
- d. *Maria está ficando indo chateada de propósito/chorar de propósito.
- e. *Maria fica indo estar chateada de propósito/chorando de propósito.
- f. *Maria fica estando indo chateada de propósito/chorar de propósito.

- (48)
- a. *Maria está ficando andando chateada/chorando ultimamente.
 - b. *Maria fica estando andando chateada/chorando ultimamente.
 - c. *Maria anda ficando estando chateada/chorando ultimamente.

5. PARECER

- (49)
- a. *Maria é/foi parecida boba.
 - b. Maria parece ser boba.
 - c. *Maria é/foi parecida chorando.
 - d. Maria parece ser vista por João.
- (50)
- a. Maria está parecendo cansada.
 - b. Maria parece estar cansada.
 - c. Maria está parecendo estudar.
 - d. Maria parece estar estudando.
- (51)
- a. Maria fica parecendo cansada.
 - b. Maria parece ficar cansada.
 - c. Maria fica parecendo chorar.
 - d. Maria parece ficar chorando.
- (52)
- a. Maria permanece parecendo cansada.
 - b. Maria parece permanecer cansada.
 - c. Maria permanece parecendo chorar.
 - d. Maria parece permanecer chorando.
- (53)
- a. Maria continua parecendo cansada.

-
- b. Maria parece continuar cansada.
c. Maria continua parecendo chorar.
d. Maria parece continuar chorando.
- (54) a. Maria anda parecendo cansada.
b. Maria parece andar cansada.
c. Maria anda parecendo chorar.
d. Maria parece andar chorando.
- (55) a. Maria vai parecer cansada amanhã.
b. *Maria parece ir cansada amanhã.
c. Maria vai parecer chorar amanhã.
d. Maria parece ir chorar escondido.
- (56) a. Maria tem parecido cansada ultimamente.
b. *Maria parece ter cansada.
c. ?Maria tem parecido chorar muito.
d. Maria parece ter chorado muito.
- (57) a. Maria está parecendo ser controlada por Paulo.
b. Maria parece estar sendo controlada por Paulo.
c. *Maria parece ser estado controlada por Paulo.
- (58) a. Maria está parecendo ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
b. *Maria está ficando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
c. ?Maria fica parecendo estar chateada de propósito/chorando de propósito.
d. *Maria fica estando parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
e. Maria parece estar ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.
f. ?Maria parece ficar estando chateada de propósito/*chorando de propósito.
- (59) a. ?Maria vai ficar parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
b. Maria vai parecer ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
c. Maria parece ir ficar chateada de propósito/chorando de propósito.

- d. Maria parece ficar indo *chateada de propósito/chorar de propósito.
- e. *Maria fica indo parecer chateada de propósito/chorar de propósito.
- f. Maria fica parecendo ir *chateada de propósito/chorar de propósito.

6. IR

- (60)
 - a. *Maria é/foi indo boba.
 - b. Maria vai ser boba.
 - c. *Maria é/foi indo chorando.
 - d. Maria vai ser vista por João.
- (61)
 - a. *Maria está indo cansada.
 - b. Maria vai estar cansada.
 - c. Maria está indo estudar.
 - d. Maria vai estar estudando amanhã.
- (62)
 - a. *Maria fica indo cansada.
 - b. Maria vai ficar cansada.
 - c. Maria fica indo chorar.
 - d. Maria vai ficar chorando.
- (63)
 - a. *Maria permanece indo cansada.
 - b. Maria vai permanecer cansada.
 - c. Maria permanece indo chorar.
 - d. Maria vai permanecer chorando.
- (64)
 - a. *Maria continua indo cansada.
 - b. Maria vai continuar cansada.
 - c. Maria continua indo chorar escondido.
 - d. Maria vai continuar chorando.
- (65)
 - a. *Maria anda indo cansada.
 - b. *Maria vai andar cansada.

-
- c. Maria anda indo chorar bastante.
d. *Maria vai andar chorando.
- (66) a. *Maria parece ir cansada.
b. Maria vai parecer cansada amanhã.
c. Maria parece ir chorar escondido.
d. ?Maria vai parecer chorar escondido.
- (67) a. *Maria tem ido cansada ultimamente.
b. *Maria vai ter cansada.
c. Maria tem ido chorar muito.
d. Maria vai ter chorado muito até o fim do dia.
- (68) a. Maria vai parecendo ser controlada por Paulo.
b. *Maria parece ir ser controlada por Paulo.
c. *Maria parece ser ido controlada por Paulo.
- (69) a. Maria vai parecer ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
b. Maria vai ficar parecendo chateada de propósito/?chorar de propósito.
c. Maria fica parecendo ir *chateada de propósito/chorar de propósito.
d. Maria fica indo parecer chateada de propósito/chorar de propósito.
e. Maria parece ir ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
f. Maria parece ficar indo *chateada de propósito/chorar de propósito.
- (70) a. Maria está indo ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
b. *Maria está ficando indo chateada de propósito/chorar de propósito.
c. ?Maria fica indo estar chateada de propósito/chorando de propósito.
d. *Maria fica estando indo chateada de propósito/chorar de propósito.
e. Maria vai estar ficando chateada de propósito/*chorando de propósito.
f. ?Maria vai ficar estando chateada de propósito/*chorando de propósito.
- (71) a. ?Maria vai continuar parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
b. Maria vai parecer continuar chateada de propósito/chorando de propósito.

- c. Maria parece ir continuar chateada de propósito/chorando de propósito.
- d. Maria parece continuar indo *chateada de propósito/chorar de propósito.
- e. ?Maria continua indo parecer chateada de propósito/chorar de propósito.
- f. Maria continua parecendo ir *chateada de propósito/chorar de propósito.

7. TER

- (72) a. *Maria é/foi tido boba.
b. Maria tem sido boba.
c. *Maria é/foi tido chorado.
d. Maria tem sido vista por João.
- (73) a. *Maria está tendo cansada.
b. Maria tem estado cansada.
c. *Maria está tendo estudado.
d. Maria tem estado estudando muito.
- (74) a. *Maria fica tendo cansada.
b. Maria tem ficado cansada.
c. *Maria fica tendo chorado.
d. Maria tem ficado chorando.
- (75) a. *Maria permanece tendo cansada.
b. Maria tem permanecido cansada.
c. ?Maria permanece tendo chorado.
d. Maria tem permanecido chorando.
- (76) a. *Maria continua tendo cansada.
b. Maria tem continuado cansada.
c. Maria continua tendo chorado escondido.
d. Maria tem continuado chorando muito.
- (77) a. *Maria anda tendo cansada.

- b. Maria tem andado cansada.
 c. *Maria anda tendo chorado bastante.
 d. Maria tem andado chorando.
- (78) a. *Maria parece ter cansada.
 b. Maria tem parecido cansada amanhã.
 c. Maria parece ter chorado escondido.
 d. Maria tem parecido chorar escondido.
- (79) a. *Maria tem ido cansada ultimamente.
 b. *Maria vai ter cansada.
 c. Maria tem ido chorar muito.
 d. Maria vai ter chorado muito até o fim do dia.
- (80) a. Maria tem parecido ser controlada por Paulo.
 b. Maria parece ter sido controlada por Paulo.
 c. *Maria parece ser tido controlada por Paulo.
- (81) a. Maria tem parecido ficar chateada de propósito/chorando de propósito.
 b. ?Maria tem ficado parecendo chateada de propósito/?chorar de propósito.
 c. Maria fica parecendo ter *chateada de propósito/chorado de propósito.
 d. *Maria fica tendo parecido chateada de propósito/chorar de propósito.
 e. Maria parece ter ficado chateada de propósito/chorando de propósito.
 f. *Maria parece ficar tendo chateada de propósito/chorado de propósito.
- (82) a. ?Maria tem continuado parecendo chateada de propósito/chorar de propósito.
 b. ?Maria tem parecido continuar chateada de propósito/chorando de propósito.
 c. Maria parece ter continuado chateada de propósito/chorando de propósito.
 d. ?Maria parece continuar tendo *chateada de propósito/chorado de propósito.
 e. ?Maria continua tendo parecido chateada de propósito/chorar de propósito.
 f. Maria continua parecendo ter *chateada de propósito/chorado de propósito.